

# ★ IRMÃOS COLACHO OU PRESIDENTES DA AMÉRICA

Farsa em três atos e cinco quadros

Tradução: Hugo Villavicenzio

Hugo Villavicenzio (Humberto Hugo Villavicencio Garcia) nasceu em Lima, Peru, em 1950; reside em São Paulo, Brasil, desde 1975. É ator, diretor, professor, tradutor, pesquisador de teatro. Mestre em Artes pela IA-Unesp (2012), bacharel em Comunicação Social pela ECA-USP (1982), graduado como ator profissional pela Escuela Nacional Superior de Arte Dramático de Lima, em 1974. Em 2005 criou o grupo independente Conexão Latina de Teatro.

## Primeiro ato Primeiro quadro

*Meio-dia ensolarado em Taque, uma aldeia dos Andes. Interior da vendinha dos irmãos Acidal e Mordel Colacho.*

*No fundo, uma porta que deixa ver a rua, umas poucas casas de pau a pique e alguns arbustos. Em primeiro plano, à esquerda, uma portinhola que leva à cozinha. Em primeiro plano, à direita, a cama dos irmãos, que são peles de ovelhas e um toско cobertor, jogados no chão. No centro, um balcão baixo paralelo à rua. Nas paredes, estantes para garrafas e outras mercadorias de primeira necessidade. O conjunto tem um aspecto miserável e simplório.*

*É domingo, dia de eleição para deputado. Vemos passar pela rua um número grande de camponeses. São homens e mulheres que vão e voltam do campo. Alguns estão bêbados e briguentos. Outros cantam ou tocam instrumentos típicos. Acidal Colacho está muito atarefado arrumando as mercadorias nas prateleiras do jeito mais propício para os clientes. Acidal tem 40 anos, é atarracado, vermelhusco e suarento. O cabelo preto e hirsuto parece que nunca foi penteado. Ele é do tipo mestiço, mais para indígena do que para espanhol. Veste roupa pobre e surrada. Usa*

*camisa suja sem colarinho nem punhos aparentes. Calça alpargatas. Resumindo, o seu aspecto e suas maneiras são as de um operário a quem o patrão deixara encarregado da mercearia. Um cliente de uns 30 anos, provavelmente o mestre escola do lugar, lê o jornal sentado em uma caixa perto da porta que conduz à rua.*

## Cena I

*Acidal, a criança e a mãe.*

**Acidal** *(falando para os passantes sem deixar de trabalhar)* Vamos entrando, vamos entrando! Bom, bonito e barato! Cigarros amarelos! Sal! Pimenta seca! Lenços quase de seda! Velas brancas! Vamos entrando, vamos entrando! Bom, bonito e barato!

**Uma criança** *(da porta da loja, segurando a mão da mãe)* Tem linha preta, patrãozinho?

**Acidal** Podem entrar. Quantos carretéis vocês querem?

**A mãe** *(entrando com a criança)* Só um, de número quarenta. Quanto custa?

**Acidal** *(disposto a vender mais)* Quer dizer... Só querem isso? Não estariam precisando de mais alguma coisa? Anilina? Fósforos? Um bom sabonete?

**A mãe** O que a gente está precisando é só linha preta, patrãozinho.

**Acidal** Mas, minha filha, na falta de linha preta, o sabão é bom. Quando a roupa fica muito velha é melhor lavar do que remendar. Tem que ser bem lavada, ensaboada com bastante sabão, para ficar deslumbrante feito nova. Vou lhes vender um sabonete que faz milagres! (*mostra o sabonete*)

**A criança** (*saindo com a mãe*) A gente está com pressa. Se o patrãozinho não tem linha preta...

**Acidal** Não vão embora. Também tenho balas de limão, manteiga, pílulas para a dor de dente, para as hemorroidas e para o mal do sonho. (*ele vai até à porta e grita para os passantes*) Vamos entrando, rapazes! Apaixonados! Sanfoneiros! Cantores! Temos aguardente, fumo de corda, folhas de coca de Huayambo e cal em pó! Tudo bom e barato! (*dois rapazes se aproximam de Acidal, um tocando a sanfona e o outro dançando um baile indígena e batendo palmas*) Belo porre de vocês! Vamos entrando! O que vamos beber?

## Cena II

*Acidal e dois rapazes*

**Rapaz 1** Benza Deus, patrão! Tem cachaça? (*contando suas moedas*)

**Acidal** Temos, rapaz! Quanto você quer?

**Rapaz 2** Olha, patrão, faça um desconto pra os pobres!

**Acidal** (*segurando uma garrafa na mão*) Cinquenta centavos a garrafa, com casco e tudo. É que cachaça! É só tomar um gole que você já fica vendo porco voar!

**Rapaz 1** Tá muito caro, patrão.

**Rapaz 2** Quanto você falou, patrão?

**Acidal** Cinquenta centavos a garrafa. Mas para vocês, com a condição de que voltem sempre a comprar nesta casa, vou grudar na garrafa um papel colorido com meu nome, como presente especial pra vocês dois. (*escreve a lápis qualquer coisa num pedaço de papel colorido*

*e gruda na garrafa*) Pronto, aqui está! Podem levar! Mesmo que meu negócio fique às moscas! (*abismados pelo cinismo de Acidal, os rapazes ficam pensativos, Acidal acredita que o silêncio dos rapazes é sinal de ignorância*) Ainda não conseguem entender? Seus bestalhões! Para qualquer cliente, a garrafa custa cinquenta centavos.

**Os dois rapazes** Cinquenta centavos.

**Acidal** Porém, para vocês eu dou além da garrafa um presente especial: um papel colorido com meu nome para que voltem sempre a comprar aqui. Perceberam? (*fica de costas arrumando as estantes*) A coisa é simples assim.

**Rapaz 1** (*aproveitando que Acidal não consegue enxergar, pega uma garrafa do balcão e a passa pra seu colega*) Simples demais, patrão. Que Deus lhe pague pelo seu papel colorido. (o Rapaz 2 se esforça por esconder a garrafa roubada)

**Acidal** (*ainda de costas*) Aqui ninguém rouba ninguém, meus amigos. Nós, irmãos Colacho somos pobres, porém honrados.

**Rapaz 1** (*ajudando o companheiro a embolsar a garrafa*) Eu também falo para mim: ser honrado é bom demais!

**Rapaz 2** E Deus está vendo tudo!

**Acidal** (*continua de costas*) E tem aquele ditado que diz: “Ninguém deixa esta vida sem pagar o que deve”. (*nisso, uma garrafa escapa de suas mãos, mas ele a pega no ar*) Epa! (*nesse mesmo instante o Rapaz 2 consegue esconder a garrafa roubada. Acidal volta-se rapidamente para seus clientes com a garrafa salva nas mãos*) Ela está viva! Garrafa do demo! Que jeito de escorregar!

**Rapaz 2** Veja você! Muito escorregadia essa garrafa!

**Rapaz 1** (*pagando*) Graças a Deus que o patrão é esperto! De outro jeito...

**Acidal** Então? Ficaram contentes? É uma cachaça de 399,934 graus! Especial para... Vocês trabalham com que mesmo? (*recolhe as moedas e*

*o Rapaz 1 pega do balcão a garrafa com o papel colorido)*

**Rapaz 1** Somos pastores, patrão.

**Acidal** *(limpando o balcão)* Esta minha cachaça foi feita especialmente para os pastores. Todos os animais, sobretudo os bois, nas festas de São Pedro e São Paulo, procuram pelos seus pastores por causa do cheiro da minha cachaça. Com essa cachaça não há ovelha perdida, nem porca roubada.

*Mordel Colacho entra apressado e mal-humorado. Mordel é irmão gêmeo de Acidal, eles são assustadoramente parecidos, física e moralmente. As roupas de Mordel são tão pobres como as de Acidal.*

### Cena III

*Acidal e Mordel, sem os rapazes.*

**Mordel** *(tira o boné e enxuga o suor do rosto)* Ufa! Tô suando que nem um bicho! Como andam as vendas?

**Acidal** Pior, impossível.

**Mordel** *(abrindo o caixa do balcão e contando o dinheiro)* Quanto você vendeu desde que fui embora de manhã? *(os dois rapazes vão embora dançando)*

**Acidal** A manhã inteira, três pesos e 95 centavos.

**Mordel** Apenas três pesos e 95 centavos durante toda a manhã?

**Acidal** O pessoal não fica na porta nem para bisbilhotar. Não sei como é que vamos pagar o Tuco!

**Mordel** Danem-se o Tuco e os quatro gatos pretos! A gente paga quando puder!

**Acidal** O velho tá bravo com a gente. A Chepa, que acabou de passar aqui, disse que sua irmã Tomasa ouviu ontem o Tuco falar que vai nos processar.

**Mordel** *(abocanhando umas bolachas)* Tenho uma fome do cão!

**Acidal** Desse jeito você acaba com a caixa de bolachas! Mesmo vendo a situação em que a gente se encontra, você fica engolindo a mercadoria da loja.

**Mordel** Ontem à noite deixei três batatas na panela grande. Quem será que comeu tudo? *(jogando as bolachas na cara do irmão)* Pode comer também! Bom proveito! *(pausa. Mordel caminha colérico pela loja enquanto Acidal continua arrumando as prateleiras. De repente, Mordel pega um copo para beber água de um garrafão que fica no extremo do balcão)*

**Acidal** E agora fica bebendo água benta! Vai ser folgado assim!

**Mordel** *(surpreso)* Como é que é? Que dia é hoje mesmo?

**Acidal** Nem quarta nem quinta. Não tá sabendo que é domingo?

**Mordel** Domingo... Domingo ao meio-dia e o garrafão de água benta ainda está cheio!

**Acidal** Olha só! E quem foi hoje andar uma légua longe daqui, lá no poço da Cleta, pra pegar essa água benta? Foi você?

**Mordel** Então é verdade que você não conseguiu vender um único copo de água benta durante toda a manhã? *(Acidal não responde)* Vai ver que o padre já está sabendo e mandou ninguém comprar.

**Acidal** Além do mais, a velha Romasinda voltou a negar as sobras de pão.

**Mordel** Isso porque você não soube implorar direito.

**Acidal** Tá bom! Dá pra pedir à vizinha, uma, duas e até três vezes por uma sobra de pão, inventando qualquer desculpa, mas não dá pra pedir todos os dias durante vários meses seguidos.

**Mordel** E por que não?

**Acidal** Porque ela acaba percebendo que se trata de sobra de pão para comer.

**Mordel** Você não falou pra velha que era para curar um furúnculo?

**Acidal** Então a velha falou que o furúnculo era muito folgado e me deixou na mão.

**Vozes de alerta na rua** Peira! Peira! Lá vem o Peira! *(alguns passantes fogem e os irmãos Colacho ficam apavorados)*

**Acidal** Temos que fechar a porta!

*Porém é tarde. Peira aparece na porta da loja, ele é um destemido revolucionário e ao mesmo tempo o melhor alfaiate do lugar. Está bêbado. Usa cartola e casaca, mas está sem camisa. Leva na cintura uma longa faixa vermelha que se estende pelo chão, perdendo-se na rua. Os irmãos Colacho ficam pasmos ao vê-lo.*

#### Cena IV

*Acidal, Mordel, Peira e depois a mulher e filhos*

**Peira** *(ainda na porta, desenha num gesto militar com o indicador uma grande circunferência em volta da loja)* Por toda parte! Botar fogo por toda parte! *(fala para a multidão invisível que o segue)* Podem começar pelo balcão! É mais estratégico! Cadê os fósforos? Depressa! O que estão esperando? *(avança até o centro da loja com ar de dono absoluto da situação)* É bem provável que a partir daqui o fogo, alimentado pela gasolina e o álcool que existem na loja, consiga desde o início se expandir por cima dos chapéus dos passeantes na direção das casas próximas, até atingirem sucessivamente a torre do sino, a casa paroquial, a igreja, a casa da amante do padre e a prefeitura. Acabando finalmente como um aprazível esplendor já quase rural nas traves das choupanas periféricas. O mais importante é que... Espera um momento! Deixa ver...

Deixa ver... Hum! É isso! A gente conseguiria nosso objetivo de forma menos onerosa para a revolução se o fogo comesse na cozinha da loja. *(avança decidido em direção à cozinha)* Venham comigo! *(a mulher de Peira aparece na porta da loja, levando em suas mãos a ponta*

*da fita que seu marido carrega enrolada na sua cintura; Ela está rodeada de crianças do povoado que riem desbragadamente)*

**A mulher** Benhê! O juiz reconheceu sua casaca e está no teu encaço. Falou que deu a casaca para você limpar e não para ficar usando. *(as crianças riem)*

**Peira** *(continuando com suas reflexões bélicas)* Cidadãos! Não tenham piedade! O momento é muito grave! Certamente sou um homem e nessa condição tenho, sob a casaca que o juiz deu para costurar, um coração humano e sensível às desgraças alheias. Porém, concidadãos, a revolução não tem nada a ver com corações e casacas. *(falando para a multidão invisível)* Como é que é? O que vocês estão falando? Eu sei muito bem, meus senhores! Compreendo perfeitamente a vossa sagrada cólera civil! Façam de vosso jeito! Ponham fogo! Saqueiem! Matem! Violem... *(uma arfada interrompe seu discurso, mas num gesto rápido ele tenta aproximar-se do balcão)*

**A mulher** *(puxando fortemente a fita que tem em mãos)* Benhê! Cuidado! Não vai vomitar na casaca do juiz! *(as crianças riem)*

**Peira** *(depois de ter levado uma chacoalhada, volta-se gentil pra sua mulher)* Coitada da minha esposa! Criatura incivilizada! Colo sem entranhas! Cabecinha oca!

**A mulher** *(chorando)* Você me envergonha, benhê!

**Peira** O que você quer de mim, mulher?

**A mulher** Vamos embora pra casa. Você é a piada de todos! Você sofre de alucinações. *(quanto mais chora, mais as crianças gargalham)*

**Peira** Escuta aqui, desgraça de mulher, na minha condição de chefe político e militar supremo do norte, do centro e do nordeste do país, é impossível fazer-te confidente dos meus planos...

**Acidal** *(à parte, para Mordel)* Dá um assento pra ele. Vai cair no chão! *(Mordel hesita, mas não faz nada)*

**Peira** *(para sua mulher)* Sim, eu tenho meus segredos! Mas você não ia conseguir entender nada da minha admirável missão. Não faria outra coisa senão continuar censurando-me no lugar de me apoiar e aplaudir. *(Acidal faz um gesto misterioso para Mordel)*

**A mulher** Por que você teima em vestir a roupa dos teus clientes? A semana passada foi a calça do capitão.

**Peira** Tá bom, Senda, meu amor, vamos acabar com isso, me fala quanto é 9 vezes 7? Fala quanto é? Fala! Ou simplificando, quanto é 7 vezes 9? Quanto é? Fala!

**A mulher** Você sempre pergunta isso porque sabe que não conheço nem as letras do meu nome.

**Peira** *(para os irmãos Colacho)* Perceberam? Perceberam?

**A mulher** O que tem a ver os números com tua bebedeira?

**Peira** Você não tem vergonha, Senda? É tão ignorante e obtusa que não consegue saber quanto é 9 vezes 7, coisa que qualquer criança de escola sabe. Com que direito pretende arvorar-se juíza dos meus atos? Uma mulher que não sabe patavina de nada, mesmo assim, pretende me ensinar o que posso e não posso fazer? Onde já se viu uma coisa dessas? Meus Senhores, vamos mudar de assunto! *(a Mulher abaixa a cabeça, completamente envergonhada, enquanto o alfaiate fala com os irmãos Colacho em tom apocalíptico)* É chegado por fim o derradeiro dia! A cidade será completamente arrasada! Silêncio! Ninguém pode falar nada! Chega! Não adianta implorar! Todos vocês vão desaparecer! Lamento, mas é inevitável! *(a Mulher larga a ponta da fita que segurava saindo humilhada e vencida na direção da rua, enquanto Peira fala para ela.)* Vá embora mulher! Quando você aprender quanto é 7 vezes 9, só então saberá se eu estou certo ou errado de vestir ou não as roupas dos meus

clientes. Vá embora! *(a Mulher sai no meio do silêncio das crianças que a olham pasmados)*

**Acidal** *(suplicando)* Por favor, senhor Peira!

**Peira** *(implacável)* Falei que não adianta! Ninguém será poupado!

**Acidal** Senhor Peira, pelo menos deixa a gente salvar o dinheiro das vendas.

**Peira** *(vingativo)* Ah! Incluindo os últimos grãos e bichos do que extorquiram do povo. Salafrários! O castigo será terrível! Dente por dente e olho por olho!

**Acidal** *(de mãos juntas)* Os panos, senhor Peira! Misericórdia!

**Peira** *(de repente, caminha decidido e cruel em direção da porta da loja, gritando)* Cidadãos! Fósforos! Rápido! Fósforos! Estão esperando o quê? *(ele sai rodeado pelas crianças que fazem grande algazarra)*

## Cena V

*Acidal e Mordel*

**Acidal** *(arrasado)* Estamos fritos!

**Mordel** E agora? O que a gente vai fazer?

**Acidal** *(indo para porta da loja e olhando o que está acontecendo na rua)* Espera aí! Parece que está voltando! Não! Virou a esquina. Está sendo perseguido pelos guardas. *(Mordel também vai olhar)* Ele foi pego! Foi pego! *(correria e vozes da rua)*

**Mordel** Isso aí! Pegaram! Está sendo arrastado pela rua!

**Acidal** Nossa! Que susto! *(os irmãos ficam um tempo olhando o escarcéu da rua)* Já faz tempo que devia ter sido engaiolado. Por ladrão! Por assassino!

**Mordel** Você fica apavorado e tremendo por qualquer coisa.

**Acidal** Eu? Tremendo?

**Mordel** Quase mijou nas calças, não foi?

**Acidal** Não enche, Mordel! Quer saber? Eu sou o único aqui que se preocupa com as poucas

bugigangas que temos. Você não teria nem ligado se a loja fosse queimada.

**Mordel** Quem? Quem teria queimado a loja?

**Acidal** Quem? O Peira!

**Mordel** O Peira? Você é tão...

**Acidal** Você fala que eu fico tremendo! Mas, o covarde é você, que nem teve coragem para protestar.

**Mordel** Você acreditava no que esse bêbado falava?

**Acidal** Você nem teve a ideia de oferecer uma cadeira. Você quer saber a verdade? Vou falar, o Peira trazia um revólver enorme escondido nos lombos. Eu consegui ver!

**Mordel** Deve ser o revólver do juiz.

**Acidal** O revólver do juiz! Como assim o revólver do juiz?

**Mordel** Ora! De quem era a casaca que ele vestia?

**Acidal** A casaca pode ser do juiz, mas o cofrinho não. O cofrinho de Peira é o cofrinho de Peira. E o revólver estava justamente bem no cofrinho. *(um moleque entra correndo pela porta, trazendo na mão vários envelopes)*

**Moleque** Senhores Colacho? Carta do senhor prefeito. *(entrega o envelope para Mordel e vai embora. Mordel abre nervoso o envelope enquanto Acidal aproxima-se para conferir. Os dois leem avidamente a carta. Mordel olha para Acidal com olhos esbugalhados, eles se entreolham, estão mudos e estupefatos)*

**Mordel** *(voltando a ler trechos da carta)* Aos senhores Acidal e Mordel Colacho... Para almoçar... Silveiro Frutos... Prefeito de Taque. *(volta-se para Acidal gritando)* Meu irmão!!

**Acidal** *(depois de ler mentalmente a carta)* Mas... Não é... Não é possível! Deve... De... Deve ser um engano!

**Mordel** *(pavoneando-se triunfal, fora de si)* Até que enfim! Depois de tanto trabalho e sofrimento! Receber um convite do senhor Prefeito! É a porta de entrada dos salões! Os salões da boa sociedade! Finalmente! Nós, peões!

Entre pessoas importantes!

**Acidal** *(não consegue desgrudar os olhos da carta, está atordoado)* Fica honrado... *(para Mordel)* Ele disse que fica honrado...

**Mordel** Lógico que ele fica honrado! Percebe?

**Acidal** *(repentinamente)* Que hora é?

**Mordel** *(sem poder controlar o nervosismo)* Sei lá que hora é! *(rindo convulsivamente)* Os senhores Acidal e Mordel Colacho vão almoçar! *(numa grande gargalhada)* Colosso de almoço! Colosso de almoço!

**Acidal** *(consultando seu enorme relógio de bolso)* É meio-dia e vinte. O convite é para a uma da tarde. Temos muito pouco tempo!

**Mordel** Muito pouco tempo para quê?

**Acidal** Será que é para responder antes de ir? Como é que se faz nestes casos?

**Mordel** Quem tem que ir é você, sozinho. Eu tenho que ficar para tomar conta da loja. Já pode ir se trocando. Cadê aquela camisa cor-de-rosa com pintas verdes? Será que está limpa? *(sai procurando a camisa)*

**Acidal** Tem que ir você, Mordel! Você aguenta melhor do que eu aquele colarinho de plástico. Eu fico todo sufocado com ele.

**Mordel** *(furioso)* Você não quer ir? Está bom!

**Acidal** *(suplicante)* Pelo amor de Deus, vai você, Mordinho!

**Mordel** *(jogando no baú as roupas que tinha nas mãos)* Não dá para acreditar! Você vai ser o culpado de perdermos a oportunidade, enviada por Deus, da gente frequentar a boa sociedade!

**Acidal** Acontece que eu nem sei como me sentar à mesa com pessoas decentes! Fico muito acabrunhado. Eles botam um garfo e um monte de facas.

**Mordel** Onde tem papel do bom, para responder a carta e enviar logo antes do almoço?

**Acidal** É desse jeito que se responde um convite? *(os dois procuram por papel)* Eu achava que era

depois de comer que a gente agradece.

**Mordel** É antes! Na boa sociedade se agradece antes de comer. Pega aí e escreve. Certa vez vi o caolho Pila fazer desse jeito. (*Acidal dispondo-se a escrever*) Usa uma boa letra! Tem que ser clara e redondinha. Não se esqueça de fechar os olhos do o! E botar os pingos no i! Tem que ser caneta azul! (*volta a pegar as roupas do baú*)

**Acidal** (*lembrando-se de alguma coisa*) Rapaz! No livro da primeira série escolar tem modelos de cartas. (*pega e tira o pó de um livro velho e desfolhado que encontrou no meio de uns pacotes. Procurando por uma página*) Olha só! Todos têm a sorte que merecem!

**Mordel** Chega de procurar modelo de cartas! Já é meio-dia e meia! Quando vai começar a se trocar?

**Acidal** (*encontrando o modelo de carta que procurava*) Pronto, achei. O assunto é justamente o mesmo. (*de repente fica contrariado, olha fixamente a página do livro*) Pois é, rapaz! Quando o diabo dá com uma mão, tira com as duas!

**Mordel** Vamos, depressa! O que está acontecendo?

**Acidal** Aqui tem uma palavra apagada, não dá para ver o que era.

**Mordel** (*aproximando-se*) Onde? Deve ser sujeira nos teus olhos.

**Acidal** (*lendo e mostrando a página para seu irmão*) Temos a... Olha! Está apagado. (*raspa a página com a unha*) É uma... Parece que mijaram na folha. Não dá pra ver nada.

**Mordel** (*raspando por sua vez a página*) Espera um pouco! Espera aí!

**Acidal** Acho que os camundongos cagaram nela.

**Mordel** Você vai rasgar a folha. Dá um jeito de consertar.

**Acidal** O que foi escrito aí deve ser honra. Temos a honra de agradecer... Você não acha que a palavra onde os camundongos mijaram é honra? Dá uma olhada.

**Mordel** É honra, com certeza.

**Acidal** Com certeza é honra. (*começa a copiar o modelo de carta do livro*)

**Mordel** Você fez a barba? (*conferindo o rosto do irmão*) Bom você tem que se pentear. (*vai, pega o pente e fica penteando o irmão enquanto Acidal escreve a carta com muito cuidado*) O tempo voa! Não mexe a cabeça!

**Acidal** (*escrevendo abaixado*) Como se escreve honra?

**Mordel** Honra é sem h, claro.

**Acidal** Isso eu já sei. Quero saber se é um r ou dois erres? (*silabando, marcando o r de honra*) Onr-ra! Acho que depois do n é só um erre. Ooon-rrra! É isso aí.

**MODEL:** Honra leva um r só é claro. Mas bota aí dois ou três para que o pessoal não ache que somos avarentos. Falei para você não mexer a cabeça!

**Acidal** (*escrevendo*) Pronto, com três erres.

**Mordel** (*triumfalista, penteando seu irmão*) Os Flores vão morrer de inveja dos senhores Acidal e Mordel Colacho! O senhor Acidal Colacho foi convidado pelo senhor Prefeito! Aqui estamos para servir os senhores! (*depois de acabar de pentear seu irmão, caminha em volta dele dando conselhos*) Na mesa, não pode ficar falando o tempo todo! Fica sério e respeita todo mundo. Olha que você vai ter a honra de almoçar com a família do Prefeito, o Governador, os doutores, a fina flor de Taque. Desse almoço depende nosso futuro! O segredo é conseguir entrar na alta sociedade. O resto, a fortuna e o prestígio surgem sozinhos. (*alucinado*) Adeus vida de pedreiro! Chega de dívidas! O velho Tuco será pago! Dona Ubalda será paga! Desta vez, as portas do comércio se abrem de par em par para nós!

**Acidal** (*fechando a carta de resposta*) Pronto! Como a gente manda? Com quem?

**Mordel** Vou procurar pelo Fidel. (*pega a carta e vai*)

*saindo*) Enquanto isso, você vai se trocando.

**Acidal** Olha! Eu não vou ao almoço! É você que vai! (*fica sozinho, encosta uma aba da porta da rua, num canto da loja examina a roupa que terá de vestir e desabotoa o paletó. Porém, de repente, fica revoltado*) Não! Agora é que não vou! Ele tem que se trocar! Ele tem que ir! (*desaba numa cadeira segurando a cabeça com as mãos, depois levanta o olhar e fita o colarinho de plástico, aproxima-se e, grunhindo, tenta experimentá-lo*) É lógico! Um colarinho comprado para dois, não fica bem para ninguém. (*pausa. De repente, Acidal fica sério, olha para si mesmo dos pés à cabeça, está meditativo. Seguidamente, anda majestoso, gira sobre os calcanhares solene, vira a cabeça arrogante, olha para frente com dignidade e pisca sonhador. Bota as mãos nos bolsos do paletó e joga o peito para frente. Murmura algumas palavras corteses, polidas*) Sim... Também acredito... Entendo perfeitamente... (*voltando o rosto para outro canto, fino e elegante*) Estava dizendo, senhorita? Talvez! É muito provável! No período da tarde! A senhorita acha? (*fica pensativo. Muito forte*) Não! Não vou! Não vou e pronto!

**Mordel** (*que volta correndo.*) Está na hora! Está na hora! O que aconteceu? Por que ainda não se trocou? (*Acidal volta a desabar e botar as mãos na cabeça.*) Não seja besta, homem! Pensa nas personalidades que você vai cumprimentar! Se amanhã a gente precisar duma carta de recomendação, duma caução, duma fiança ou mesmo de um crédito bancário, seremos imediatamente beneficiados. Tenho certeza de que o governador vai estar nesse almoço. Se o Tuco quiser nos processar, o governador, vendo que você é convidado do senhor prefeito, não vai ter coragem de botar a gente na cadeia. (*Acidal tira as mãos do rosto e pensa na proposta do irmão*) O Tuco vai se fazer de besta porque ficará com medo de contrariar, de ofender um amigo do senhor prefeito. É isso aí. Além do mais, é desse jeito que a

sorte comparece para os amigos dos amigos respeitáveis. (*Acidal não fala nada, mas volta a desabotoar o paletó e começa a trocar de roupa.*) O próprio Tuco estará lá e quando veja você badalando entre essas personalidades, não terá coragem de fazer nada contra nós. Não acha? Você vai ver!

**Acidal** (*trocando-se e resmungando*) Olha a hora aí. Que hora é? Passa a gravata.

**Mordel** Acho que dá tempo sim. É meio-dia e quarenta! Só não é bom chegar a uma em ponto. (*voltando a dar conselhos.*) Não fica com medo. Não fica acanhado. Se perguntarem por mim, fala que estou... (*polido*) Fala, num tom superior. Ele está ligeiramente resfriado, mas não é nada grave. (*penteadando o irmão*) Procura falar só coisas importantes. Sorri só de vez em quando, não vai abrir o bocão que nem o sacristão.

**Acidal** (*botando o colarinho de plástico.*) Se ficar muito apertado eu não me responsabilizo. Eles perceberão que estou enforcado e tudo irá por água abaixo.

**Mordel** Tenta ficar o mais próximo possível do prefeito. Lembre-se do que falou a Chepa sobre o Tuco. Caso contrário, acabamos na cadeia ou fazendo faxina na cozinha dela.

**Acidal** (*tomado pela raiva*) Onde você enfiou o chapéu?

**Mordel** (*trazendo o chapéu*) Aqui ô. (*Acidal, já com o chapéu na mão, faz o sinal da cruz. Mordel o acompanha e os dois, muito emocionados, murmuram uma oração.*) Beija Nossa Senhora do Socorro, antes de ir embora. (*tira uma imagem religiosa da gaveta do balcão e coloca nos lábios do irmão*) Beija e acredita com todo teu coração. (*Acidal, preso de uma mistura de ansiedade e ressentimento contra seu irmão, beija a imagem*) Confia nela e vai embora!

**Acidal** (*suando afogueado*) Agora tenho que ir embora. (*caminha titubeante*)

**Mordel** Onde a gente bota o guardanapo quando

está comendo? Você lembra?

**Acidal** (*mecanicamente*) O guardanapo? Fica na mão esquerda. Errado, na mão direita.

**Mordel** Nada disso rapaz! A gente bota no peito, que nem babador. Não se esqueça disso.

**Acidal** (*sem conseguir mexer a cabeça*) Sim... No peito... Vou embora. (*dá dois passos, mas está titubeante*)

**Mordel** Anda um pouquinho por aqui, para eu ver. E solta essa cabeça.

**Acidal** (*só consegue dar um passo, está muito suado*) Não sei se vou conseguir. O colarinho está me sufocando.

**Mordel** Faça um esforço, meu irmão.

**Acidal** (*agora decidido*) Até mais! (*vai embora*)

**Mordel** (*de repente*) Espera! Espera um pouco! Enxuga o suor!

**Acidal** (*parado na porta da loja, engolindo a sua dor*) Cala a boca! Pode deixar!

**Mordel** Teu nariz está pingando. Pega o lenço.

**Acidal** Por favor, me deixa em paz, Mordel!

**Mordel** (*botando um espelho de bolso no rosto do irmão*) Olha! Olha aqui, teimoso!

**Acidal** Dá na mesma! Me larga!

**Mordel** (*abraçando o irmão*) Nossa! Pelo amor de Deus! Força! Não vai ficar chorando! (*por um tempo, os irmãos ficam abraçados*)

**Acidal** (*choramingando baixinho*) Daria tudo por não ter que ir nesse almoço!

**Mordel** Sei disso, meu irmão. Mas é preciso. (*Acidal vira o rosto e enxuga o suor*) Aquele que não sofre, não prospera!

**Acidal** (*conformado*) Tudo bem. Vou embora. Está ficando tarde. (*indo embora*)

**Mordel** Espera! Espera um pouco! Acho bom ensaiar um pouco para você saber bem o que deve fazer. Veja! Caminha aí. Anda aí. Cheio de decência! Aprumado! (*Acidal executa penosamente os movimentos*) Assim... Desse jeito... Pode botar uma mão no bolso da calça. A mão esquerda. Isso aí... Não enfia

demasiado porque o pessoal acha sujeira. Muito bem... Muito bem... Agora fala: Boa tarde, cavalheiros! Boa tarde, senhoras! Veja bem! Cumprimente... Suponha que você encontra o criado do senhor prefeito no pátio da casa. Eu vou fazer o criado e vou falar. (*falando com infinita submissão*.) Boa tarde, meu senhor. Como você responderia? Vamos! Responde!

**Acidal** (*exibido, com voz rouca e grave, duro e com desprezo, sem olhar para o criado*.) Boa.

**Mordel** Muito bem! E se você encontrar com um doutor? Eu vou fazer o doutor Talón e vou passar perto de você. Como você faria? Como cumprimentaria? (*representam a cena*)

**Acidal** (*tirando o chapéu da cabeça, inclinando-se sorridente, com voz açucarada e servil*) Olá, senhor doutor!

**Mordel** Muito bem! Muito bem! Ainda está doendo o colarinho de plástico?

**Acidal** (*heroicamente*) É mesmo a força! Mas prefiro o colarinho apertado a marreta! Ou a cadeia! Até logo mais. (*sai apressado*)

**Mordel** (*acompanhando o irmão a uns passos*) Muito bem, meu irmão! Muito bem! Que Deus seja misericordioso com você no almoço! (*abre a porta da loja de par em par e apregoa triunfalmente*) Bom, bonito e barato! Lenços quase de seda! Sardinhas de duas cabeças! Manteiga! Comprimidos para a dor de dentes, para a dor de cabeça, para a hemorroida e para a falta de sono!

## Segundo quadro Dez anos depois

*É de tarde no grande armazém de Acidal e Mordel Colacho nas minas de ouro da Cotarca Corporation, na cidade de Cotarca, na província do Taque.*

*Um longo balcão atravessa a cena desde a ribalta até o fundo do palco. Mercadorias, mantimen-*

tos e tecidos encham as prateleiras das paredes e de parte do balcão. No fundo, uma janela que desvenda cordilheiras cobertas de neve. À direita duas portas que dão para a rua, à esquerda uma porta por trás do balcão que dá para o interior do armazém.

No primeiro plano, à esquerda, aparece Mordel de perfil para o público, ele está sentado em uma escrivaninha detrás do balcão. O espaço é reduzido, porém aconchegante e até elegante. Está folheando um livro de contabilidade. Sua roupa e seus modos são os de um pedreiro totalmente transformado num comerciante.

Num outro canto, também detrás do balcão está Novo, um garoto de dez anos, lavando uma porção de garrafas. No centro-direita do palco está Orócio, tem uns trinta anos, é quem toma conta da loja. Fica sacudindo e arrumando tecidos enquanto bota pacotes de mantimentos nas prateleiras.

Mordel, com certa frequência, lança olhares vigilantes para Orócio e Novo.

Pausa.

Entra Acidal, suas roupas e seus modos também são os de um pedreiro enriquecido.

## Cena I

Acidal e Mordel

**Acidal** Estou indo embora. Você não tem nada para me falar?

**Mordel** Nada, não! Boa sorte.

**Acidal** (falando ao ouvido de Mordel) Bom, irmão, voltando a falar sobre aquilo que já falamos, não se esqueça de visitar os patrões e todas as personalidades que passem por Cotarca. Não esqueça que se chegamos onde chegamos é graças à alta sociedade.

**Mordel** Não esqueça você também de fazer o mesmo em Taque.

**Acidal** Pode deixar, essa é a minha preocupação

diária.

**Mordel** Fique bem arrumado e seja mão de vaca.

**Acidal** Por outro lado, a política não é tudo, acredite nisso.

**Mordel** Isso tem que ser bem elaborado.

**Acidal** Não se esqueça de me escrever. (abraçando o irmão) Principalmente me conte tudo do que o Tenedy fala.

**Mordel** Pode deixar. Até mais ver, meu irmão.

**Acidal** Até mais. Lembranças pros amigos.

**Mordel** Vai com Deus. Faça uma boa viagem.

**Acidal** (reaproximando-se de Mordel) Peço pela última vez, reflete bem sobre minha candidatura. Se a gente entrar com tudo na política, só Deus sabe o que pode acontecer. Com ajuda de Nossa Senhora...

**Mordel** A gente vê depois. Além do mais tudo vai depender da *corporation*.

**Acidal** Não vou cansar de repetir que você, nos seus momentos de folga, tem que estudar, tem que ler, tem que aprender e ficar culto. Até mais! (vai embora)

**Mordel** Boa viagem! Vai com Deus! (volta aos seus livros. Pausa. De repente, para Novo) Me dá uma dessas garrafas que você lavou. (Novo, por pressa, acaba derrubando algumas garrafas quebrando duas ou três. Mordel avança sobre ele) Tem mão mole, seu besta? (Novo fica completamente apavorado) A única coisa que você sabe é quebrar tudo! Vou quebrar suas costelas! Apanhe esses cacos logo, vai! (Novo recolhe os cacos e Mordel dá uns tabefes nele que fica chorando) E limpa bem esse chão! (Novo limpa o chão) Acabou? Continue lavando as garrafas e tenha muito cuidado com elas! Não quero que quebre nenhuma mais. (vai perto de Novo e enfia-lhe brutalmente a mão no bolso dele) O que você tem aí? (Novo fica imóvel) Não se mexa! (tira uma bala) Quem foi que deu essa bala pra você? Onde você pegou? (Novo só fica gemendo) Ladrão! Por acaso você sabe quanto custa uma bala pra gente? Uma só? (puxa Novo pelos cabelos, o

*levanta e o faz contorcer de dor)* Salafrário!

**Orócio** Coitado, patrão! O rapaz não tem mãe!

**Mordel** Não tem mãe, mas tem dois pais no lugar de um. O que ele come sai do meu bolso e do meu irmão. *(para Novo)* Lava direito essas garrafas, seu pilantra, caso contrário vou enfiar você nos socavões das minas, onde seus ossos vão explodir com dinamite! *(Novo retoma seu trabalho com as garrafas)*

## Cena II

*Os mesmos e a Mulher*

**A mulher** *(entrando pelo fundo)* Bom dia, patrão!

**Mordel** Oi, velha Rimalda! Quantos ovos você traz hoje?

**A mulher** *(coloca uma porção de ovos no balcão)* São duas semanas da galinha preta e uma das outras duas mais novas. Pode contar, patrão. *(Mordel conta os ovos)* Fale pra mim quantos eu trouxe ao todo, porque também quero levar algumas coisinhas da tua loja.

**Mordel** Quatorze. São três por cinquenta centavos... Isso dá dois reais e meio.

**A mulher** Dois reais e meio.

**Mordel** Hoje você trouxe quatorze. O preço a gente vê depois. Vamos ver quantos ovos você trouxe ao todo. *(folheando um caderno)* Vou falar pra você. *(escrevendo num outro papel)* Tá aqui... No dia três você trouxe 8, no doze 16 e hoje 14. Vamos ver... *(começando a somar)* Presta muita atenção, Rimalda, pra você não ficar achando que estou te roubando.

**A mulher** Nossa! O que é isso, meu patrão?

**Mordel** *(bota as três quantidades no papel, uma embaixo da outra, enquanto faz a operação de somar fala em voz alta olhando fixamente para a mulher)* Quatro e seis é dez, dez e oito é dezoito. Deixo oito e levo um. *(fica pensativo)* Porém... *(olhando a mulher com carinho)* Como é que vou levar alguma coisa de você,

velhinha! Não vou levar nada pra que você continue me trazendo os ovos. Olha! Olha como sou bonzinho com você! Não levo nada de você!

**A mulher** *(sem perceber)* Deus lhe pague, patrão, por não levar nada de mim!

**Mordel** Mesmo que não pague nada, Rimalda! Eu não tenho coragem de levar nada de uma pobre velhinha que nem você! *(voltando para a soma)* A gente tava falando: quatro e seis é dez, dez e oito é dezoito. Deixo oito e não levo nada. Um e um é dois. O total é 28 ovos. Tenho que te pagar por 28 *(Orócio olha desconcertado para seu patrão)*

**A mulher** Deve ser isso, patrão!

**Mordel** *(pegando umas moedas do caixa)* 28 ovos a quatro por cinco centavos... São 35 centavos. Aqui estão teus 35 centavos, Rimalda.

**A mulher** Muito obrigada, patrão. Deus lhe pague.

**Mordel** Velha, não precisa agradecer. Eu só estou cumprindo com meu dever. *(mostrando a conta bem perto dos olhos de Rimalda)* Pode olhar, pode conferir. Certo? Aqui não enganamos ninguém. *(Orócio volta a olhar para o patrão)*

**A mulher** Nossa Senhora, patrão! O que é isso?

**Mordel** *(dando uns tapinhas nas costas de Rimalda)* Boa Rimalda! Eu sei que você não conhece os números. O que você quer levar do meu bazar? Tecido? Sal?

**A mulher** Uma vara de tecido, patrão. Não sei se vai dar pra isso.

**Mordel** Você vai ganhar sua vara de tecido. Orócio dá uma vara de tecido de trinta e cinco centavos para Rimalda.

**Orócio** Tá certo, patrão!

**Mordel** Novo, venha aqui recolher esses ovos. *(Novo se apressa a recolher os ovos)* E você Rimalda, não deixe de trazer esses ovos toda semana, hein!

**Orócio** Isso aí, patrão. Pode contar com seus ovos. *(tendo sido atendida por Orócio bota no balcão)*

*o dinheiro que ganhou de Mordel pagando pelo tecido. Indo embora) Até mais, patrão! Até a próxima semana.*

**Mordel** *(voltando para seu livro de contas)* Vai com Deus, mulher! *(pausa. Depois para Orócio)* Você conferiu quantas caixas de fósforos tinha em cada um dos cinco pacotes que chegaram?

### Cena III

*Os mesmos, menos a mulher*

**Orócio** *(conferindo numa folha de papel.)* Ainda não, patrão. Mas as quantidades estão aqui para somá-las.

**Mordel** Quantas caixas tinha cada pacote? Fala pra mim pacote por pacote, antes de somar.

**Orócio** *(consultando suas anotações.)* Um pacote tinha 25, outro 15, outro 17, outro 26 e outro 24.

**Mordel** *(aproximando-se para conferir que o encarregado faça a conta direito.)* Muito bem. Agora pode somar. Fala alto pra eu poder ouvir.

**Orócio** *(somando os cinco números.)* 5 mais 5 é 10, mais 7 é 17, mais 6 é 23, mais 4 é 27. Boto 7 e levo 2...

**Mordel** *(interrompendo)* Alto aí! Você não leva nada, meu camarada! *(dá uma olhada para Novo.)* Onde já se viu levar mercadoria que não lhe pertence? Você aqui é apenas o encarregado e não tem o direito de levar coisa alguma do bazar. *(volta a olhar para Novo).*

**Orócio** *(sem entender)* Patrão, é só pra somar que levo 2, não tenho qualquer intenção de...

**Mordel** *(pegando o lápis para ele mesmo somar)* Tá! Tá! Conheço muito bem meu pessoal.

**Orócio** Eu não tenho pegado nada do bazar.

**Mordel** Cala essa boca! *(voltando a olhar para Novo)* Deixa eu ver. *(somando em voz alta)* 5 mais 5 é 10, mais 7 é 17, mais, mais 6 é 23, mais 4 é 27. Boto 7 e levo 2...

**Orócio** *(interrompendo)* Patrão, o senhor também

levo 2 quando faz a soma.

**Mordel** Eu posso! Não só posso levar 2 como também posso levar todos os pacotes porque eu sou o dono do bazar. Ora bolas!

### Cena IV

*Os mesmos e Tenedy*

**Tenedy** *(é um norte-americano espertalhão, gerente da Cotarca Corporation. Ele entra pela direita, fumando um grande cachimbo, tem fala dura e autoritária)* Boa tarde, seu Mordel.

**Mordel** *(surpreso)* Boa tarde, mister Tenedy!

**Tenedy** *(virando-se de repente em direção à rua, desde uma das portas da direita, falando para alguém que o público não vê)* Quem está cantarolando por aí? Pst! Pst! Você! *(ouve-se ao longe um lamento indígena cantado por um homem. Mordel fica em silêncio e na espreita de mister Tenedy, que ordena em voz alta)* Policial!

**Voz do policial** Senhor? *(aparece pela direita batendo continência para mister Tenedy)*

### Cena V

*Os mesmos e o soldado*

**Tenedy** Você está ouvindo essa canção que vem lá do acampamento?

**Policial** Sim senhor, é um peão da cidade de Taque.

**Tenedy** Isso eu já sei. Faz um tempo que esse peão fica cantando músicas de Taque. Isso quer dizer que ele tem saudade da sua família e da sua cidade. Um desses dias ele vai fugir. Fique de olho nele, policial. *(voltando para dentro do bazar)*

**Policial** Sim senhor! Positivo operante, senhor. *(bate continência e sai)*

**Tenedy** Senhor Mordel, a companhia está precisando de 50 peões por dia. E esses índios continuam fugindo das minas. Nos socavões agora só tem peões de Taque. Faça o favor

de o senhor substituir pelo menos aqueles índios que fugiram e morreram no mês passado.

**Mordel** O Acidal acabou de partir para Taque, mister Tenedy. Se a gente soubesse...

Mas vou mandar um telegrama agora. Agora mesmo! Mas como o senhor sabe, mister Tenedy, o pessoal já não quer vir mais. Falam que é muito...

**Tenedy** E esse governador, o que ele fica fazendo? Qual é a serventia dos policiais então? Estou cansado desses papos furados, seu Mordel. A empresa precisa de 50 peões e vocês têm que arrumar seja do jeito que for.

**Mordel** Vamos fazer todo o possível, mister.

**Tenedy** Não fala assim, seu Mordel. Fala que esses peões virão e pronto. É caso de urgência! No máximo até o final do mês. Inadiável!

**Mordel** Mister Tenedy, esses peões estarão aqui, custe o que custar até o final do mês.

**Tenedy** Cinquenta! Nenhum a mais, nenhum a menos.

**Mordel** Cinquenta mister! Nenhum a menos. Agora mesmo mando o telegrama ao Acidal.

**Tenedy** (*saindo*) Muito bem. Alguma novidade por aqui?

**Mordel** Nenhuma, mister.

**Tenedy** Assim que eu gosto. (*ao sair fica parado na porta porque um peão jovem e doente entra no bazar*)

## Cena VI

*Os mesmos e o peão*

**Peão** (*caindo de joelhos perante Tenedy apavorado*)  
Patrão!

**Tenedy** Salafração. De onde você vem? Quando voltou? Levanta e responde!

**Peão** (*erguendo-se com a cabeça abaixada e os braços em cruz, sua voz é suplicante e difícil de ouvir*)  
Me perdoe! Tô doente! As costas! Não fugi!

**Tenedy** (*num grito estridente e estrondoso*) Fala alto!

*(o peão cai como se tivesse sido atingido por um raio, tem convulsões e depois fica rijo)*

**Mordel** (*aproxima-se do peão e vira-o com a ponta do pé*) Huato! Levanta! O que você tem?

**Tenedy** Raça inferior e podre! Morrem com um grito.

**Mordel** (*usando sempre a ponta do pé, mexe a cabeça do peão que continua imóvel*) Levanta, Huato! (*Huato não dá sinais de vida, então Mordel abaixa-se para conferir. Depois se levanta e fala para Tenedy*) Mister Tenedy, acho que ele não está respirando.

**Tenedy** Este é um dos oito que fugiram faz mais de um mês.

## Cena VII

*Os mesmos, mais o Chefe de polícia e guardas*

**Chefe de polícia** (*entrando pela direita*) Boa tarde, mister Tenedy.

**Tenedy** Oi, Bolazos, leve esse sujeito para ver o que ele tem. (*sai*)

**Chefe de polícia** Imediatamente, mister Tenedy. (*entram dois guardas*) Levem esse corpo pro necrotério. Não. Espera um pouco.

**Mordel** Eu não sei o que aconteceu.

**Chefe de polícia** (*examinando o peão*) Como foi que... Parece rígido...

**Mordel** Estava falando com o patrão e de repente caiu no chão. Acho que não consegue respirar.

**Chefe de polícia** É que está morto, seu Mordel! Coitado do índio! (*os guardas também examinam Huato*)

**Guarda** Ele não respira, chefe. Não solta ar.

**Chefe de polícia** Levem pro necrotério. Se até amanhã cedo não ressuscitar, que seja enterrado no lixão. (*os guardas levam o corpo do peão*)

**Mordel** O índio morreu de medo! Foi isso!

**Chefe de polícia** Tem gente assim, os médicos chamam de cardíacos ou coisa parecida. (*um*)

*casal de jovens indígenas entra pela direita)*

### Cena VIII

*Os mesmos e o casal de indígenas*

**O casal** *(tirando os chapéus, com muita humildade)*

Benção, patrão!

**Mordel** Olá, rapazes! Finalmente decidiram...

Podem entrar!

**Chefe de polícia** *(indo para trás do balcão para*

*servir-se de um copo de uísque enquanto fala de Huato)* Era bom na barreta aquele índio!

Mas também pinguço que nem ele só.

**O homem** *(fica parado, junto com sua mulher, ad-*

*mirando os lenços coloridos pendurados na porta*

*do bazar)* São muito lindos, patrão! Verdes, vermelhos e brancos!

**Mordel** Orócio pega as garrafas coloridas.

*(Orócio corre cumprindo a ordem. Mordel fala com o casal)* Gostaram dos vermelhos?

Façam o favor de entrar! E a chácara, como vai?

**O homem** *(avança acompanhado da sua mulher)*

Você que manda, patrão.

**Mordel** *(mostrando as garrafas coloridas no alto e em*

*contraluz)* Olha como são lindas! Olha como são bonitas! Conseguem ver as galinhas com

chapéu que foram pintadas aí? *(o Chefe de polícia segura uma gargalhada que estava prestes*

*a estourar, Orócio também faz um esforço para conter o riso e Mordel faz um aparte ameaçador)*

Não fica rindo, seu besta!

**O casal** *(deslumbrados, olhando as garrafas)* São

muito lindas, patrão!

**Mordel** Acham que são lindas mesmo? Olha esta

outra que é maior, com árvores de ouro que tem até guardas nas folhas lá dentro. Olha

que maravilha! Podem ficar mais perto. *(o Chefe da polícia continua rindo às escondidas;*

*vendo que o casal de indígenas não ousa tocar as garrafas, Mordel fala)* Podem pegar, não

tenham medo, rapazes! *(põe uma garrafa nas mãos do homem)* Pega! Deste jeito! Pega

firme!

**O homem** *(aaaatemorizado com a garrafa na mão)*

Patrão! Patrão!

**Chefe de polícia e Mordel** Não seja medroso,

rapaz! Você consegue caminhar com ela na

mão. *(porém, o indígena não consegue fazer nem mais o mínimo movimento)*

**O homem** *(subitamente aterrorizado)* Pega logo,

patrão! Vou deixar cair!

**Mordel** *(pega o indígena por um braço e o faz ca-*

*minhar como se fosse um cego)* Venha! Venha!

Vamos andar! Isso! Desse jeito! Procura não

tropeçar! Tá vendo? Tá vendo que não aconte-

tece nada? *(enquanto o homem caminha desse*

*jeito, segurando a garrafa com as duas mãos, sua*

*mulher o acompanha com o olhar tomada de*

*uma grande aflição)*

**Chefe de polícia** Você também pode girar, rapaz.

Parar e voltar a andar. *(para Mordel)* Você é

demais, seu Mordel! *(o indígena está completa-*

*mente estático num canto do Bazar com a garrafa*

*à altura do peito; a mulher corre rápido ao lado*

*do marido para socorrê-lo em caso de acidente)*

**Mordel** E aí? O que você está achando agora?

Gosta dessa que está segurando aí? Ou pre-

ferê outra?

**O homem** Deve valer muito, patrão.

**Mordel** Mas responde! Gosta daquela que você

tem aí? Seja franco.

**O homem** Gosto desta, patrão. Mas...

**Mordel** Pode ficar com ela, em troca da chacinha

de trigo lá de Goran! Tudo bem. Pode levar!

*(fingindo resignação)* Fazer o quê? *(o casal de*

*indígenas parece não entender o que está aconte-*

*cendo, eles acham a proposta extremamente boa)*

Eu sou assim mesmo, tudo o que tenho dou

para meus clientes. *(Mordel envolve a garrafa*

*num papel)*

**Chefe de polícia** *(fingindo-se escandalizado pela ge-*

*nerosidade de Mordel)* Como é que pode, seu

Mordel? Você vai trocar essa garrafa azul por

uma chacarola de trigo?

**Mordel** Pois é, meu amigo! Você é testemunha, eu tenho o coração fraco!

**Chefe de polícia** (*impedindo Mordel de embrulhar a garrafa*) Não! Não, meu amigo! Isso é uma loucura! (*levantando a garrafa no alto para todos verem*) Essa garrafa é muito preciosa! Parece um ostensório de igreja! Esse portento em troca de uma miserável roça de trigo?

**Mordel** Eu sei, meu amigo, acabarei ficando na miséria. Mas, não tem jeito! (*para o casal de indígenas que ficou de boca aberta*) E o que vocês acham? Aceitam?

**O homem** (*embaraçado*) Patrão... Então... Não sei o que dizer.

**Chefe de polícia** Seu Mordel, eu vou ficar magoado.

**Mordel** Como assim, meu amigo? Magoado do quê?

**Chefe de polícia** O senhor sabe que faz tempo que vivo sonhando com uma garrafa azul e agora, no lugar de vendê-la para mim, o senhor dá de presente para estes índios em troca de um roçadinho de trigo. Isso não se faz com um amigo, seu Mordel!

**Mordel** Não seja por isso, meu querido Chefe de polícia! No depósito tenho outra para vender ao senhor e a mais ninguém. Prometo. (*apertando a mão do Chefe de polícia*) Tem minha palavra!

**Chefe de polícia** (*para o casal de indígenas*) Sendo assim, rapazes, podem levar essa. Podem levar!

**Mordel** Orócio, embrulha essa garrafa. (*para o Chefe de polícia*) Já sei que nesse negócio saio perdendo. Mas meu amigo a vida é a vida.

**O homem** (*corre para beijar a mão de Mordel*) Patrãozinho! Deus vai lhe pagar! (*a mulher também beija a mão de Mordel enquanto o Chefe de polícia afoga seu riso no uísque*)

**Mordel** Ontem à noite sonhei com ovos de galinha caipira. Tanto faz!

**Chefe de polícia** (*falando no ouvido de Mordel*) Me belisca, meu amigo!

**Mordel** (*falando alto*) Concordo com você, meu amigo. Um pobre roçadinho de trigo não vale uma garrafa azul que nem o céu. Mas o que está feito, está feito. Não me arrependo disso!

**Chefe de polícia** Isso é só com o senhor, seu Mordel.

**Mordel** Embrulha logo Orócio! Garrafa maravilhosa que só os patrões têm em casa! Não é verdade, meu amigo?

**Chefe de polícia** Os patrões e também os bispos. Os bispos também têm garrafas azuis que nem o céu bendito! Não é verdade, seu Mordel?

**Mordel** É isso mesmo! Certamente os bispos têm. Mas os bispos, convenhamos, são os bispos.

**Chefe de polícia** Isso mesmo. Assino embaixo.

**Mordel** Pega tua garrafa, rapaz. E pega bem firme. Fica esperto, não pode soltar. (*o Homem pega a garrafa e a coloca à altura dos seus olhos, levantando-a como se fosse um padre carregando a hóstia consagrada*)

**Chefe de polícia** Olha direito onde botar as patas para não tropeçar.

**Mordel** (*pega o indígena por um braço e o conduz lentamente até a porta do Bazar*) Venha por aqui. Um passo depois do outro. Assim desse jeito. (*a mulher acompanha os passos do marido. De repente, Mordel estanca o homem*) Quando você vai entregar a chacinha?

**O homem** Quando o patrão quiser.

**Mordel** O trigo tem quantos meses?

**O homem** Foi semeado no dia de finados e agora estamos perto do carnaval.

**Mordel** Bom, eu vou conferir daqui a uma semana. De qualquer jeito a roça já é minha. Certo?

**O homem** Certo, patrão, a roça já é sua.

**Mordel** Muito bem. (*solta o braço do indígena e o empurra levemente pelas costas em direção à rua*) Vai com Deus, bom rapaz! Lembranças para Challa. (*o casal vai embora, o homem caminha na*

*frente a passos curtos segurando a garrafa no alto e a mulher fica atrás dele segurando suas costas)*

**Chefe de polícia** (*vendo alguém que se aproxima pela rua*) É mister Tenedy! Mister Tenedy está me procurando! (*engole o resto do seu uís-que e sai apressado pela direita*)

### Cena IX

Os mesmos, menos o chefe de polícia e o casal de indígenas

**Mordel** (*virando-se para o encarregado que continua arrumando as mercadorias*) Orócio!

**Orócio** Sim, patrão.

**Mordel** Venha aqui.

**Orócio** (*aproximando-se*) Patrão?

**Mordel** (*sentado na sua escrivaninha*) Cadê o Novo?

**Orócio** Lá dentro no depósito.

**Mordel** (*falando baixo, em tom ríspido*) Por que dá mau exemplo ao Novo?

**Orócio** Eu não dou mau exemplo, patrão.

**Mordel** E o que você fez, faz pouco, quando somava as caixas de fósforos?

**Orócio** Eu não fiz nada, patrão.

**Mordel** Já parou pra pensar o que pode significar pra um moleque como ele, que um simples encarregado como você fique levando duas ou mais caixas de mercadorias bem na frente do dono da loja? Percebeu que esse é um mau exemplo pro Novo? E que, um dia desses, ele vai querer também levar o que quiser da loja sob o pretexto de que vai fazer não sei o quê com as mercadorias? Responde!

**Orócio** Patrão, isso é bem diferente.

**Mordel** Não devemos, nem de brincadeira e seja qual for o motivo, ensinar os moleques a levar nada que não lhes pertença.

**Orócio** Era só uma operação de somar, patrão. É desse jeito que se fala quando a gente soma.

**Mordel** Não rapaz! Estou falando de de jeito ne-

nhum. Está ouvindo?

**Orócio** Tudo bem, patrão. Não voltará a acontecer.

**Mordel** Nunca mais! Não pode voltar a acontecer! Quando o Novo estiver aqui e você tiver que somar não faça a operação em voz alta. Faça mentalmente ou escondido dele. Porque Novo não sabe somar e entende muito menos as palavras usadas pra somar. A única coisa que ele ouve e entende é que você está levando os pacotes.

**Orócio** E quando o patrão mandar somar em voz alta, o que faço?

**Mordel** Quando eu mandar? Quando eu mandar? Então... Então, no lugar de falar, levo 2, ou 3, ou 4, ou a quantidade que for, você deve dizer: é o patrão que leva 2, ou 3, ou 4, ou o a quantidade que for.

**Orócio** Entendi, patrão.

**Mordel** Só se os pacotes ou mercadorias que você está somando não sejam meus, mas de um cliente ou de qualquer outra pessoa. Nesse caso, você pode levar tudo. Eu estou pouco ligando para isso. Entendeu?

**Orócio** Entendi, patrão.

**Mordel** (*começando a escrever, chama em voz alta*) Novo, venha aqui!

**Voz de Novo** Estou indo, tio. (*Entra*)

**Mordel** Leva essa mensagem ao telégrafo. Vai correndo! Mas, não pisa muito forte pra não gastar a sola dos sapatos.

**Novo** Sim, tio. (*sai correndo com a mensagem*)

**Mordel** (*folheando o livro de contas, fala para Orócio*) Confere na tua lista quantos foram os índios que morreram na mina no mês passado e quantos fugiram.

**Orócio** (*consultando a lista*) É pra já, patrão.

**Mordel** Mister Tenedy está pedindo 50. Acho que o número não está batendo.

**Orócio** (*lendo a lista*) Os fugidos foram 27 e os mortos 19, no total são 46.

**Mordel** (*pensativo*) É, quase 50. Hum! E um mês antes?

**Orócio** (*lendo*) Fugidos 13 e mortos 28, no total dá 41.

**Mordel** Hum! Estão fugindo cada vez mais e morrendo cada vez menos. Esquisito!

### Cena X

Os mesmos, mais Tenedy

**Tenedy** (*voltando bem-humorado*) Seu Mordel, serve um uísque para mim.

**Mordel** É pra já, mister Tenedy.

**Tenedy** Os guardas acabam de prender uma dúzia de índios.

**Mordel** São os fugidos, mister Tenedy?

**Tenedy** Sim, os fugidos do mês passado. Acompanhe-me, seu Mordel, com outro copo.

**Mordel** É uma honra, mister Tenedy.

**Tenedy** Os índios revelaram que um grande grupo de fugidos está perto daqui, em Parahuac. Saúde!

**Mordel** Saúde, mister Tenedy!

**Tenedy** Hoje mesmo à noite os guardas irão pegá-los.

**Mordel** Eu já tinha falado ao chefe de polícia, esses índios desceram em Parahuac.

**Tenedy** De qualquer jeito, ainda precisamos de mais peões. O maior número possível.

**Mordel** Acabei de mandar o telegrama para Acidal.

**Tenedy** Como é que o governador de Taque trata vocês? Peço para você responder com a verdade. Ele facilita mesmo contratar os peões?

**Mordel** O governador é nosso, mister Tenedy. Acidal está completamente satisfeito com o apoio dele.

**Tenedy** Você sabe muito bem que a *Cotarca Corporation* elegeu o Calpo com a única condição da gente ter a polícia sob nosso contro-

le no tocante aos peões.

**Mordel** Sei muito bem, mister Tenedy.

**Tenedy** Agora, se o Calpo não colabora com vocês é só me falar, seu Mordel. Eu falarei imediatamente com nosso escritório central para ele ser removido no ato.

**Mordel** Eu repito mister Tenedy, o Acidal tem certeza que Calpo está prestando o melhor dos serviços.

**Tenedy** Então, você acredita que seu irmão tem condições de conseguir até o dia 30, os 50 peões que estamos precisando?

**Mordel** Certeza absoluta, mister Tenedy.

**Tenedy** (*bebendo seu uísque*) Muito bem! O que você entende de política? O que Acidal fala para você?

**Mordel** Sobre política nenhuma novidade, mister Tenedy.

**Tenedy** (*confidencial*) Olhe bem, seu Mordel, acho que a candidatura do seu irmão vai encontrar muitos problemas.

**Mordel** Mister Tenedy, é isso o que não me canso de falar pra ele.

**Tenedy** O fato de conviver diariamente com o povo e os políticos de Taque acaba criando uma grande inveja e enorme desconfiança.

**Mordel** Eu detesto política, seu Tenedy. Mas, Acidal quer porque quer ser deputado. Isso é problema dele!

**Tenedy** Além do mais, quer ser deputado! Seu irmão acha que nossa empresa vai ganhar muito com ele como deputado. Eu não acho, não.

**Mordel** O Acidal, mister Tenedy, é muito ingênuo nessas coisas.

**Tenedy** A empresa não precisa de deputados. Ter do nosso lado o Presidente da República já é suficiente.

**Mordel** Certamente, mister Tenedy.

**Tenedy** Os interesses de nosso sindicato no seu país, seu Mordel, são muito fortes.

**Mordel** Eu sei perfeitamente como é isso, mister

Tenedy.

**Tenedy** Um deputado é pouco para proteger a *Conarca Corporation*. Mas, em todo caso, nossa empresa recomendará ao governo a candidatura do seu irmão, já que ele decidiu assim. *(termina de beber seu uísque)*

**Mordel** Muito obrigado, mister Tenedy. A gente deve tudo ao senhor.

**Tenedy** *(misterioso)* Seu Mordel, eu acho que vai chegar o dia em que a empresa vá obrigar você a entrar na política. Mas ainda teremos tempo para falar disso.

**Mordel** *(sorridente sem entender muito)* Eu, mister Tenedy? A política...

**Tenedy** Fique sossegado, isso é lá bem pra frente ainda.

**Mordel** Mister Tenedy, isso seria o pior castigo que o senhor me aplicaria. Fico assustado com a política, fico...

**Tenedy** A gente vê depois, depois. Negócios são negócios, seu Mordel. E o senhor é, sobretudo, um homem de negócios.

**Mordel** Prefiro meu bazar, mister Tenedy. Vender sal, vender tecidos para os índios.

**Tenedy** *(cumprimentando para ir embora)* Thomas Edison falou, seu Mordel, que o pior defeito de um homem é não trocar de ofício. Temos que experimentar tudo. No indivíduo mais simples pode estar escondido um grande homem.

**Mordel** Até logo, mister Tenedy.

**Tenedy** *(na porta)* Mister Edison é um homem bem interessante. *(sai)*

**Mordel** *(rindo para si mesmo)* Hum! Hum!

**Orócio** *(perante um monte de garrafas no balcão, no outro lado do bazar)* Patrão, são quantas garrafas de água por cada garrafa de rum? É sempre duas por cada?

**Mordel** Cala boca, sua besta! Alguém pode ouvir. Bota três por cada.

**Orócio** Tudo bem, patrão! Desculpe! *(entra um*

*peão esfarrapado que avança com dificuldades, parece sonâmbulo ou embrutecido)*

## Cena XI

Mordel, Orócio e o Peão

**Mordel** *(para o peão)* O que você quer?

**Peão** *(tímido, falando muito baixo)* Quero lhe dar quatro pesos de presente. *(mostra as notas)*

**Mordel** Quatro notas de... O que você está falando?

**Peão** Tô trazendo quatro notas pra você, patrão. *(Mordel pega avidamente as notas, mas depois se livra delas como se queimassem em suas mãos. Recua e fica olhando o peão)*

**Mordel** Por que quer me presentear com quatro pesos?

**Peão** É pra você, patrão. É um presente.

**Mordel** Por quê? Por que quer me presentear?

**Peão** Os quatro pesos são meus, patrão, eu trouxe para você. *(Mordel observa o peão da cabeça aos pés, este abaixa a cabeça e continua com o braço estendido, segurando as notas)*

**Mordel** *(ficando de repente na defensiva)* Dá o fora daqui, seu salafário! Não preciso dos seus pesos.

**Peão** Ah, patrãozinho! Por favor, recebe meu presente!

**Mordel** Eu não aceito presente de ninguém! *(pega o peão pelo braço e o empurra em direção à porta direita)* Vá embora, embora! Você não vai querer que eu fique furioso. *(o peão foi expulso e Mordel desde a porta acha que é alguém esquisito)*

**Peão** *(suplicando)* Não seja ruim, patrãozinho! Recebe meu dinheiro.

**Mordel** Já falei para ir embora! *(fugindo do olhar do peão, volta apressadamente para sua escrivaninha. Depois de um tempo, olha de soslaio para a rua)*

**Voz do Peão** *(fala como se fosse um mendigo)* Pelo

amor de Deus! São quatro pesos! Eu dou de presente pro senhor! (*Mordel deixa de olhar o peão e nervoso remexe seus papéis, enquanto a voz do peão continua suplicante, monótona e chorosa*) Não seja ruim patrãozinho! Meus quatro pesos são para você! Para você! Para você! (*a cortina desce lentamente*)

Fim do primeiro ato

## Segundo ato

Terceiro quadro

Casa dos irmãos Colacho depois da ceia. Sala de jantar elegante, no fundo portas à direita e à esquerda. Acidal Colacho está vestido com rebuscada elegância provinciana, está lendo o jornal depois da sobremesa. Do mesmo jeito que seu irmão Mordel, seus gestos agora são os de um novo rico. Pausa.

### Cena I

Rina, Acidal e o Governador

**Rina** (*empregada, camponesa de 18 anos de uma beleza deslumbrante, fala desde uma das portas do fundo*) Senhor Acidal, o senhor governador está perguntando por você.

**Acidal** (*fica em pé, muito interessado*) O governador? Faz ele entrar já.

**Rina** Muito bem, senhor Acidal. (*sai. Acidal arruma seu paletó e sua gravata enquanto anda de um lado para outro*)

**Governador** (*velho de olhar falso, entra pelo fundo*) Senhor Acidal Colacho e Llagatocha, nosso futuro deputado, tenha um excelente dia.

**Acidal** (*educado, mas superior*) Olá, Sebastião! Entre! O que o senhor conta? (*cumprimenta dando a mão*)

**Governador** Temos mais cinco, seu Acidal! Os do doutor Cotongo!

**Acidal** Caramba! Que boa notícia, Sebastião!

**Governador** É isso mesmo! São 5 do povoado de Tarco! Deixa eu sentar. (*senta*) Como a assembleia vai escolher a comissão receptora dos votos que deve chegar quando muito a 45 ou 50 dos maiores contribuintes, acho que não ficaremos longe da maioria.

**Acidal** Se somamos os 5 de Cotongo, somos 18.

**Governador** É o seguinte, eu tinha prendido um sujeito acusado de assassinato por questões ligadas a mulheres, mas acontece que o cara era capanga do médico. O cara é o maior bandido! Está provado que matou mesmo! Então, não é que hoje de manhã apareceu de repente no meu escritório o doutor Cotongo muito interessado por esse sujeito? Eu, sem duvidar um instante, propus para ele que liberava o assassino na hora, em troca dos votos de Tarco na assembleia dos maiores contribuintes.

**Acidal** Você pegou ele de jeito, Sebastião!

**Governador** (*rindo*) Ele tentou enrolar, driblar a coisa. Coçou o nariz. Falou que não era bem isso, nem aquilo outro, nem muito menos. (*ri e acaba tossindo*)

**Acidal** É um estouro! Cinco votos de uma pancada só!

**Governador** Não é mesmo? Os 5 de Tarco! Os cinco parceiros do mesmíssimo candidato contrário, do Galtres!

**Acidal** Temos 18. Ainda faltam 7 pelo menos.

**Governador** Só me preocupa uma coisa, seu Acidal. Eu desconfio do doutor Cotongo. Ele foi nomeado médico principal de Taque pelo Galtres. Não podemos esquecer isso. Cotongo é um Galtrista disfarçado.

**Acidal** Sei muito bem disso.

**Governador** No dia da assembleia, o médico pode adoecer os cinco de Tarco.

**Acidal** Onde já se viu? Não tem coragem pra tanto!

**Governador** Como não? Tô falando que pode adoecer os cinco! Justamente ele por ser a

autoridade que assina as certidões de impedimento.

**Acidal** A gente os obriga a comparecer na assembleia, Sebastião.

**Governador** Mesmo com o pé na cova?

**Acidal** Vivos ou mortos! Falando nisso, quantos dias faltam para a assembleia?

**Governador** Ainda falta quase um mês. Por quê?

**Acidal** Muito bem, mande um telegrama urgente pra *Cotarca Corporation*.

**Governador** (*interrompendo Acidal*) Você está lembrado, seu Acidal, por que os de Tarco obedecem de olhos fechados tudo o que o médico pede?

**Acidal** Estou sabendo, é porque o médico salvou a vida do pai deles.

**Governador** Muito bem. O que a gente vai fazer é...

**Acidal** Trocaremos o médico principal por um dos nossos?

**Governador** Isso mesmo! O pai ficará doente de novo porque levará, por exemplo, um filtro de água gelada na cabeça.

**Acidal** E sua vida será salva pelos préstimos do novo médico. (*o Governador ri às gargalhadas*) Olha, essa manobra não é ruim não. Mas temos que ganhar tempo.

**Governador** Claro que não, seu Acidal! Além da piada, ainda temos o roubo, o roubo de animais a mão armada, ferimentos e contusões, o rapto, a violação e o estupro. Quer dizer, existem mil pretextos pra prender os Tarcos. Consegue me acompanhar?

**Acidal** Consigo sim.

**Governador** Hoje mesmo, à noite, mando os guardas prenderem o menor dos irmãos Tarco. Logo depois, você irá no meu escritório pra defendê-lo e fim da história.

**Acidal** Acho que esse é o jeito mais seguro.

**Governador** Infelizmente, é o único jeito que a lei põe nas minhas mãos pra servi-lo da melhor

maneira possível, seu Acidal.

**Acidal** Excelente! Mãos à obra!

**Governador** A gente tinha que ver, faz uns trinta anos, um governador era o amo e senhor da província. Todo mundo respeitava a sua autoridade. Nenhuma peça da vida social ficava fora de sua autoridade, desde o dente de um camundongo até o minuteiro de um relógio, todos se encaixavam perfeitamente na máquina do governo. Isso sem falar da mola policial e as molas econômica e judicial. Bons tempos aqueles! Agora... No que acabou se convertendo um governador? Quem sou eu? Um governadorzinho de meia pataca! Meia? O que estou falando? Um quarto de pataca!

**Acidal** Na verdade, tudo isso, Sebastião, está prestes a mudar.

**Governador** Esta mesma tarde telefonei para o Fornilla que tinha acabado de voltar da sua fazenda.

**Acidal** Você falou com ele? O que ele falou?

**Governador** Veja você, esse é um homem que eu já deveria ter botado na cadeia faz tempo com uma cruz de ferro candente no meio da boca! O incesto cometido na época com suas duas irmãs já teria sido motivo para queimar o seu... Desculpe, seu Acidal, eu ia falar uma besteira. (*faz o sinal da cruz*)

**Acidal** Mas dá para esperar alguma coisa? O que ele falou?

**Governador** Esperar? Quem? Esperar o quê? Seu Acidal, esses reprodutores que até na mais inocente figueira encontram prazer escabroso, ou como fala o poeta “reminiscência mulheril”, deveriam ser castrados.

**Acidal** O senhor conseguiu pelo menos falar com ele? No aparelho?

**Governador** Aparelho? Que aparelho? Quem?

**Acidal** No aparelho telefônico. Atendeu?

**Governador** Um homem de quem se fala que seu fogo amedronta até sua própria mãe! Esse

cara não consegue ouvir a voz de uma mulher, mesmo sem vê-la, uma dúzia de fogos do inferno incendiam sua coluna vertebral!

**Acidal** Essa é a mais pura verdade, Sebastião! Porém, e os representantes de Fornilla também?

**Governador** Seu Acidal, a *Corporation* manda que você seja eleito deputado, e eu tenho sido indicado pra conseguir isso.

**Acidal** O Fornilla aceitou? Ele dá seus delegados?

**Governador** Acontece que mister Tenedy parece ter esquecido que um governador não tem influência sobre um fazendeiro. (*Acidal anda irritado*) Concordo que um governador faz tremer toda uma comunidade indígena. Eu me comprometo a fazer o que o senhor pedir do povo, quer dizer, do povo mesmo. Lembremos quem expulsou, usando a força pública, a comunidade Tabaya da fazenda Capapuy para entregá-la à Colacho Irmãos?

**Acidal** Ô Sebastião, Capapuy sempre foi nossa propriedade!

**Governador** Eu não estou discutindo questões legais. Porém, posso fazer isso e muito mais em favor do senhor, seu Acidal. E faço com muito gosto! Por que não faria? Mas, Fornilla é fogo, hoje não quis atender minha chamada no aparelho.

**Acidal** É muito porco! Continuam faltando 7 delegados! (*batem na porta*) Entre.

**Rina** O Isidoro pergunta pelo senhor Acidal.

**Acidal** (*depois de refletir*) Sim, que passe. Faz ele passar.

**Governador** O professor é o segundo poder social, depois do meu, é claro. É segundo, em tese, porque aspira ser o primeiro certamente.

**Professor** (*jovem de óculos, cara triste e roupa extravagante entra pelo fundo*) Muito boa noite, senhor Acidal. Incomodo? Boa noite, senhor Governador. (*Acidal dá a mão com desdém*)

**Governador** (*paternal*) Isidoro Tapa, antes que eu

esqueça, me diga por que o senhor tem sempre essa cara, essa vozinha, esse ar, esse jeito? Somando tudo, parece que você sempre está chovendo. Não sei se estou sendo claro.

**Acidal** Pode sentar, professor.

**Professor** Muitíssimo obrigado, senhor Acidal! (*para o Governador*) Então, o senhor estava falando o quê? Não entendi. Que pareço chuva? Não estou entendendo.

**Governador** É o seguinte, professor, parece que você chove ou que está chovendo em você, quer dizer dentro de você fazendo que sua expressão... Está chovendo lá fora, agora?

**Professor** Não senhor, não está chovendo lá fora agora.

**Governador** Percebeu? A gente vê você e tem a sensação de que está chovendo. Com certeza!

**Acidal** (*para o professor*) Como vai o trabalho, professor? O que a rua está falando?

**Professor** Falando da chuva... Tenho observado algo muito curioso, talvez esteja errado, mas, quando o tempo fica seco e gelado, a gente de Taque fica boba, quer dizer, trivial, incoerente...

**Governador** E besta, o que é pior. Especialmente os fazendeiros.

**Professor** Não há jeito de atingir o espírito da coisa.

**Governador** Nem a consciência, o que é pior.

**Professor** Se a gente entrar na pessoa... Moralmente, é claro.

**Governador** Isso quando a gente consegue entrar, o que é quase impossível.

**Professor** A gente entra... Entra... Mas parece que a gente nunca entrou.

**Acidal** E daí? Não estou entendendo.

**Professor** Não é nada, seu Acidal, é que nessas condições resulta completamente impossível conhecer o que lá dentro da pessoa, ela pensa, sente ou está querendo fazer.

**Acidal** Isso acontece com homens e mulheres?

**Professor** Vou falar para o senhor, seu Acidal, com os homens não acontece muito. Agora, com as mulheres esse excesso de segura retira qualquer profundidade, pelo menos da profundidade sensível às solicitações externas.

**Governador** Bobagens! Fale logo que esta semana, eleitoralmente, o senhor não fez nada e ponto final. *(levanta para ir embora)*

**Acidal** O senhor já está indo, seu Sebastião?

**Governador** Sim senhor, estou indo. A filosofia é fatal para minha gota.

**Acidal** Que hora a gente se encontra amanhã, seu Sebastião? Não esqueça daquele preso. Tem que ser esta noite mesmo!

**Governador** Eu nunca esqueço das minhas vítimas, seu Acidal. Estarei no meu escritório lá pelo meio-dia. Adeus, professor.

**Professor** Até mais ver, seu Sebastião.

**Acidal** Combinado, seu Sebastião. Até amanhã. *(o Governador sai, Acidal aproxima sua cadeira à do Professor, fala em tom simples e confidencial)* Agora ficamos à vontade. Quais são as novidades, seu Isidoro? Como vai a propaganda? E o que fala a voz da rua?

**Professor** Na verdade, a fala não é muito boa, seu Acidal.

**Acidal** Quais são os impedimentos pra eu ser deputado?

**Professor** Os impedimentos estão se multiplicando. Em primeiro lugar, falam que o senhor, desculpe o palavrão, que o senhor é um comerciante. Isso mesmo! Um comerciante! Isso soa...

**Acidal** Comerciante? Isso não tem nada demais! É crime ser comerciante?

**Professor** Segunda questão: que o senhor é um peão, um novo rico, um laçao dos norte-americanos.

**Acidal** *(repete, atrapalhado)* Um novo rico?

**Professor** Terceira: que suas mãos suam sempre.

**Acidal** Miseráveis!

**Professor** Quarta: que o senhor não sabe quem é Júpiter. Quinta: que o senhor é avarento. Sexta: que o senhor reza em latim.

**Acidal** Impossível!

**Professor** É! Espera aí, acho que falaram reza em inglês. Sétima: que viram o senhor comer, na rua, milho com açúcar que nem os cavalos. Oitava: que o senhor é um folgado.

**Acidal** Quem? Quem fala semelhantes bobagens?

**Professor** Nona: que o senhor não é Colacho, que é só cola.

**Acidal** Mas quem é que fala tudo isso?

**Professor** Décima: que a mãe do senhor tinha barba. Décima primeira: que a amante do senhor é uma mulher que fala quando sonha.

**Acidal** Isso é coisa dos Galtristas! Vão pagar por isso!

**Professor** Décima segunda: que Rina, sua empregada, sabe o Velho e o Novo Testamento.

**Acidal** *(caminhando enfurecido)* Gentalha! Cachorros!

**Professor** E décima terceira: esqueci...

**Acidal** Quantas mulheres tem professor?

**Professor** Mulheres? Eu? Seu Acidal, eu não sei ainda o que é uma mulher. Nenhuma.

**Acidal** Estou querendo dizer, quantas eleitoras.

**Professor** Eleitoras? Quase todas as mães dos meus alunos e muitas irmãs maiores e tias, viúvas ou solteironas, sem confirmação de castidade. Agora, seu Acidal, tudo isso está redundando de forma positiva, porém danosa no interesse educativo dos infantes, porque eles pedem uma hora de recreio suplementar diária em troca do voto de suas mães.

**Acidal** Você visitou todas pessoalmente?

**Professor** *(repete com malícia)* Pessoalmente? Para quê? Não era necessário, seu Acidal. A promessa solene dos filhos, dos meus alunos, era

suficiente.

**Acidal** Como é que você confia na promessa desses moleques?

**Professor** Esses alunos têm abaixo de dez anos...

**Acidal** Você está caçoando de mim, professor?

**Professor** O meu plano é o seguinte. Veja só: no dia da eleição pela manhã, um formidável choro de 138 crianças, um choro sustentado, seja ritmicamente ou sincopado, ou em forma de fuga. Um choro possante, percutâneo, brutal, tentacular. Será um choro eleitoral jamais ouvido no âmbito da cidade. As mães com o coração desgarrado pelo choro dos seus filhos, os pegarão nos seus braços e perguntarão: Por que chora, meu filho? Por quê? Aí eles responderão berrando: Co... Co... Colacho. *(batem forte na porta)*

**Acidal** Entra. O que há?

**Comandante** *(homem rude e decidido)* O senhor Acidal Colacho está visível? Boa noite!

**Acidal** O senhor está falando com ele. Pode entrar.

**Comandante** *(saudando militarmente)*  
Comandante Frederico Mercedes Hermenegildo das Quadras e Sotelaga Dourado do Socorro Molleturas, às suas ordens! Chefe do Batalhão dos Hussardos da Glória número 14, comissionado nesta província para custodiar a ordem pública durante o processo eleitoral. Acampado faz uma hora na sede da Escola Nacional de Varões desta cidade. *(o professor, ejetado como uma mola, dá dois passos enérgicos em direção ao Comandante)* Venho para ficar às ordens do senhor. Tenho 150 homens com 150 cavalos, 40 atiradores e 20 soldados de infantaria se for o caso. 300 espingardas, 180 pistolas, 30 delas sem gatilho, 2 sargentos primeiros, 4 capitães, 4 tenentes, 8 subtenentes, 3 metralhadoras. *(o professor recua dois passos)* E munição para... Quantos habitantes há em Taques?

**Acidal** Algo por volta de 2 mil habitantes.

**Comandante** 2 mil? Muito bem. Munição para 2 mil pessoas.

**Professor** *(com timidez)* Se eu não estou errado Comandante, só é permitido matar apenas os eleitores...

**Comandante** Disponha, senhor Colacho. *(volta a saudar militarmente)*

**Professor** Aos que sabem ler e escrever...

**Acidal** Por favor, sente-se, Comandante. Precisamos palestrar detalhadamente.

**Comandante** Antes, porém, esse senhor tem que sair. Detesto homens de óculos.

**Acidal** *(voltando-se para o professor)* Como o senhor quiser. Seu Isidoro...

**Comandante** Que vá embora logo. Perdemos a guerra de Antivia por culpa dos homens de óculos. Como homem e patriota que sou, nunca esquecerei! *(para o professor)* Você ouviu, meu amigo? *(o professor, que é atropelado pelo comandante, foge pela porta dos fundos protegendo sua cabeça com as mãos)* Vá embora daqui! Vá dormir! *(o professor sai e o comandante bate a porta)* O coronel Changomar costumava dizer: Nada de burro preto, Pedros, nem óculos! Ele tinha toda razão.

**Acidal** Como foi a viagem, comandante? Pode se sentar.

**Comandante** Que sentar, que nada! Senhor Colacho, não me venha com salamaleques. Estou com pressa. Vamos ao que interessa. *(Acidal percebe que está lidando com um homem terrível)* Eu divido os homens em militares e civis, ou o que é a mesma coisa, águias e galinhas. *(caminha de um lado para outro, seu andar compassado e soberano faz tremer o palco)* Só os que têm comando triunfam na vida, o resto são palermas. Senhor Colacho, não existe eleição em que meus Hussardos da Glória número 14 tenham participado sem que o candidato que eu servia não tenha saído vitorioso.

**Acidal** Comandante, até agora a assembleia...

**Comandante** Shh! Sei muito bem o que é uma assembleia. Já dissolvi mais de 20 só de mostrar minhas esporas ensanguentadas numa bandeja. (*continua andando*) Senhor Colacho, eu sou um homem forte! Sou um militar! Além do mais, comandante! Eu não quero saber de assembleias!

**Acidal** Os eleitores que eu tenho até agora...

**Comandante** Shh! Eu tô falando! Eu não quero saber de eleitores, nem de leis, nem de direitos. Isso é fogo de palha! Vejamos o fundo das coisas, senhor Colacho. (*de repente para e olha fixo para Acidal*) Quantos Manueles há em Taque?

**Acidal** Manuel? Veja comandante, deve haver uns...

**Comandante** A força opositora aos meus soldados no país inteiro é calculada pela quantidade de Manueles que existem nele.

**Acidal** Acho que por aqui deve haver mais ou menos uns trinta.

**Comandante** E quantos Alexandres? A fraqueza de um país mede-se pela quantidade de Alexandres que o habitam. O senhor deve estar lembrado que durante a guerra contra Antivia o presidente chamava-se Alexandre Toro Tacho. Eu reconheço os que se chamam Manuel pela cara. Nos tumultos, nas greves, nas revoluções, os meus hussardos já sabem de cor a minha ordem: atacar preferencialmente os Manueles.

**Acidal** Comandante...

**Comandante** Deixe eu falar! Em menos de dez anos já servi uns quinze presidentes da república: presidentes radicais, democratas, republicanos de direita, de esquerda, de centro, socialistas, monarquistas, de todos os partidos. Presidentes bons, maus, médios, velhos, jovens, déspotas, generosos, grandes, pequenos, gordos, magros, de qualquer tamanho. Eu sou apenas um soldado cujo dever é obe-

decer cegamente que mandar, seja quem for, seja por onde for. O que devo fazer para que o senhor Colacho seja deputado? O senhor manda. Eu não tenho nada que ver com política, a não ser quando há eleições.

**Acidal** Comandante...

**Comandante** Shh! Estou falando! Pegue o senhor aqui, seu Colacho. (*pega a mão de Acidal e a coloca na barriga*) O que o senhor sente?

**Acidal** É uma... espécie... de bola. Uma...

**Comandante** Silêncio! Vamos, diga o que é isso! Não tenha medo, responda! O que o senhor sente?

**Acidal** Agora parece... Parece algo como um...

**Comandante** Shh! Essa é a primeira cicatriz. Agora deste lado? (*leva a mão de Acidal para a ponta do nariz do comandante*) Eis a segunda cicatriz. E deste lado? (*leva a mão de Acidal para uma das têmporas do comandante*) As cicatrizes número 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9, todas elas na mesma têmpora. Como o senhor pode ver, além do uniforme e das medalhas, eu sou um herói nove vezes condecorado, seu Colacho. Pode contar com sua eleição. Fique sossegado. O que pode fazer uma miserável aldeia de 2 mil habitantes, mesmo com todos seus Manueles, contra meus 150 hussardos da Glória número 14 e 20 soldados de infantaria, se for o caso? Senhor Colacho, espero pelas suas instruções amanhã. (*preparando-se para sair*) Vou embora. Estou com fome. (*batendo continência militar*) Às suas ordens: Frederico Mercedes Hermenegildo das Quadras e Sotelaga Dourado do Socorro Molleturas! (*sai rapidamente pelos fundos*)

**Acidal** (*perplexo*) É um verdadeiro leão! (*Caminha pensativo, batem na porta*) Pode entrar!

**Rina** Senhor Acidal, acaba de chegar meu pai.

**Acidal** Teu pai? Era hoje que tinha que vir?

**Rina** Sim. Era hoje que tinha que vir.

**Acidal** Bom, então faz entrar. Um momento! Sim, deixa ele entrar.

**Rina** Muito bem, senhor Acidal. *(sai. Pausa. Entra o senhor Rupe, é um camponês de sessenta anos, curvado e vestido muito pobremente. Rina o acompanha)*

**Rupe** *(muito humilde)* Boa noite, senhor Acidal.

**Acidal** Que ninguém atrapalhe, Rina. Vá e fecha bem a porta.

**Rina** Muito bem, senhor Acidal. *(sai)*

**Acidal** Rina, que ninguém venha atrapalhar, tá? Vá e fecha bem essa porta.

**Rina** Tá bom, seu Acidal. *(sai)*

**Acidal** *(para seu Rupe)* A Rina já falou por que chamei o senhor?

**Rupe** Falou sim, senhor Acidal. Por isso estou aqui. O que o senhor manda?

**Acidal** O senhor trouxe o combinado? Precisa de algo mais? Um fumo de corda?

**Rupe** *(sentando-se)* Trouxe tudo o que preciso. Obrigado, senhor Acidal.

**Acidal** *(sentando-se frente ao velho, fala como se fosse um doente falando com o médico)* Olha, seu Rupe, quero que você fale se tudo vai dar certo para mim na política. Você consegue responder essa pergunta? A Rina falou pra mim que é no sabor da folha de coca que você consegue descobrir o futuro e muito mais do que vai acontecer com a pessoa. Então vejamos. Você já está mastigando sua coca? Muito bem. Perfeito. *(pausa durante a qual Acidal caminha observando seu Rupe que permanece sentado e em silêncio)* Será que você prefere ficar sozinho? *(pausa, Rupe não responde)*

**Rupe** *(divagante)* Ela não deixa... Tá difícil... É folha demais e se botar mais cal vou queimar a boca.

**Acidal** Você quer a folha mais molhada talvez?

**Rupe** Na morte da Tacha, minha mulher, foi desse jeito mesmo. A folha e a cal brigaram muito. Três sextas-feiras antes da morte... Era uma escuridão só! Ô capirote!

**Acidal** *(apreensivo)* O que está acontecendo, seu Rupe? *(o velho volta a ficar em silêncio. Acidal caminha preocupado. Pausa. Aproximando-se de Rupe)* Veja você, seu Rupe, o negócio é o seguinte: O Mordel é contra eu entrar na política e eu acho que devo entrar na política. Quem você acha que está certo? Qual é o caminho a seguir? O que fala sua coca?

**Rupe** Traga um pratinho e um copo pra mim, senhor Acidal.

**Acidal** É para já, seu Rupe.

**Rupe** Com um pouco de água no pratinho.

**Acidal** Pode deixar, seu Rupe. A água já está aqui.

**Rupe** *(tira das suas roupas uma vara preta de meio metro de comprimento)* Fique um pouco longe da mesa, senhor Acidal. Sente-se mais para lá.

**Acidal** Muito bem. Muito bem. *(Rupe em pé perante o prato e o copo de água que estão sobre a mesa, levanta a vara com as duas mãos verticalmente na frente dos seus olhos, à altura da sua cabeça e fica ouvindo em seu entorno enquanto Acidal o observa com muita ansiedade)*

**Rupe** *(olhando fixamente a vara, está alucinado, sacerdotil e sereno)* Patunga é a lagoa infinita, lá embaixo do sol e a lua! Na lagoa, um morro de ponta cabeça procura chorando a erva de ouro e os metais no fundo dela! *(voltando-se bruscamente para Acidal)* Se o senhor consegue ver por detrás das lombadas e do matagal um brilho verde como o olhar de um sapo, não fale nada, nem deixe o seu lugar! *(o velho bota, horizontalmente à mesa, a vara preta em cima do prato com água e volta a fixar os olhos na vara)*

**Acidal** *(de longe, muito baixinho)* Posso ser deputado? Devo ser deputado? *(o velho não responde. Pausa. Rupe entoia em voz baixa uma cantiga esquisita, infinitamente triste, que faz Acidal abaixar a cabeça e ficar parado. Pausa)*

**Rupe** *(mudando a cantiga para uma forma de recitado lamentoso)* Amanhã de manhã, joga tua camisa no rio! Ao meio-dia, joga teu chapéu

no fogo! No fogo, ao meio-dia, teu chapéu!  
*(de repente, joga a vara violentamente no chão e depois ele desmaia numa cadeira)*

**Acidal** Seu Rupe! Seu Rupe! Fale francamente!  
Não esconda nada de mim!

**Rupe** *(recuperando-se)* O senhor lembra qual foi a coisa mais triste que já aconteceu na sua vida?

**Acidal** A coisa mais triste? Sei lá, seu Rupe!  
Ninguém gosta de lembrar!

**Rupe** Sem mandinga e sem despacho ninguém consegue. A mandinga protege de voltar a acontecer e cair de novo, e o despacho devolve a honra e a riqueza.

**Acidal** O senhor sabe muito bem disso. Eu estou por fora.

**Rupe** Acontece, seu Acidal, que os cachorros só latem para os pobres. Por favor, o senhor pode sair para o pátio? Só um momento, apenas um momento.

**Acidal** Para o pátio? Tudo bem! Lá vou eu. *(Acidal sai pela porta da direita, o velho fica só, ele está fechado profundamente em si mesmo, olhando imóvel para o chão. Pausa. De repente, parece tomado pela loucura e começa a andar enfurecido pela sala. Acidal volta do pátio.)*

**Rupe** *(rugindo fora de si)* Minha filha está prenha!  
Rina está prenha de vocês dois!

**Acidal** O que o senhor está falando, seu Rupe?

**Rupe** Minha coca acabou de falar.

**Acidal** Isso é mentira!

**Rupe** Minha Rina está prenha de vocês dois! A coca não mente jamais!

**Acidal** *(ficando irritado)* Seu Rupe, não comece com suas histórias!

**Rupe** Vão pagar pelo que fizeram com a Rina!  
*(Rina entra chorando pelos fundos e abraça seu pai)*

**Acidal** Olha só isso! Tudo resultado da coca! E a outra então... Que mania de ficar ouvindo por trás da porta. *(tira uma garrafa e um copo*

*de uma gaveta da mesa)* Venha Rita, dá um trago no velho pra ver se ele para de delirar.

**Rina** Tá bom, seu Acidal. *(serve um copo para seu pai)*

**Acidal** E vai logo preparar meu chá de camomila que estou com sede.

**Rina** Tá bom, seu Acidal. *(sai pela porta da direita)*

**Acidal** *(olhando seu relógio)* Já são dez e meia da noite e Mordel não dá notícia. O que será que aconteceu? *(Rupe segura o copo na mão sem beber, olha fixamente o chão. Acidal aproxima-se e fala em tom confidencial)* O senhor também é homem, seu Rupe. Já foi jovem também. O senhor entende, são os arroubos da juventude. Sua filha. O senhor percebe... Agora, esse negócio do Mordel também ter participado. Isso não é comigo. *(o velho escuta pesaroso)* Uma noite, a Rina estava passando roupa na cozinha... Prenha? O que é isso? Seu Rupe, beba um pouco... *(Acidal serve o copo do velho que o bebe de um gole, Acidal volta a servi-lo)*

**Rupe** Vendi minha filha Rina ainda criança para o padre Trelles. Tinha só quatro anos e dos oito pesos que ele ofereceu por ela, só recebi a metade e o restante foi uma missa pela alma da Tacha, minha mulher. E o que aconteceu com o padre?

**Acidal** *(bebe seu copo de um gole só)* Fiquei sabendo! O padre e sua mula rodaram ladeira abaixo. *(de repente Acidal fica muito nervoso)*

**Rupe** Foi um Deus nos acuda senhor Acidal! *(faz o sinal da cruz)* A mula não era outra senão a Conceição, sua amante.

**Acidal** *(caminhando agitado)* Ah é? A Conceição mesmo?

**Rupe** Falava-se que aos sábados, à meia noite, ele montava nela usando esporas e freio de fogo, a fazendo correr como louca por ruas e quebradas. Era mesmo o demo no corpo da mulher!

**Acidal** *(servindo mais tragos)* A Conceição com

crina de mula. (*riso forçado*) Bela garupa, seu Rupe!

**Rupe** Depois foi dona Serafina, a fazendeira do Santa. Pouco antes do padre rodar na quebrada, ele tinha regalado minha Rina para Dona Serafina. Falam que, na verdade, ela foi trocada por dois coelhos de Castela (*Acidal escuta inquieto*). A velha me expulsou de sua casa um dia que eu fui reclamar umas batatas pela minha filha. Soltou seus cachorros e outros bichos contra mim. (*Acidal bebe seu copo e volta a enchê-lo*) Depois, a velha pagou! (*Rupe bebe seu copo de um gole só*)

**Acidal** Como foi que ela pagou, seu Rupe? Também despencou da ladeira?

**Rupe** Uma noite chegaram no Santa uns revolucionários partidários do general Selar, usavam máscaras e espingardas. Amarraram a velha e suas filhas que segundo constava eram virgens, tiraram anéis e colares de brilhantes delas, assim como dedos e braços à golpe de facão.

**Rina** (*voltando pela direita*) Seu Acidal, seu chá de camomila já está pronto.

**Acidal** Tudo bem, bebo mais tarde. (*serve outro copo para seu Rupe*)

**Rina** Muito bem, seu Acidal. (*volta a sair pela direita*)

**Rupe** Depois de passar pelas armas dos 30 revolucionários, a velha e as filhas morreram.

**Acidal** (*bebendo*) Bom, seu Rupe, não é para o senhor ficar com raiva de mim. Vamos esquecer tudo isso.

**Rupe** (*bebendo*) Senhor Acidal, cada um e sua consciência, não é?

**Acidal** (*sentando-se frente ao velho*) Acontece que neste mundo... Talvez... Já que tudo é possível neste mundo...

**Rupe** (*extasiado*) Agora sim essa folhinha está boa! O senhor estava falando, seu Acidal... Ah, sim!

**Acidal** Seu Rupe, são três anos com a Rina. O que

o senhor acha?

**Rupe** Serão três anos no Corpus Christi.

**Acidal** O senhor ficou contente de eu tê-la roubado dos Chumangos. Como estaria ela agora, não é?

**Rupe** Uma tropeira. Uma pobre tropeira e mais nada.

**Acidal** Enquanto aqui! Ela mesma pode contar pro senhor. Sapato de salto alto, meia de seda, lenço branco, brincos, fitas e sabe Deus que mais! Até anel de cobre ela tem! (*Rina volta pela direita*) Não é mesmo, Rina?

**Rina** É verdade, seu Acidal.

**Acidal** (*para seu Rupe*) O senhor está ouvindo?

**Rupe** Sei, sei muito bem. Sendo que antes ela... (*Rina vai sentar-se longe*)

**Acidal** (*já meio bêbado, vendo Rina passar*) O que você tem? Choramingando ainda?

**Rina** (*falando baixinho*) Não é isso, seu Acidal. Estou com um pouco de tosse.

**Acidal** (*para seu Rupe*) Ela manda e desmanda na minha casa como se fosse a dona. É por isso que o pessoal fofoca. Porém, seu Rupe, eles podem fofocar à vontade, sua filha mora na minha casa e ela pode fazer o que der na telha dela. (*serve mais bebida*)

**Rupe** E o senhor Mordel? O que é que o senhor Mordel fala de tudo isso?

**Acidal** Fala o mesmo que eu estou falando. Deixa de acreditar em fofocas seu Rupe! Prenha..? Talvez... É muito provável... Porém... De nós dois? (*volta seus olhos vidrados de álcool para a sombra disforme do corpo de Rina sentada num canto escuro. Rupe olha alternadamente para Rina e para Acidal, e depois de um instante chama pela empregada*) Rina!

**Rina** Sim, seu Acidal?

**Acidal** Venha até aqui. Aproxime-se.

**Rina** Tudo bem, seu Acidal.

**Acidal** (*para Rina que ficou próxima deles*) Sente-se. Eu e teu pai estamos aqui... Seu Rupe, eu

quero a sua filha de verdade. Meu coração lhe pertence. (*Rina chora baixinho*) Não chora, Rina. Teu pai está falando que... É verdade que você está grávida? Fala... Fala na frente do teu pai.

**Rina** Pelo amor de Deus, seu Acidal!

**Acidal** Pode falar, não tenha medo. Você sabe que não posso ter ciúmes do meu irmão. Fala, você está grávida? (*Rina chora muito mais*) Seu Rupe, eu não quero que o senhor vá embora bravo comigo. Não é que eu tenha medo de suas macumbas, acontece que Rina é praticamente da casa.

**Rupe** (*para Rina*) Filha, eu e sua mãe fizemos você de maneira correta. Ela deu pra mim tudo que tinha de bom, e eu também dei pra ela.

**Acidal** Rina, fala que você não está grávida. Você está grávida?

**Rina** (*o rosto oculto entre as mãos*) Sim, seu Acidal... Estou grávida.

**Acidal** (*repentinamente furioso*) Como é que você está grávida? Está grávida de quem?

**Rina** Não sei de qual dos dois, seu Acidal.

**Acidal** Como não sabe? Então...

**Rina** O senhor Mordel diz que é do senhor.

**Acidal** Mordel falou que você está grávida de mim? Quando falou isso? Percebe o que está falando?

**Rina** Ele falou o outro dia que voltou de Catarca.

**Acidal** Por que você perguntou pra ele e não pra mim?

**Rina** Eu achava... Porque achava que era dele.

**Rupe** Sua cadela, você é minha desgraça!

**Rina** (*de joelhos perante o pai*) Perdão, meu pai! (*chora. Batem na porta da rua, do lado do pátio. Todo mundo fica ouvindo*)

**Acidal** Estão batendo na porta! (*voltam a bater*) É. É aqui mesmo que estão batendo. Quem pode ser nessa hora? (*sai pela direita*)

**Rupe** (*levantando sua filha por um braço, fala baixo e carinhoso*) Levanta, minha filha! Você está de

quantos meses?

**Rina** Acho que de três, pai.

**Rupe** E eles sabem que você dorme com os dois?

**Rina** Sabem, mas fingem que não sabem.

**Rupe** E o que eles falam pra você?

**Rina** Falam que é melhor pra mim.

**Rupe** Melhor pra você?

**Rina** Falam que é pra economizar. Desse jeito os dois só mantêm uma mulher.

**Rupe** E você? O que você acha que ganha com isso?

**Rina** Eles falam que o quarto que seria da outra mulher, vai ficar pra mim depois.

**Rupe** Ah, são muito espertos! São uns lobos esses safados!

**Rina** Porém, eu sei o que vai acontecer: vão me fazer abortar porque nenhum dos dois quer ter filhos. Tiveram o Novo por descuido. Ele também é dos dois. Por isso, o Novo fala que são seus tios. (*chora*)

**Rupe** Foi por economizar também que o Novo foi gerado pelos dois irmãos?

**Rina** Como é que deixei eles fazerem, meu Deus! Mas... O que eu podia fazer? Como podia negar-me? Como podia falar que... Oh meu pai! Pai! Paizinho! (*chora abraçada aos joelhos de seu Rupe*)

**Rupe** Coisa horrorosa! Avarentos! Sovinas! (*de repente fica misterioso e vingativo*) Escuta! Olha bem! Tua barriga...! Ah! (*beijando uma cruz feita com seus dedos*) Juro por esta cruz! Você vai ver! (*barulho no pátio*)

**Rina** (*assustada*) É o seu Mordel!

**Rupe** É o seu Acidal!

**Rina** (*olhando pela fresta da porta à direita*) Tô falando que é o seu Mordel!

**Voz de Acidal** Rina!

**Rina** Tô indo, seu Acidal! (*sai pela direita. Rupe fica só, tira uma agulha da sua tabaqueira e passa na cal para espalhar na direção do pátio, fazendo desenhos cabalísticos no ar. Pela direita, entra*)

*Mordel com roupa de viagem acompanhado pelo seu irmão Acidal. O velho se esconde num canto da porta)*

**Acidal** (*apreensivo*) O que está acontecendo? Senta. Descansa. Comeu alguma coisa? Vou mandar preparar uma sopa.

**Mordel** (*agitado*) Precisamos falar e é muito! É um assunto muito importante! (*percebendo que Rupe começa a se mexer quase arrastando-se em direção ao pátio*) Oi? Quem é esse aí?

**Acidal** (*que tinha esquecido do velho*) Sei lá. Ah! É o pai da Rina.

**Mordel** Fecha todas as portas. Não quero que ninguém atrapalhe.

**Acidal** Pelo menos, toma qualquer coisa.

**Mordel** (*indo e vindo*) Não quero nada por agora. Talvez mais tarde.

**Acidal** (*fechando a porta da direita e falando alto para Rina*) Rina, não entra porque estamos ocupados.

**Voz de Rina** Muito bem, senhor Acidal!

**Mordel** É demais! Não dá pra acreditar!

**Acidal** Algum problema com a empresa? Você brigou com mister Tenedy?

**Mordel** O Llave fechou o balancete do mês passado?

**Acidal** (*tira de uma gaveta o livro de contas*) Fechou. Aqui está o resultado.

**Mordel** Acho que no semestre passado ganhamos uns 19 mil pesos, mais ou menos.

**Acidal** (*consultando uma página do livro*) Aqui está. São... É... 21 mil. Exatamente: 21.775 pesos e 29 centavos, rendimentos somados entre os dois bazares, a ajuda pelos peões e tropeiros, transporte de minério e a fazenda.

**Mordel** (*pensativo*) Hum! 21.775,29 é muito pouco. Você tem aí os balancetes antigos, os de 1909?

**Acidal** Não, não estão aqui. Se eu lembro bem e já faz isso mais de 12 anos, foi quando terminamos de pagar ao velho Tuco e conseguimos

mudar de loja, a gente sempre aumentava nosso capital em pelo menos 60% cada ano.

**Mordel** Nunca fiz nada contra mister Tenedy para ele me tratar desse jeito! Muito pelo contrário, eu sou seu puxa-saco, seu...

**Acidal** Mordel, fala logo, o que aconteceu? O que fez mister Tenedy?

**Mordel** Quer que eu seja Presidente da República! Imagina!

**Acidal** (*abestalhado*) Pelo amor de Deus!

**Mordel** Já pensou, eu Presidente da República?

**Acidal** Pode ser, meu irmão!

**Mordel** Não adiantou reclamar! Ontem, pela manhã, mandou me chamar no seu escritório e falou: “Seu Mordel, os interesses da *Corporation* exigem que o senhor seja hoje Presidente da República.

**Acidal** Foi desse jeito mesmo que o americano falou?

**Mordel** Você já sabe como são esses gringos. Depois de implorar muito, falei pra ele que, em último caso, você seria melhor presidente que eu.

**Acidal** Como assim? Que eu seria melhor?

**Mordel** Mas não adiantou nada! Ele quer porque quer que eu seja presidente! Chegou até a ameaçar que, se eu desobedecer as ordens de Nova Iorque, a empresa seria obrigada a expulsar a gente de Cotarca, perdendo nossos bazares, a contratação dos peões, dos tropeiros, de tudo.

**Acidal** Mas nossa fazenda não! A Capapuy não é deles!

**Mordel** Ele falou: tudo! “Você, senhor Mordel, é o cara que nosso sindicato confia, você é a única pessoa leal que pode trabalhar conosco no governo, ajudando seu país e o nosso.”

**Acidal** Mas você lhe explicou que...

**Mordel** Expliquei tudo! Mister Tenedy, falei pra ele, eu não tenho jeito nem instrução suficiente para isso. Eu posso servir a *Corporation*

em tudo que o senhor mandar, mas não como presidente.

**Acidal** Que horror! E qual era a justificativa dele?

**Mordel** Parece que vão dar um golpe daqui a pouco, só umas semanas. Ele falou que a *Corporation* conta com muitos coronéis e generais. Segundo farejei, os americanos estão descontentes com o atual presidente porque anda favorecendo as empresas inglesas, prejudicando as gringas. Não confiamos mais em ninguém, ele falou: “Todos os políticos deste país são uns ladrões. Nós precisamos de um homem honrado que não seja traidor e esse homem não é outro senão o senhor.”

**Acidal** Mas, então, como é que ficou?

**Mordel** Como ficou? Ficou que mister Tenedy é um teimoso e eu não sei o que fazer mesmo. *(desmonta num sofá puxando seus cabelos)* Não sei o que fazer! Não sei mesmo!

**Acidal** *(seu espanto inicial começa a transformar-se numa aflita alegria)* Bom, pelo amor de Deus, também não é para ficar pirado, Mordel! Pensando bem...

**Mordel** Eu não tenho medo de nada, você sabe disso. Nunca tive medo de nada. Aflição, trabalho e miséria? Tudo isso me faz rir. Mas me obrigarem a fazer uma coisa para a qual não fui feito. Isso não dá!

**Acidal** Será que mister Tenedy não aceitaria que eu seja presidente no teu lugar?

**Mordel** Como é que eu vou ser presidente? Eu não sei nada de nada! Não sei falar em público! Não levo jeito, não conheço os costumes!

**Acidal** Calma, Mordel, não pira! Fica sereno! Pensa e reflete. Olha que no fundo mister Tenedy procura o melhor para você. Agora, em todo caso, pede de novo para eu substituir você. Volta a choramingar pra ele!

**Mordel** Ele vai se opor de novo. Conheço ele.

**Acidal** Então, você tem que aceitar, meu irmão! Aceita, mesmo para ser presidente por um dia só. Coragem! Como é que é? Logo você!

Um cara como você vai ficar com medo de discurso, de casaca, de cerimônia?

**Mordel** Pois é justamente isso! Discurso! Casaca! Fico suando frio só de pensar! *(fica caminhando tomado de uma grande agitação)*

**Acidal** *(tira de repente um livro de urbanidade e boas maneiras)* Devagar! Espera um pouco! Olha! Olha mesmo, você sabe o que é isto aqui? Este livro é o máximo! Com ele você vira o que quiser: presidente, ministro, deputado ou senador. *(folheando o livro)* Veja, justo aqui você tem um capítulo ótimo. *(lendo)* Nos altos círculos políticos e diplomáticos. Olha, aqui fala do que você tem que fazer e dizer entre ministros, deputados e presidentes. *(Mordel examina o livro)* O Llave que é quase um bacharel, vai te ajudar com o resto.

**Mordel** Esse é o livro que você falava nas cartas? Que Llave deu pra você?

**Acidal** O mesmo. Olha aqui. *(lendo o título de alguns capítulos)* Na casa de um deputado recém-eleito. Como ingressar na sala da esposa do ministro quando ele está ausente. Como receber um embaixador para jantar. Como falar do tempo com a filha solteira do senador. Como fazer um discurso para uma multidão. Como fazer o nó da gravata num enterro. Qual é a melhor hora para olhar as horas num baile.

**Mordel** Não dá pra entender! Não dá!

**Acidal** Como é que não dá? É bem simples, você aprende logo!

**Mordel** Nunca vou entender por que mister Tenedy teima tanto que eu seja presidente, justo eu. Vou falar com ele. Vou pedir de novo que seja você. Não tem outro jeito. Ele diz que precisa de um homem de confiança? Então é você!

**Acidal** É isso mesmo! A gente não pode perder a oportunidade. Imagina! Presidente da República! Logo eu, que mal queria ser deputado.

**Mordel** E se ele voltar a recusar, falarei que pode fazer o que quiser com a gente. Pode se vingar, expulsar da mina, deixar na miséria, o que quiser. Mas, eu não quero ser Presidente da República de jeito nenhum. Isso não dá! Não dá! Não dá mesmo! Não, e ponto final.

**Acidal** *(como se fosse um segredo)* Mordel, estou pensando numa coisa.

**Mordel** O quê? O que você está pensando?

**Acidal** Você está lembrando de... *(pisca o olho fazendo referência à Rina)* Hein?

**Mordel** Ah! Mas, então mister Tenedy não conseguiu?

**Acidal** Não encostou um dedo! Sou testemunha disso!

**Mordel** Quer dizer então...

**Acidal** O que você acha?

**Mordel** *(maravilhado)* É isso mesmo, cara! Pode apostar!

**Acidal** Você leva a moça pra Cotarca, organiza a folia com o gringo e depois...

**Mordel** Você conhece o cara! É seu ponto fraco!

**Acidal** Especialmente ela. Pode apostar!

**Mordel** O quê? Nem fala, cara! Com ela tiro do gringo o que eu quiser! Você vai ver! Uns goles, Rina quietinha num canto e pronto.

**Acidal** Pedre pra eu trocar com você. Não arreda de jeito nenhum. Agora, se ele não topar, se ele teimar... Aí...

**Mordel** Aí não tem Rina que resolva.

**Acidal** Você deve ficar bem esperto. Seja astuto. Nem ela, nem ele, devem perceber a armação! E na hora agá...?

**Mordel** Como ela está agora? Bonita? Gostosa?

**Acidal** Vou te falar... Dá pra o gasto.

**Mordel** É bom chamar. Chama pra dar uma olhada.

**Acidal** Vou chamar, sim. *(abre a porta da direita e fala alto)* Rina! Venha aqui!

**Voz de Rina** Tô indo, senhor Acidal. Agora mesmo.

**Mordel** Só se você tiver algo com ela ou se quiser exclusividade.

**Acidal** Eu? Imagina! E você?

**Mordel** Hum, também não, cara. Shhh! Lá vem ela. *(Rina entra pela direita, está arrumada e penteada. Os irmãos a apreciam com dissimulação e precisão)*

**Acidal** Rina, seu pai já foi embora?

**Rina** Sim, seu Acidal. Ele já foi embora, faz um tempo.

**Acidal** Muito bem. Muito bem. Você procura pra mim uma faquinha que esqueci hoje de manhã acho que na gaveta da mesinha do canto?

**Rina** Procuo sim, seu Acidal. *(os Colacho olham para ela que ficou de costas)*

**Mordel** Como a gente estava falando...

**Acidal** Você vai ver que... *(eles trocam olhares perspicazes)* É uma coisa que mais ou menos pode dar certo. *(Rina está procurando a faquinha na gaveta)* O que você acha? Qual é teu palpite?

**Mordel** Eu também acredito nisso.

**Acidal** *(para Rina)* Não está achando, Rina?

**Rina** Não, seu Acidal.

**Acidal** Então deve estar aqui, na gaveta desta mesa. Venha procurar aqui.

**Rina** Tô indo, seu Acidal. *(desse jeito os irmãos conseguem ver, de perto e na luz, os peitos e o rosto da moça)*

**Mordel** Não dá pra negar, é nossa última cartada!

**Acidal** Isso aí! Porém eu acho que temos que refletir um pouco mais, não é? *(um fulgor de desejo ilumina o olhar dos irmãos ao ver o peito e os braços nus de Rina)*

**Rina** *(olhando tímida e inocente para Acidal)* Aqui também não está, seu Acidal. Não estou achando.

**Acidal** Tudo bem. Deixa pra lá. Não tem importância.

**Mordel** *(encarando Rina)* Quando volta teu pai?

**Rina** *(baixando o olhar)* Não sei quando ele vai

voltar, seu Mordel. Agora deve estar muito ocupado na lavoura.

**Mordel** Tá bom. Pode ir embora.

**Acidal** (*para Rina*) Mas não deita, porque ainda vou chamar, viu?

**Rina** Muito bem, seu Acidal. (*sai pela direita enquanto os irmãos a comem com os olhos*)

**Mordel** (*depois de fechar a porta, falando baixinho*)  
Cadê Nossa Senhora do Perpétuo Socorro?

**Acidal** Lá no quarto.

**Mordel** Vai lá e traz. Traz uma vela também. Temos que pedir pra Nossa Senhora dar um jeito nisso da Rina e do gringo.

**Acidal** (*saindo pelos fundos*) É pra já. Vou trazer. (*Mordel fica pensativo. Depois, volta Acidal com a imagem sagrada e uma vela. Fala enquanto coloca a imagem na mesa e acende a vela*) Temos que pedir também pra Nossa Senhora que o golpe dê certo. Porque os ingleses têm tudo pra vencer os ianques. Pronto. Pronto. Vamos ajoelhar. (*fica de joelhos perante a imagem*)

**Mordel** (*ajoelhando-se junto ao irmão*) Já pensou se mister Tenedy nos expulsa de Cotarca?

**Acidal** Seria uma catástrofe! É melhor rezar.

**Mordel** Você acha que não podem tirar da gente a fazenda Capapuy. Como se os gringos não pudessem tudo! Lembra que o governador entregou pra gente por ordem de mister Tenedy?

**Acidal** Afinal, o que temos que pedir pra Nossa Senhora?

**Mordel** Temos que pedir três coisas. Um, que o gringo fique muito apaixonado pela Rina e que não duvide de tomar posse. Dois, que em troca dela tope que você seja presidente no meu lugar. E três, que o golpe dê certo.

**Acidal** Fechado! Vamos rezar.

**Mordel** Vamos rezar. (*os irmãos juntam as mãos e olham compungidos a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Depois, eles abaixam a cabeça e seus lábios começam a murmurar*

*silenciosamente até um final da cena, uma oração fervorosa, apaixonada e cheia de ansiedade)*

Cortina

Quarto quadro

*O mesmo cenário do segundo quadro.*

*Luz crepuscular no bazar que está de portas fechadas para a clientela.*

*Mordel e mister Tenedy bebem seus copos de uísque.*

**Tenedy** (*fumando cachimbo*) Repito, seu Mordel, os Estados Unidos investiram muito dinheiro aqui. Esses investimentos não podem ser deixados ao léu do atual caos político do seu país.

**Mordel** Entendo, mister Tenedy.

**Tenedy** Por outro lado, o próprio interesse nacional exige que essa situação acabe logo. O povo está morrendo de fome, os índios são explorados, os operários não têm trabalho. Funcionários públicos e o exército, não têm salário. Centenas de cidadãos estão presos e desterrados. (*Mordel escuta concordando respeitosamente*) Militares e civis são fuzilados e outro tanto são perseguidos.

**Mordel** O senhor falou exatamente a verdade, mister Tenedy.

**Tenedy** Nossa revolução vai acabar com essa baderna odiosa. O senhor, seu Mordel, vai salvar sua pátria da ruína e da anarquia.

**Mordel** Farei o que estiver ao meu alcance.

**Tenedy** Nessa tarefa, volto a lembrar-lhe, o senhor pode contar com meu decidido apoio e com a proteção de nossa empresa.

**Mordel** Sou infinitamente grato, mister Tenedy.

**Tenedy** Já falei para o senhor que o dia que tomar

o poder, você terá à sua disposição todo o dinheiro que seu governo precisar. Quero dizer, seu Mordel, que a *Corporation* sempre estará do seu lado para ajudá-lo em tudo que for preciso.

**Mordel** Mister Tenedy, realmente não sei como agradecer.

**Tenedy** (*batendo seu copo com o do Mordel*) Saúde! Faça uma boa viagem, seu Mordel!

**Mordel** Saúde! Pelo senhor, mister Tenedy!

**Tenedy** A que hora você parte amanhã?

**Mordel** Bem cedo, mister, às 6 da manhã.

**Tenedy** Procure chegar no porto, dia 20, pela manhã, assim poderá pegar o navio que sai de tarde. O senhor deve chegar na capital dia 29 pela noite, não mais do que isso. O general Otuna espera por você no dia 30.

**Mordel** Certamente, mister Tenedy. Acidal já deixou tudo pronto em Taque, para chegar na estação de trem, no sábado, o mais tardar.

**Tenedy** (*ouvindo ruídos da rua*) Acho que eles estão chegando! Tome cuidado para ninguém perceber nada!

**Mordel** Não se preocupe, mister Tenedy. (*escutam-se passos e vozes confusas que vêm de fora*)

**Tenedy** (*bem à vontade*) Parece que já estão bêbados. (*batem numa das portas da direita*)

**Mordel** Já vou! Tô indo! (*abre a porta. Entram em clima de gandaia, o engenheiro Lobo, o caixeiro Pirlón, o delegado Bolazos e o professor Castebas, todos empregados da Cotarca Corporation. Mordel fecha a porta*)

**Todos** (*fazendo grande algazarra*) Boa noite, mister Terry! São 10 em ponto! É ou não é? (*mister Tenedy ri paternal*)

**Delegado** Então, vai viajar amanhã, seu Mordel?

**Mordel** Serão 15 dias! Talvez 10 só!

**Tenedy** Vai depender da peonada. Se o seu Acidal conseguir reunir alguns antes, seu Mordel poderá voltar tranquilamente na próxima semana.

**Pirlón** (*para Mordel*) Quantos peões o senhor vai trazer?

**Mordel** O Máximo que puder, certamente. Uns 80 ou 100.

**Lobo** Muito bem, seu Mordel, o primeiro brinde é pela sua viagem. O que temos pra beber, mister Tenedy?

**Castebas** Uísque! A bebida dos príncipes do dólar! (*Mordel serve os copos*)

**Pirlón** Colacho, até você voltar, com quem fica a Rina?

**Mordel** Ah, meu amigo! (*risada geral*) Podemos jogar nos dados, se vocês quiserem.

**Vários** Bravo! Vamos jogar nos dados! Excelente ideia! (*todos formam um círculo em volta do balcão*)

**Mordel** Meus senhores! Todo mundo participa! Quem vai começar? (*joga os dados e conta apontando com o dedo cada um dos participantes*) Um! Dois! Três! Quatro! (*para Castebas*) Você começa, meu amigo!

**Castebas** (*que deve começar o jogo*) Mas, o que vamos apostar?

**Delegado** Você não ouviu que vamos apostar a Rina?

**Castebas** Rina? Como é que é? Jogar nos dados uma mulher? Isso não se faz! Apostemos uma taça de champanhe. (*risadas*)

**Vários** Ah, professor! Como você é moralista! Vá predicar na sala de aula!

**Castebas** Então, vamos nessa! Pela Rina! É uma trinca!

**Vários** (*lendo os dados*) Não tá com nada! Mão de coroinha! Agora, mister Tenedy!

**Tenedy** (*jogando os dados*) Pela Rina, que me deixa lambão!

**Vários** Três mais quatro, sete, mais seis, treze! É o nariz que cresce!

**Lobo** (*jogando*) Vamos ver! É com a canhota e os cinco dados!

**Vários** (*às gargalhadas*) Deu nada! Agora outro!

Vai Bolazos!

**Delegado** (*jogando*) Dou a Rina pra mister Tenedy!

**Vários** Tres e três, seis. Mais três e ainda três mais... Nossa! É um colosso!

**Pirlón** (*chacoalhando os dados no copo de couro*) Dá um tempo! Esta vai pelo padre! (*joga os dados*) Tô indo, sairei, fui embora!

**Vários** (*tumultuando*) Olha o baque! Três, três e... Esse já era!

**Mordel** (*pegando o copo de couro*) Meus senhores! Se ganhar, vocês deixam que eu ofereça a Rina pra quem eu quiser?

**Lobo** Nada disso! Não senhor! Quando que você botou a Rina na roda, ela pertence a cada um de nós.

**Castebas** Jogou no dado, ganhou no dado!

**Pirlón** Seu Mordel, antes de o senhor jogar é bom dar água pra cavalhada! (*bebem*)

**Mordel** (*jogando os dados*) Senhores, quatro quatros são dois quatro-olhos.

**Vários** Isso não vale nada! Nada! Viva Bolazos, tá ganhando!

**Lobo** (*com o copo na mão*) Um brinde, senhores, por Rina e o Delegado!

**Delegado** Nada disso! Um brinde por mister Tenedy, nosso patrão e gerente da *Cotarca Corporation!*

**Todos** Saúde, mister Tenedy!

**Tenedy** Muito obrigado, queridos amigos! Saúde! (*bebem*)

**Delegado** Desafio o senhor a jogarmos a moça entre os dois.

**Tenedy** De jeito nenhum, Bolazos! Ela já é coisa ganha.

**Vários** Isso aí! O Delegado contra mister Tenedy!

**Delegado** (*dando um dado para mister Tenedy*) Por gentileza, mister Tenedy! Quem vai começar? (*o Delegado e mister Tenedy ficam rodeados por todos, eles jogam seus dados*) Eu começo. Continuamos com a trinca. (*chaco-*

*alha o copo de couro com os dados*)

**Vários** Vai perder! Vai perder! (mister *Tenedy* *joga os dados*) Três, seis e nove. Nossa senhora! Já ganhou! Agora é sua vez, Bolazos!

**Delegado** (*jogando os dados*) Fogueira ao luar, pe-lada!

**Vários** Oito, quatro, xi! (*Tenedy sorri vitorioso*) Champanhe pra todo mundo! Olha o champanhe, mister Tenedy!

**Tenedy** Uma taça de champanhe pra todos, seu Mordel!

**Lobo** Seu Mordel, mande trazer a moça agora mesmo. O que acha, mister Tenedy?

**Vários** Não! Sim! Agora não! Agora sim! Melhor sim!

**Mordel** Quem manda é mister Tenedy.

**Tenedy** Cavalheiros, o último jogo foi de brincadeira. Quem ganhou realmente foi Bolazos.

**Delegado** Nada disso, mister Tenedy! O senhor ganhou a Rina num jogo limpo.

**Pirlón** (*muito bêbado*) É uma fêmea de dar gosto! Uma terneira de primeira! Tem uns peitos e bunda! É maravilhosa!

**Lobo** Quando ela caminha é demais! E aquela boquinha? O avesso de uma facada!

**Tenedy** Seu Mordel, acha que ela viria se você mandar chamar?

**Mordel** Com certeza, mister Tenedy! Na hora!

**Tenedy** Então, mande trazer!

**Vários** Demorou! Tragam ela! É pra já!

**Mordel** (*chamando Novo*) Novo! Venha logo!

**Voz de Novo** (*no interior do armazém*) Tô indo, meu tio.

**Mordel** Mister Tenedy, as taças foram servidas.

**Novo** Manda, meu tio!

**Mordel** Vai falar pra Rina vir logo aqui no bazar, diz que estou esperando por ela porque já tô indo pra Taque. Se ela perguntar com quem eu estou, não fala quem está aqui. Fala que estou só, totalmente só, entendeu?

**Novo** (*indo correndo levar o recado*) Muito bem,

meu tio.

**Delegado** Isso mesmo! Bravo! Senhores, agora peço a todos vocês pra levantarem suas taças pra brindar pelos Estados Unidos da América!

**Todos** Isso aí! Isso aí! Um brinde pelos Estados Unidos!

**Tenedy** (*aparte, continuando uma conversa com Lobo e Castebas*) Dada a atual situação, o escritório central de Nova Iorque exige o aumento imediato da extração de minério em todos os países, na Bolívia, no Peru, México e no Brasil.

**Lobo** Senhores, os Estados Unidos da América é um grande povo, generoso, idealista...

**Pirlón** Estados Unidos é o povo mais grande do mundo. Olha o progresso deles! Os norte-americanos são homens ilustres! Quase toda a América Latina está nas mãos dos financistas ianques! Isso é algo realmente extraordinário!

**Delegado** As melhores empresas mineradoras, as estradas de ferro, a exploração da borracha e da cana-de-açúcar, tudo está sendo feito aqui em dólares.

**Mordel** Mas, acima de tudo, meus senhores a *Cotarca Corporation*. (*ovação geral*)

**Lobo** É o maior e poderoso conglomerado de minério do continente. Tem minas de cobre no Peru, minas de ouro e prata no Brasil e México, petróleo na Venezuela e Argentina e estanho na Bolívia.

**Vários** Um colosso! Extraordinário! Um país enorme!

**Delegado** Os sócios da *Cotarca Corporation* são os maiores milionários dos Estados Unidos. Muitos deles são banqueiros e sócios de milhares de empresas mineiras, cartéis automobilísticos, trustes do açúcar e do petróleo.

**Pirlón** (*alçando sua taça*) Pelos norte-americanos, senhores!

**Todos** (*com a taça na mão, em volta de mister*

*Tenedy*) Viva mister Tenedy! Viva a *Cotarca Corporation*! Viva os Estados Unidos! Hip, hip, hip! Hurra!

**Castebas** Senhores, enquanto Rina não chega, proponho fazermos tiro ao alvo.

**Lobo** Muito boa ideia! Tiro ao alvo! (*tira seu revólver*)

**Pirlón** Quem vai conseguir apagar uma vela em cima da minha cabeça?

**Vários** Eu! Eu! Eu!

**Lobo** (*com o revólver na mão, recua uns passos na frente de Pirlón e aponta na cabeça dele, falando*) Aposto que você não é homem de levar um tiro na borda da orelha!

**Pirlón** Não só um tiro, vinte. Os tiros que você quiser na borda da orelha. (*mal conseguindo ficar em pé, estufa o peito e olha fixo para o cano da arma apontada contra ele, virando o alvo de Lobo*)

**Lobo** Eu só quero dar um tiro! Só um! Bem na borda da orelha!

**Tenedy** (*pega rapidamente o castiçal. Mordel acabou de acender para iluminar o bazar e fala para Lobo, fazendo o gesto de alto com a outra mão*) Espera aí! Um momento! A vela! A vela! (*coloca o castiçal com a vela acesa em cima da cabeça de Pirlón*)

**Delegado e Mordel** Muito bem!

**Tenedy** (*para Lobo*) Agora apague a vela se puder!

**Castebas** Olha! Fique esperto, mister Tenedy!

**Lobo** Apago no primeiro tiro, mister Tenedy!

**Tenedy** No pavio! Tem que acertar no pavio!

**Lobo** No pavio mesmo, mister Tenedy! (*uma enorme ansiedade toma conta de todos os rostos. O castiçal dança sobre a cabeça de Pirlón que está bêbado e mal consegue ficar em pé*)

**Castebas** (*enquanto Lobo aponta*) Não deixa ele acertar, Pirlón!

**Pirlón** Não é só um tiro! Pode ser cem! (*para Lobo*) Apontar! Fogo!

**Lobo** (*apontando sua arma no pavio da vela*) Para

de se mexer! Para de se mexer! *(os farristas ficam mudos, parados, com um sorriso inexpressivo nos rostos, acompanhando o castiçal dançante. O estrondo de um raio ilumina o bazar que depois afunda na escuridão. Silêncio mortal. Em seguida, uma gargalhada)*

**Vozes** Atrapalhado! Cadê o Pirlón? *(Volta a luz, Pirlón está de pé no mesmo lugar, pálido, com um sorriso amarelo)*

**Tenedy** *(aproxima-se examinando Pirlón)* Tudo bem, Pirlón? Não acertaram você?

**Pirlón** *(escandaloso)* Um uísque para o baleado! Uma taça de champagne para o morto!

**Lobo** *(procurando no chão pelo castiçal e a vela)* Acho que acertei o alvo. Bem no pavio mesmo!

**Delegado** *(que acabou de encontrar o castiçal e a vela)* Aqui está! *(todo mundo se aproxima para ver os objetos)* Não tem qualquer sinal de bala!

**Tenedy** *(olhando pela fechadura da porta à direita)* Silêncio! Acho que a Rina está vindo! *(todo mundo faz silêncio)*

**Mordel** *(falando baixo)* Temos que ficar calmos!

**Delegado** *(falando baixo também)* A gente tem que se esconder!

**Tenedy** Detrás do balcão!

**Castebas** Detrás dos tonéis!

**Mordel** Tô ouvindo passos! *(todos, menos Mordel, escondem-se e fazem silêncio. Este age como se estivesse só, começa a arrumar garrafas e copos nas estantes. Do lado de fora, escuta-se uma canção indígena dolorida e aguda e depois os passos de um homem)*

**Pirlón** É o Quispe, o guarda.

**Todos** Cala essa boca! Silêncio! *(a canção e os passos caminham na frente das portas da direita e quando eles se afastam uma voz feminina mal se deixa ouvir aproximando-se. Escutam-se novos passos)*

**Mordel** Agora estou reconhecendo esses passos.

**Pirlón** Quer dizer, essas pernas. *(batem na porta)*

**Mordel** Pode entrar. Quem é?

**Rina** *(pela direita)* Boa noite, seu Mordel.

**Mordel** Entra. Mandei chamar você porque agora de madrugada tô indo pra Taque.

**Rina** Foi o que o Novo falou.

**Mordel** Senta aí, temos que falar. *(uma inesperada gargalhada estoura no bazar e os farristas surgem de repente)*

**Todos** *(em volta dela)* Rina! Tudo bem? Como você está bonita!

**Mordel** *(caçoando de Rina)* É o que você esperava? A despedida do patrão e dos amigos!

**Delegado** As taças já foram servidas, mister Tenedy! *(o Delegado entrega uma taça para mister Tenedy e outra para Rina)*

Os demais *(cada um com sua taça na mão)* Brindemos pela Rina! Por ela, até o reencontro, meu Deus!

**Rina** *(acanhada)* Obrigada, muito obrigada!

**Tenedy** *(para Castebas)* Pegue o violão, rapaz. *(para Mordel)* Seu Mordel!

**Mordel** Aqui está o violão, mister Tenedy.

**Todos** É isso aí! O violão! Toca alguma coisa, Castebas! *(Castebas começa a dedilhar o violão)*

**Lobo** Olha aqui todo mundo! É mister Tenedy, o patrão, o gerente da *Corporation*, quem vai abrir o baile!

**Todos** Muito bem! Viva mister Tenedy! *(Tenedy dá o braço para Rina e a tira para dançar enquanto Castebas toca o prelúdio de uma dança indígena que ele canta acompanhado de Lobo que faz a segunda voz)*

**Mordel** *(à parte para Tenedy falando sobre Rina)* Mister Tenedy, é só um “boa noite cinderela” que ela fica pronta. O senhor vai ver!

**Tenedy** *(dando uns tapinhas no ombro de Mordel)* Mordel, você é o máximo.

**Mordel** Pelo senhor, mister Tenedy, dou não só uma serviçal, dou a minha vida! *(enquanto fala, e sem ser visto por Rina, ele mistura várias bebidas numa taça botando o “boa noite cinde-*

*rela” destinado à empregada. Castebas começa a tocar e cantar apoiado por um ruidoso bater de palmas)*

**Pirlón** *(de repente, manda todo mundo calar)* Não! Essa não! O Cravo e a Rosa para mister Tenedy! O Cravo e a Rosa! *(declama)* Já saíram a bailar / Ai como não! / Senhora, ai como não! / O Cravo e a Rosa!

**Mordel** *(levando uma taça para mister Tenedy e o “boa noite Cinderela” para Rina já que ficaram parados um na frente do outro com os lenços na mão por causa da interrupção de Pirlón)* Enquanto isso, mister Tenedy, permita que ofereça uma bebida... Por que parou? Parou por quê? *(o violão começa outro prelúdio, Tenedy e Rina bebem. Na sequência, Castebas e Lobo cantam e Tenedy dança com Rina entre palmas e gritos sincopados)*

**Pirlón** *(acompanhando com olhar ávido o corpo de Rina ao dançar)* Olha esse cangote peludo! Olha esse quadril de égua treinada! *(A fuga da dança provoca um furor frenético dos farristas em volta do corpo de Rina. O Delegado, Mordel, Pirlón e até Lobo e Castebas que ficam cantando em pé, todos acompanham a jovem com requiebro e salamaleques. Pirlón joga no chão, nos pés do casal, os chapéus dos farristas. Rina começa a sentir o efeito da bebida preparada e consulta Mordel com o olhar, obtendo dele aceitação num signo tácito de permissão, recolhe o vestido pela frente até meia-perna lançando-se num sapateado fogoso. Pirlón pega uma taça e a estraçalha furioso contra o balcão. Castebas encerra a fuga da canção com um lamento apaixonado e romântico. Então, o casal para de repente de dançar, Rina, sufocada e arquejante, olha outra vez para Mordel)*

**Todos** Viva! Maravilha! Hip, hip, hurra!

**Mordel** Bebida para o casal! *(Entrega novas taças a Tenedy e Rina, que ficaram frente a frente como no início, esperando pelo recomeço do baile)*

**Castebas** Senhores, viva mister Tenedy! *(Todos*

*de pé ovacionam Tenedy enquanto Rina ri muito excitada)*

**Tenedy** *(Modesto)* É ela! É ela que ganhou!

**Rina** *(Sempre pendente do olhar de Mordel)* É o senhor! O senhor dança muito bem! Castebas inicia a próxima dança)

**Pirlón** Pra quem Deus dá, Mister Tenedy e São Pedro abençoa!

LOBO: Rina, tira esse xale!

**PIRLÓN E Delegado** *(Retirando o xale dos ombros de Rina)* A cobertura e o térreo tem que estar arejados! Viva a carne livre!

**Rina** *(Olhando para Mordel)* Não! Não! Não! *(Castebas canta acompanhado por Lobo; Tenedy e Rina voltam a dançar)*

**Pirlón** Seu Mordel, outra rodada de champanha! *(Tenedy muito bêbado aproxima-se de Rina e beija seus peitos, depois passa seu lenço pelo pescoço, ombros e os pés dela perseguindo-a com o gesto de limpar o chão. Finalmente Rina compreende que Mordel não ficará contrariado com os modos do mister. Por isso, quando chega a nova fuga, Rina num repentino e espontâneo ímpeto de entusiasmo retira o xale pegando de cada lado para botar na cintura marcando-lhe o seu talhe, joga o busto para trás iniciando um belo sapateado. O entusiasmo dos homens chega ao paroxismo)*

**Todos** *(Batendo palmas e de olhos faiscantes em volta de Rina)* Remexe! Rebola! Assim! Assim! Assim! *(Tenedy, vencido pela moça, fica trêmulo e ofegante, mas pega Rina nos braços e a levanta no ar, a espreme contra si e enche de beijos. Castebas e Lobo param repentinamente de tocar e cantar, o professor ergue o violão no alto como se fosse jogá-lo furiosamente contra o borde do balcão, mas no mesmo instante um tiro de revólver estoura no bazar. A gritaria aumenta)* Viva! Quarenta mil vivas!

**Castebas** *(Subindo numa cadeira para dominar o ambiente)* Uma palavra! Meus senhores! Só uma! *(Silêncio solene)* Respondam senhores! Depois de Deus, o que é mais importante

neste mundo?

**Vários** Mister Tenedy! Os Estados Unidos! A Cotarca Corporation!

**Castebas** (*Voltando a dominar o tumulto*) Não é nada disso, meus senhores! É o sexo! (*Rina escapa dos braços de Tenedy e corre até Mordel procurando proteção*)

**Tenedy** (*Para os músicos*) Agora, uma canção que fale da alma.

**Pirlón** “Vou embora numa terra distante...”

LOBO: “A maldição”? Ou “Ai, o destino me leva muito longe”

**Castebas** “Quando a neve se desfaz” (*Toca o prelúdio da canção no seu violão*)

**Mordel** (*Levando Rina pelo braço até Tenedy*) Venha, vamos onde mister Tenedy.

**Tenedy** (*Pegando Rina nos seus braços*) Deixa ela! Deixa ela vir sozinha! (*Rina ri nervosa, tentando fugir do abraço de Tenedy*)

**Mordel** (*Ríspido*) Ô Rina! O que é isso? Mais respeito com o patrão! (*Contudo, Rina consegue fugir dos braços de Tenedy e já muito bêbada passeia pela loja com o cabelo desgrenhado, sem o xale, rindo sem parar*)

**Rina** (*Não procura mais o olhar de Mordel*) Chega de canções tristes! Outra dança! Vamos dançar outra vez mister Tenedy?

**Tenedy** Chega, senhores! Outra dança! (*Tenedy pega Rina pela cintura e grudado nela passeiam prontos para dançar, enquanto Castebas troca o dedilhar do seu violão. Palmas gerais para o rebolado da moça*)

**Rina** (*Para os músicos*) “Ao pé da cova morre!”

LOBO E **Castebas** “Um coração de madeira vou mandar fazer”.

**Castebas** Não! “O rio volta à su margem”. (*Todos cantam. Tenedy e Rina jogam-se na dança provocando uma algazarra delirante. Durante a fuga, Mordel fala alguma coisa no ouvido de Rina*)

**Rina** (*Voltando rápido para Mordel e deixando de dançar*) Eu, seu Mordel? (*Começa a chorar*)

**Vários** O que é isso? O que está acontecendo?

**Mordel** (*Rindo*) É a bebida! Deixa ela desafogar!

**Rina** (*Chorando*) Mas, por quê? Por quê?

**Tenedy** (*Pegando-a pelo braço*) Rina, não liga pra isso. Vamos beber mais um pouco. Seu Mordel, arranje um uísque!

**Todos** Cem uísques por ela! E outra dança! “Ao pé da cova morre” (*Castebas toca uma música lenta e muito doida no seu violão, Rina fica abatida com o rosto escondido entre as mãos*)

**Delegado** Não chora, Rina. Fica alegre.

**Rina** Sou uma pobre desgraçada, só isso. Os senhores são uns cavalheiros. Mas o que eu posso fazer?

**Castebas** (*Declama acompanhado pelo seu violão*) *Yo he venido a tener gusto / No he venido a tener pena / Si se acaba, que se acabe / que se acabe en hora buena.*

**Rina** Não, seu Casebas. Dança, não. Agora, se o senhor deixar, uma canção triste. Agora tô lembrando. Como o poema diz: “Meu coração está triste, tem vontade de chorar.”

**Tenedy** Temos que dar-lhe gosto. Uma canção triste. (*Castebas dedilha uma canção triste*)

**Rina** Seu Mordel, por favor, venha perto de mim.

**Mordel** (*indo*) O que você tem? O que você quer? (*Pirlón adormece numa cadeira*)

**Os outros** (*Em volta do violão*) “Un día te acordarás” Não! “La maldición” Não! “Aún la nieve se deshace”

**Rina** (*para Mordel*) Quem é o senhor pra mim, seu Mordel? Eu sou só uma mulher pobre, mais nada. (*A canção começa e todos escutam em silêncio. No final, Rina ensaia uma dança sozinha, Castebas acompanha com o violão e os demais batem palmas. A moça joga o xale no ombro e bota as mãos na cintura iniciando um sapatado. De repente, ela tropeça e Tenedy a segura*)

**Mordel** (*à parte para Tenedy*) Pronto! Já está no ponto! (*a música vai parando devagar. Há um momento de exaustão no bazar. Castebas ador-*

*mece na beira do balcão, outros jazem sentados, olhando o vazio em silêncio)*

**Rina** *(a quem Tenedy fez sentar numa cadeira, fica cantando)* “Ay, me voy, me voy y ya no he de volver palomita...”

**Mordel** *(como se falasse com uma cega)* Tá vendo, Rina? Esse aqui é mister Tenedy. Olha, este é o patrão...

**Rina** *(ao ouvir o nome de Tenedy, ela cala-se e beija humildemente a mão dele)* Patrão! Sua pobre escrava...

**Mordel** Mister Tenedy vai tomar conta de você na minha ausência. Ouviu?

**Rina** *(como uma autômata)* Sim... Está certo.

**Mordel** Ele vai cuidar de você. Ele vai me substituir em tudo e para tudo.

**Rina** *(lentamente e fechando os olhos)* Sim... Está certo.

**Mordel** *(ordenando)* Beija mister Tenedy. Ele está aí. Vamos!

**Rina** Não beijo. Isso não.

**Mordel** *(irritado)* Como é que não beija? Não obedece o que estou mandando?

**Rina** *(cantarolando)* “Porque um amor verdadeiro / Ao pé da cova morre.”

**Lobo** *(num canto)* Que coisa, hein! É o coração! *(Rina, de repente, levanta a cabeça, fixando um olhar atônito em Tenedy, e depois em cada um dos outros, o delegado, Lobo e Mordel. Em seguida, tenta ficar em pé, apoiando-se no balcão pra não cair. Mordel a pega de um braço e a leva passo a passo até o depósito)*

**Rina** Seu Mordel, para onde a gente está indo?

**Mordel** Vamos embora. Você precisa dormir. Venha.

**Rina** É... Parece que estou indo... *(no escuro do depósito, segura Mordel pelo colarinho)* Seu Mordel, tenho medo. Que lugar é esse?

**Mordel** Não tenha medo. Eu estou aqui com você. *(eles desaparecem na escuridão. Os demais continuam nas cadeiras. Pausa)*

**Delegado** *(saindo por uma das portas que dão à rua)*  
Com licença. Já volto. *(Sai)*

**Lobo** *(indo junto)* Vou com você, Delegado! Já voltamos. *(sai)*

**Tenedy** Espero por vocês. *(pausa. Fica impaciente, atento aos ruídos do depósito. Mordel volta só)*  
Ela está dormindo?

**Mordel** *(olhando mister Tenedy com ansiedade)*  
Profundamente, mister Tenedy. Cadê os outros?

**Tenedy** Daqui a pouco, eles voltam. Saíram um momento lá fora. Sirva você algo mais para beber. Que hora é?

**Mordel** *(enchendo as taças)* Deve ser as três e meia, mister Tenedy. *(eles ficam possuídos por uma grande aflição)*

**Tenedy** *(consultando seu relógio)* Não é. É um pouco mais. As três e cinquenta e cinco. Tudo bem. *(falando baixo)* Falando de sua viagem, seu Mordel, nosso embaixador, que é acionista de nossa empresa, é um cara excelente. Temos que consultar ele sempre. Quanto ao resto, o general Otuna o deixará a par de todos os detalhes.

**Mordel** *(pensando noutra coisa e falando baixo)*  
Está tudo certo mister Tenedy.

**Tenedy** *(também pensando em outra coisa)* Num par de meses com Otuna você terá tempo suficiente para conhecer a vida política da capital e ficar pronto no jargão e nos combates revolucionários, ajudado pelos amigos. *(olha e fica ouvindo dissimuladamente para o depósito, enquanto Mordel, por sua vez, faz o mesmo com ele)*

**Mordel** Está tudo certo, mister Tenedy.

**Tenedy** Quanto ao resto, o general Otuna deixará você entrosado na engrenagem íntima da nossa sede central.

**Mordel** *(acanhado, fazendo um grande esforço para falar)* Desculpe, mister Tenedy, é a última vez que pergunto. Não existe nenhum jeito de Acidal me substituir?

**Tenedy** (*muito contrariado*) Está perdendo tempo, seu Mordel! Volto a repetir!

**Mordel** (*totalmente amedrontado*) Tudo bem, mister Tenedy. Será feito como o senhor manda.

**Tenedy** O senhor é indispensável na presidência, seu Mordel. Acho que o senhor percebe que tanto a Irmãos Colacho assim como a *Cotarca Corporation* estão muito interessadas na intervenção dos Estados Unidos na política do seu país.

**Mordel** Eu também acho, mister Tenedy.

**Tenedy** Agora eles estão voltando. (*o Delegado e Lobo entram pela direita*)

**Delegado** Tivemos uma noite e tanto, mister Tenedy.

**Mordel** (*sem poder esconder sua chateação*) Mister Tenedy nos honrou com sua presença.

**Tenedy** Amigos, o prazer foi meu. (*gesto de ouvir ruídos da rua*) Acho que estou ouvindo voz de mulher. Ou não? (*todos tentam ouvir. A cena seguinte é falada em voz baixa*)

**Tenedy** Falaram Rina. Será uma amiga que está procurando por ela? (*subitamente*) Desliga a luz! (*Mordel desliga a luz e o bazar fica no escuro*)

**Voz de Lobo** Ninguém.

**Voz do Delegado** Cala a boca! (*silêncio*)

**Voz de Mordel** Vou acordá-la para ela ir com Novo a sua casa.

**Voz de Tenedy** Não agora. Espere. Daqui a pouco. É melhor ficar um tempo no escuro.

**Voz de Lobo** Temos de falar baixo. (*pausa*)

**Voz de Mordel** (*apressado*) Vou acordá-la. Já passou das quatro da manhã.

**Voz de Tenedy** Não agora. Estou falando que é melhor depois. Temos que ser prudentes.

**Voz de Mordel** Acontece que tenho que ir embora, mister Tenedy. Já é tarde.

**Voz de Tenedy** (*durão*) Ah, seu Mordel, não se faça de besta! (*novo silêncio. Depois, alguém anda com cautela pelo bazar, os passos perdem-se*

*no depósito. Mordel solta um grunhido abafado. Lobo toca no violão uma canção em surdina que durará até o final da cena. De vez em quando, notamos a chama de um cigarro*)

**Voz de Mordel** (*queixando-se baixinho*) É lógico! Somos uns cretinos!

**Voz do Delegado** Quem, seu Mordel? Quem são uns cretinos?

**Voz de Mordel** Uns idiotas! Nós dois! Umas bestas! (*ele vai e volta tomado pela raiva*)

**Voz de Castebas** (*quase acordando*) O que é? Que barulho é esse? Seu Mordel! Seu Lobo! Onde a gente está?

**Voz do Delegado** Shh! Você aí continue dormindo.

**Voz de Castebas** Quem está lá dentro com a Rina?

**Voz do Delegado** Calado! A Rina já foi embora.

**Voz de Castebas** Cadê mister Tenedy?

**Voz do Delegado** Acabou de ir embora.

**Voz de Castebas** E o Pirlón?

**Voz do Delegado** Dormindo no meio dos tonéis.

**Voz de Mordel** (*continua falando consigo mesmo*) Mas, é claro! Bestas! A gente merece!

**Voz de Castebas** (*caminhando na direção do depósito*) A Rina está lá dentro com alguém!

**Vozes do Delegado e de Mordel** (*segurando Castebas*) Aonde você vai, seu idiota?

**Voz de Castebas** Quero ver quem está lá.

**Voz do Delegado** (*segurando Castebas pelo colarinho*) Cala boca, seu bêbado!

**Voz de Castebas** (*irado*) Como é que é? Está querendo me enforcar?

**Voz de Lobo** (*deixa de tocar o violão, advertindo*) Silêncio! Lá vem alguém! (*Castebas dá um empurrão no Delegado e avança decidido até o depósito. Na escuridão, escuta-se um estrondoso tabefe seguido de uma briga nervosa. Um corpo cai pesadamente no chão e escuta-se um disparo. Uma das portas que dão ao exterior é aberta e fechada violentamente*)

**Voz de Pirlón** (*acordando apavorado*) Quem é? O que está acontecendo? Onde? (*vai embora atrás de quem acaba de sair. Longo silêncio. De repente a luz do amanhecer toma conta do bazar. Tenedy e Mordel ficaram a sós e mostram gestos sérios de quem está fazendo negócios*)

**Tenedy** (*apertando a mão para Mordel*) Boa viagem, seu Mordel. Acredite. Acredite em você mesmo e na nossa causa. Até mais ver.

**Mordel** Até mais ver, mister Tenedy. A gente sai junto. Meu cavalo já está me esperando. (*Tenedy e Mordel saem pela direita. As portas externas do bazar fecham-se ruidosamente*)

Fim do segundo ato

### Terceiro ato

#### Quinto Quadro

*Em Lima, a capital da República. É meia-noite na sede política dos irmãos Colacho. Escritório luxuoso. Duas portas fechadas, uma no fundo e outra à direita. Mordel e Acidal Colacho estão reunidos com seus assessores, Llave e Trozo, os irmãos parecem tomados por um grande entusiasmo. Os quatro homens estão vestidos com extrema elegância e esmero.*

**Llave** Certa vez fui à casa do senador francês Felix Potin, lá em Paris. Tinha uma pilha de livros! E vocês sabem quem é o senador Felix Potin? É um industrial que ficou rico gerindo bazares. Faz sete anos, quando estive na Europa, ele era tão popular e admirado em Paris quanto o próprio Presidente da República. Naturalmente que tudo isso acontecia por ser rico, mas também por ter lido muitos li-

vros.

**Acidal** Nossa!

**Trozo** Acontece que temos que acreditar nisso: é impossível entrar na política e ainda querer ser Presidente da República, sem ler livros.

**Mordel** (*contrariado*) Você está brincando! O que a gente pode fazer agora?

**Acidal** Temos que ensaiar! Ensiar muito! Noite e dia, sem parar! É o único jeito!

**Trozo** Eu também acho. Especialmente, seu Mordel, o senhor precisa ensaiar mais. Ensiar boas maneiras, melhorar seu vocabulário, tudo. O general Otuna também acha.

**Llave** É melhor não falar, de jeito algum, as palavras que não foram ensaiadas. Muitas vezes, uma palavra falada sem a gente saber o que ela significa é realmente...

**Acidal** Pode destruir um homem pra sempre.

**Mordel** Especialmente na política. Tô entendendo.

**Llave** Por causa disso, seu Mordel, o senhor tem que ficar bem atento! Quando for falar uma palavra cujo significado o senhor desconhece, pode até falá-la, tudo bem. Mas pronuncie enrolando-a com outras palavras ou fale atropelando as sílabas.

**Trozo** Como se fosse algo sem importância.

**Llave** E o senhor continua falando muitas outras palavras mais, para não deixar em evidência a palavra mal pronunciada ou mal citada.

**Mordel** Certo. Como aconteceu no outro dia com a palavra ética. Percebi.

**Acidal** Porém, acho que no começo do seu mandato você deve continuar lendo todos os jornais e os discursos do Congresso.

**Mordel** Passei a noite inteira estudando frases e palavras revolucionárias no dicionário.

**Acidal** Sobretudo, confie em você mesmo, no seu jeito.

**Trozo e Llave** Isso é o principal.

**Acidal** Você tem, com certeza, alma de caudilho.

Hoje de manhã, com aqueles deputados, quando eles falavam, você mexia a cabeça de um jeito. (*faz movimentos negativos com a cabeça*) Você estava realmente impagável. Percebeu, seu Trozo? Estava sereno que nem patrício romano.

**Llave** (*para Mordel*) Está percebendo como seu irmão fala bem?

**Mordel** Tô passado! Ele fala muito bem.

**Trozo** Foram anos e anos de estudo lá em Taque.

**Llave** Para fechar, seu Mordel, fale por cima, mas como se já estivesse no palácio presidencial perante coronéis e generais, quais são os principais males que o país sofre na ditadura de Palurdo.

**Trozo** Com muita ênfase! Autoconfiança! Olhar iluminado! Fale alto, seja lá o que o senhor for falar!

**Mordel** (*em pé, ensaiando*) Os direitos pisoteados, o tesouro da nação dilapidado, a moeda depreciada, a indústria paralisada, ventania de ódio soprando pelos quatro pontos cardeais. E se, por acaso, eu errar, podem pensar que é problema da língua.

**Trozo e Llave** Com certeza. Pode continuar.

**Mordel** Ventania de ódio soprando pelos quatro pontos cardeais do país! Meus senhores, e isso é difícil aceitar, não houve um homem, um único homem que levantasse sua voz para defender o bem-estar e a paz social! (*batem na porta do fundo*)

**Acidal** Pode entrar.

**Pancho** (*empregado doméstico dos Colacho*) Senhor, o tenente Del Millar.

**Acidal** Pode esperar. Leva pro outro quarto.

**Pancho** Muito bem, senhor. (*sai*)

**Trozo** (*fechando bem a porta e olhando seu relógio*) Vamos em frente. É meia noite e trinta e cinco minutos.

**Acidal** Vamos ensaiar as audiências.

**Llave** Isso, vejamos as audiências.

**Mordel** Espera aí. Temos que receber primeiro o tenente. Depois a gente continua. (*toca a campainha*)

**Acidal** É melhor assim. (*para Pancho que entrou*) Mande entrar o Del Millar.

**Mordel** O tenente Del Millar pode entrar.

**Pancho** Muito bem, senhores. (*sai*)

**Mordel** (*para Trozo*) Esse Del Millar é decente? Dá para confiar nele?

**Trozo** É todo um cavalheiro, seu Mordel.

**Llave** Nada mais, nada menos que descendente do Conde de Mosqueta, o Mariscal Fernando Del Millar que foi Presidente da República. (*volta Pancho trazendo o tenente Del Millar*)

**Del Millar** (*fazendo continência*) Boa noite, senhores! (*Pancho sai fechando a porta*)

**Mordel** Seja bem-vindo, tenente Del Millar. Esperávamos pelo senhor. Sente-se, por favor.

**Del Millar** Muito obrigado, senhor Colacho.

**Acidal** Será que alguém o viu entrar na casa?

**Del Millar** Acredito que não. Ninguém me viu entrar.

**Trozo** (*para Mordel*) Senhor Colacho, o tenente Del Millar foi informado de nosso movimento revolucionário, já foi posto a par da necessidade que temos do seu apoio como patriota e bom soldado que ele é. O assunto é o seguinte: quando o general Otuna atacar o palácio de Governo, o tenente será quem dará conta do general Tequila. Quer dizer, já que o tenente Del Millar é o adjunto do general Tequila, ninguém melhor do que ele para dar um jeito no general, dar um jeito, entendeu?

**Llave** Eliminar. É isso aí. Falemos claramente. O tenente ficou em dar a sua resposta na presença do senhor. Agora...

**Acidal** Qual é sua resposta, tenente Del Millar? O senhor refletiu bem?

**Del Millar** (*depois de pensar um pouco*) Senhores, falem para mim: o que é que a revolução pretende fazer ao final? Eu sou apenas um militar e como tal conheço muito pouco de questões políticas.

**Acidal** Tenente Del Millar, o senhor deve estar sabendo que o país, já faz um bom tempo, padece os rigores da tirania. Muito bem, agora um grande número de cidadãos está empenhado em derrubá-la pela força. O golpe está em andamento. Temos vários batalhões conosco.

**Llave** Muitos coronéis e generais.

**Trozo** Dinheiro suficiente.

**Mordel** E o apoio entusiasmado do povo.

**Acidal** Mas acontece, como o senhor sabe muito bem, que o general Tequila é um dos mais sanguinolentos lacaios da tirania. Enquanto ele estiver vivo, qualquer tentativa de derrubar o tirano será ingloria e chamada ao fracasso.

**Mordel** Tenente Del Millar, é seu dever ficar ao lado do povo que geme nas garras ortodoxas (*olha de relance seus assessores*) do ditador Palurdo.

**Trozo** O que o senhor acha, tenente? Fechado? (*Del Millar fica cabisbaixo e mudo*)

**Mordel** (*acreditando que é o momento de falar “bem”*) O seu avô, o general Del Millar, foi um dos próceres da nossa Independência. Os Millares (*olha de relance os assessores*) ofertaram sua vida pela pátria. Os Millares devem salvá-la também de uma das mais periclitantes tiranias das Américas. (*Llave e Trozo tentam falar alguma coisa*) Tenente Del Millar, por sua lendária família, exerça o seu dever como militar e patriota.

**Llave** O que podemos fazer, Tenente?! Às vezes, infelizmente, as grandes revoluções exigem derramamento de sangue.

**Acidal** Tenente, o senhor sabe muito bem que se o General Tequila entrar em combate nossa

revolução custará centenas de vidas humanas.

**Mordel** Agora se o General Tequila não entrar, a invasão do Palácio de Governo será muito fácil, quase pacífica.

**Acidal** A morte do pretoriano Tequila poupará a vida de muitos cidadãos.

**Mordel** (*com ênfase*) Tenente Del Millar, o senhor sabe melhor do que ninguém que o destino do povo, assim como o do indivíduo, são arautos bicéfalos e imortais. (*Trozo e Llave tentam falar alguma coisa*) O que é a pátria, meu Tenente? Qual foi o itinerário épico que encaminhou o país do romantismo bicolor até a tirania presente. (*Acidal, Trozo e Llave tentam falar*) Que itinerário é esse, Tenente Del Millar?

**Acidal** Vamos, Del Millar, fale...

**Mordel** (*tomado pela ira santa*) Oh povo infelizmente! Posso continuar predicando dias, anos ou séculos. Não existe ninguém que possa entender completamente! Ninguém! (*caminha entre seus assessores*) Enquanto isso a imagem da nação continua, como Cristo, suando sangue! (*Llave e Trozo ficam contrariados*) O ditador de mãos impúberes!

**Acidal** Vermelhas do sangue das suas vítimas!

**Mordel** Continua retirando vestes coruscantes e tiaras do abençoado sepulcro vazio.

**Acidal** Tudo isso porque existem homens que não querem cumprir com seu dever.

**Llave** É para morrer de pena!

**Trozo** É pra morrer de pena e de vergonha!

**Mordel** Tenente Del Millar, esse seu silêncio épico e persistente, percebemos isso muito bem, está falando com nitidez que o senhor não adere à nossa revolução. (*Ameaçador*) Está certo! Muito bem! Se as colunas da pátria caírem amanhã por causa de covardes como o senhor que não quer se juntar a nós para jogar por terra essa augusta tirania que aí está, eu vos acusarei e pedirei castigo para

todos vocês debaixo da sombra do troféu de Bolívar! (*procura pelo olhar dos seus assessores*)

**Acidal** Então, coitado do senhor Tenente! Coitados dos culpados!

**Del Millar** Meus senhores, podem contar com minha participação. Estou disposto a dar a minha vida pela pátria. (*levanta-se para ir embora*)

**Mordel** Muito bem, Tenente Del Millar! Parabéns!

**Acidal, Trozo e Llave** Congratulações, Tenente! Gostei disso! Tinha que ser Del Millar! (*todos cumprimentam o Tenente*)

**Mordel** É bom esclarecer que o senhor não vai trair o general Tequila. Nada disso! Em todo caso, dará um pinote no pedestal sagradíssimo. *In partibus in fidelibus!*

**Acidal, Trozo e Llave** Com certeza! Alguém duvida? É claro que nem a luz!

**Del Millar** Senhores, tenho que voltar ao meu quartel, espero que...

**Mordel** (*voltando a estreitar a mão do Tenente*) Muito bem, seu Tenente. O senhor é corajoso. O senhor será promovido a Capitão. (*toca uma campainha*) E não se fala mais nisso. Depois voltaremos a falar com o senhor para dar as instruções específicas.

**Del Millar** Quando o senhor dispuser, doutor Colacho. (*Pancho entra pelo fundo*)

**Acidal** Pancho, acompanhe o Tenente Del Millar até a porta e verifique que ninguém veja ele sair.

**Pancho** Com certeza, senhor.

**Del Millar** (*fazendo a continência militar*) Muito boa noite, senhores. (*sai acompanhado por Pancho*)

**Acidal** (*certificando-se de que a porta está bem fechada*) Um tipo esse cara. Tudo ficou bem encaaminhado.

**Mordel** Agora, meus amigos, voltemos à brincadeira das audiências.

**Trozo** Sim, voltemos logo com isso. Eu farei um embaixador. Entro na audiência. (*simula entrar pelos fundos*) E cumprimento.

**Llave** Espera aí. Vamos respeitar a ordem das coisas. Eu sou o ajudante de ordens do Presidente, eu sou quem apresenta os visitantes. Falo desde a porta. (*como se fosse o ajudante de ordens. Posiciona-se no fundo e anuncia*) Sua excelência, o senhor embaixador da República Cundiana! Depois eu vou embora.

**Acidal** Como eu sou o secretário do Presidente, quando é feito o anúncio, eu tenho que sair por outra porta. (*simula que vai embora pela porta da direita. Llave e Trozo afastam-se, o primeiro fica ao lado da porta do fundo e o segundo ao lado da porta da direita, como se tivessem saído do salão presidencial*)

**Trozo** (*no papel do embaixador da República Cundiana, simula entrar pelo fundo*) Excelentíssimo senhor Presidente, boa tarde.

**Mordel** (*no papel de Presidente da República fica em pé ao lado da sua escrivaninha*) É um prazer, senhor Doll! Como o senhor está? (*apertam as mãos*)

**Embaixador** O senhor é muito amável, excelentíssimo.

**Presidente** Faça o obséquio de sentar-se, senhor.

**Embaixador** Excelentíssimo senhor, fico muito agradecido por me receber hoje, mesmo sendo domingo. Serei breve...

**Presidente** (*interrompendo*) Senhor Doll, segundo as estimativas levantadas pelo meu chefe do protocolo, o carregamento de tabaco egípcio saiu de Alexandria já faz mais de dez dias. (*falando para Mordel*) Posso falar desse jeito?

**Acidal e Llave** Sim, sim. Está ótimo.

**Presidente** (*para o Embaixador*) Atualmente a carga deve estar em Nova Iorque. Estamos esperando a confirmação de nosso ministro na Inglaterra.

**Embaixador** (*corrigindo com gentileza*) Estados Unidos, excelentíssimo senhor.

**Presidente** Isso... Nos Estados Unidos. O senhor está certo.

**Llave** (*para Mordel*) Espera aí! A geografia é muito importante, seu Mordel. O senhor tem que estudar mais.

**Mordel** Tudo bem. Está certo. Vamos embora.

**Embaixador** (*saindo*) Excelentíssimo senhor, fico infinitamente agradecido por tamanha gentileza. Não quero incomodá-lo por mais tempo.

**Llave** (*baixinho para Acidal*) Com certeza, as audiências ficaram melhor do que os discursos.

**Embaixador** (*apertando a mão do Presidente*) Muito boa noite, excelentíssimo senhor Presidente.

**Presidente** O senhor tem notícias do seu país?

**Embaixador** Nenhuma novidade, excelentíssimo. Os movimentos revolucionários continuam normalmente. A saúde do Presidente continua saudável.

**Presidente** Fico muito contente! Meus cumprimentos a sua esposa, senhor Doll.

**Embaixador** Muito obrigado excelentíssimo. Até breve. (*Trozo simula sair pelo fundo*)

**Llave** Ficou ótimo. Nada a corrigir.

**Mordel** Não terminei ainda. (*simula tocar uma campainha*) Agora estou chamando meu secretário. (*para Acidal*) Você. (*o secretário simula chegar pela direita*)

**Mordel** (*como Presidente*) Fale para mim, meu secretário. Por que o tabaco tem que passar por Nova Iorque? Será que o senhor errou?

**Acidal** (*no papel de secretário*) É por Paris, excelentíssimo senhor. (*Como Acidal*) Ora! Certamente, você falou errado quando disse que passava por Nova Iorque.

**Mordel** Eu sei. Mas supondo que eu tivesse errado, eu teria que consultar meu secretário. (*como Presidente*) Fale para mim, secretário:

Por que o carregamento tem de passar por Nova Iorque? Será que o senhor está errado?

**Secretário** É por Paris, excelentíssimo.

**Presidente** Ah, muito bem! É por Paris. Mas por que tem que passar por Paris?

**Secretário** Acredito, excelentíssimo, que é por motivos modernistas ou coisa que o valha. Paris dá um toque modernoso às coisas mais antigas, como o tabaco egípcio.

**Trozo** Muito bem! Primoroso!

**Secretário** América Latina só fuma o que passa por Paris. Acontece com o tabaco o mesmo que acontece com a moda.

**Presidente** Muito bem! E se, no lugar de passar por Paris, o tabaco passasse por Nova Iorque? O que aconteceria, senhor secretário?

**Secretário** Excelentíssimo, como o senhor muito bem sabe, nisso do modernismo, tudo está mudando ultimamente, não apenas na América, porém no mundo inteiro. Depois da guerra, Nova Iorque está concorrendo vantajosamente com Paris.

**Llave** Magnífico! Nada a corrigir.

**Secretário** Se Paris é muito moderna, Nova Iorque é ultramoderníssima.

**Presidente** (*exultante*) Eu troquei Paris por Nova Iorque. Mas, quando falei Nova Iorque, o embaixador ficou muito contente. Ao ponto que acabou esquecendo do próprio leito, sei lá por que motivo. O que sabemos da intimidade dele? (*Cansado*) É um cara e tanto esse embaixador!

**Acidal** (*voltando a ser Acidal*) Espera aí. Acho que o assunto do leito é melhor não ensaiar. É tão besta que não precisa aparecer. O Excelentíssimo Presidente não pode ficar preocupado com o leito de um simples embaixador. Acho isso sem propósito, uma perda de tempo.

**Trozo** Seu Acidal, eu confirmo para o senhor que o atual Presidente se preocupa de todos esses afazeres. Eu sei disso porque quem contou

para mim foi o Ruga que foi secretário do Presidente Sobatenga.

**Mordel** (*impaciente*) Chega de papo! A gente não perde nada falando duas palavras sobre o leito dos outros. Vamos continuar, por favor! (*todos voltam aos seus personagens e aos seus devidos lugares. Mordel falando como Presidente para seu Secretário*) O que sabemos da intimidade dele? (*cansado*) É um cara e tanto esse embaixador!

**Secretário** Excelentíssimo Senhor Presidente, nosso ministro em Paris deve ter acabado de receber nossa comunicação. Não deu para mandar antes.

**Presidente** (*irritado*) Não marque nenhuma outra entrevista com esse Doll. De jeito nenhum! Seja qual for o dia e a hora que ele pretenda me ver.

**Secretário** Muito bem, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Presidente** Faça o mesmo com aquele embaixador da... Qual era esse diplomata que pedia dois capitães para alimentar seus cachorros?

**Secretário** Era o embaixador dos Estados Unidos, Excelentíssimo Senhor.

**Llave** Em todo caso, quem deveria pedir os capitães era o embaixador da Inglaterra, porque ele tem um monte de galgos. Mas...

**Acidal** Escute aqui, meu Senhor! O embaixador inglês pode até pedir isso ao atual Presidente porque a Inglaterra é o país que o mantém no poder. Não é o caso da gente! A gente só dará para o embaixador dos Estados Unidos.

**Mordel** Tudo bem, mas não é para ficar apoquentado. Vamos em frente! (*voltando a interpretar o Presidente, fala surpreso para seu Secretário*) Então, era o embaixador norte-americano? (*bravo*) E aposto que o Ministro da Guerra, que é um grosseirão, não aceitou o pedido! Chame agora mesmo o general Balocha.

**Secretário** Excelentíssimo Senhor Presidente, foi o próprio Ministro da Guerra, no dia em que

o embaixador veio ao palácio, que mandou os capitães solicitados. Dois dos melhores capitães da Escola Militar que estavam prestes a serem promovidos.

**Presidente** Tem certeza?

**Secretário** Absoluta, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Presidente** Hoje à noite vou receber a medalha “Heróis de Solcos”, quero que prepare o meu discurso de agradecimento. Faça um discurso corriqueiro, habitual. Pegue um pouco do Roosevelt, já que é mais patriota do que Lebrun.<sup>2</sup>

**Secretário** Muito bem, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Trozo e Llave** Impecável! Satisfatório!

**Mordel** (*como ele mesmo*) Espera aí. (*simulando tocar uma campainha, fala com o secretário como o Presidente*) Não repita “consciência nacional” muitas vezes, parece que não está mais na moda. (*falando como Mordel*) Agora chamo o ajudante de ordens. (*para Llave*) Você...

**Llave** (*simulando entrar pelos fundos*) Sim, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Presidente** O presidente do Congresso. (*como Mordel para Trozo*) O Senhor será o presidente do Congresso. (*o ajudante de ordens sai. O Presidente preocupado para o secretário*) O senhor entendeu que o embaixador norte-americano pode sim, sempre, vir falar comigo quando ele quiser? Não vai misturar as coisas, hein.

**Secretário** Perfeitamente, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Ajudante de ordens** (*anunciando desde a porta dos fundos*) O Senhor Presidente do Congresso! (*simula ir embora*)

**Trozo** (*No papel do Presidente do Congresso, simula entrar*) Boa tarde, Excelentíssimo Senhor Presidente. (*O secretário simula sair pela direita*)

**Presidente** Pode entrar, general.

**Presidente do Congresso** Serei breve. Temos um pequeno problema.

**Presidente** De que se trata? Dos botões?

**Presidente do Congresso** Exatamente, Excelentíssimo. (*falando como Trozo*) Que botões?

**Acidal e Llave** (*desde seus respectivos lugares*) Shhh! Silêncio!

**Presidente** Tenho lido nos jornais sobre esse debate.

**Llave** Isso mesmo! O debate.

**Presidente do Congresso** É um escândalo enorme, Excelentíssimo! (*refletindo como Trozo*) Botões? Que botões?

**Llave** Botões do que for. Prossiga!

**Presidente do Congresso** Na hora, fiz o que era necessário fazer... Na hora, fiz o que era necessário fazer... Para que nenhum jornal publicasse esse debate sem a devida supressão das provas e dos documentos apresentados pelos deputados da oposição...

**Presidente** Ugarte e Chumpitaz?

**Presidente do Congresso** Os mesmos de sempre. O Senhor não imagina como lamento ser condescendente.

**Presidente** General, bem diz o ditado: Cria corvos, que arrancarão seus olhos.

**Presidente do Congresso** Na verdade, a culpa é toda minha. O Senhor não queria apoiá-los nas eleições, mas eu insisti em dar o apoio de um governador para cada um deles, além do dinheiro do fundo eleitoral. Contudo, Excelentíssimo Senhor Presidente, eu nunca imaginei que um dia eles se voltassem contra o sistema que os fez eleger. Para ficar falando agora de (*sarcástico*) honradez, tesouro público e outras muitas bobagens.

**Presidente** General, o que o senhor acha de uma breve temporada, uns seis meses, para Ugarte e Chumpitaz lá na ilha dos Condores?

**Presidente do Congresso** Como o Senhor dis-

puser, Excelentíssimo Presidente.

**Presidente** (*simulando tocar uma campainha*) Combinado, General! No ato!

**Presidente do Congresso** O mal exemplo sempre se espalha. Amanhã, outros deputados vão achar que podem falar à toa de liberdade e democracia.

**Presidente** Justo, nesse lugar infecto que é a Câmara de Deputados! (*para Llave que simula entrar como ajudante de ordens*) Comunique imediatamente ao Chefe da Polícia a ordem de prisão *ipso facto*.

**Acidal** Muito bem! Perfeito!

**Presidente** Dos deputados Ugarte e Chumpitaz, comunicando também ao Senhor Governador. (*o Ajudante de Ordens faz uma reverência e simula sair*)

**Presidente do Congresso** Excelentíssimo Senhor Presidente, falam por aí que o Ministro da Guerra e o Chefe do Estado Maior do Exército, autorizados pessoalmente pelo senhor, teriam efetivado a compra em nome do Estado a um particular de uma penca de botões para uniformes militares de propriedade, veja só, das Forças Armadas. Como prova, foi lida uma carta escrita pelo filho do coronel chefe da Casa Militar, endereçada a um tal senhor X, onde fica liberado o recolhimento dos botões do Arsenal da Guerra, enfatizada a necessidade de “dividir o preço total em quatro partes exatamente iguais entre os quatro cavalheiros que o senhor já sabe”. Assim falava textualmente a carta.

**Llave** Uma coisa dessas pode acontecer no governo.

**Acidal** Shhh! Shhh!

**Presidente** (*indignado para o Presidente do Congresso*) Como é que essa carta foi parar nas mãos desses miseráveis?

**Presidente do Congresso** Não faço a mais mínima ideia, excelentíssimo senhor. Olha o atrevimento do Ugarte ao afirmar que...

**Presidente** Sim, já sei. Já li. Segundo a...

**Presidente do Congresso** Segundo a filosofia do Direito...

**Presidente** Isso mesmo, não se pode vender o alheio nem comprar o que é próprio.

**Llave** Esplêndido! Como tem progredido!

**Trozo** (*voltando-se para Llave*) Shhh! Cala essa boca!

**Presidente** Nem comprar o que é próprio.

**Presidente do Congresso** Nem comprar o que é próprio. Logo, o Estado não pode comprar pra si mesmo coisas ou bens que já lhe pertencem.

**Presidente** Chega! Chega! À Ilha dos Condores com eles! Como vai aquele negócio do Barba?

**Presidente do Congresso** Excelentíssimo Senhor Presidente, aquele negócio do Barba...

**Mordel** (*como Mordel*) O negócio do petróleo, cara!

**Presidente do Congresso** Sim, eu continuo lutando valentemente contra aqueles outros seis deputados que estão exigindo somas fabulosas pelos seus votos. Eles afirmam que em caso contrário não só votarão contra a gente, senão que ainda vão denunciar o caso perante a opinião pública.

**Presidente** Acredito que o senhor já deve ter explicado para eles que a quantidade oferecida pela *Standard Oil* como gratificação especial, fica fora do contrato para obter a concessão petrolífera que deixa do lado de fora a *Royal Dutch*, é apenas de 15 milhões. Isso é muito pouco para dividir entre 70 deputados e membros do executivo.

**Acidal** Acho que já deu. (*avança até o meio do escritório*) Tudo está ótimo! Chega por agora! Voltamos a ensaiar mais um pouco amanhã. Agora vamos falar com o general Otuna.

**Mordel** Não, não, não! Temos tempo para falar com Otuna, ainda hoje. Continuemos

ensaiando. Você fica lá no teu canto. (*para Trozo*) A gente estava... Ah, sim!

**Acidal** (*retirando-se*) Bom, como você quiser.

**Presidente** (*para o Presidente do Congresso*) Quinze milhões não é nada!

**Presidente do Congresso** Eles estão cansados de saber, Excelentíssimo Senhor Presidente.

**Presidente** Então? (*aborrecido*) General, neste pobre país, não esqueça nunca isso, o governo só consegue a subordinação do Congresso de duas únicas maneiras: comprando ou destruindo ele. O senhor pode continuar na sua missão patriótica, general. Esgotado o primeiro expediente, teremos que aplicar o segundo.

**Presidente do Congresso** Concordo, Excelentíssimo Senhor Presidente. Concordo em número e grau.

**Presidente** Confio plenamente no senhor. Boa tarde.

**Presidente do Congresso** Excelentíssimo Senhor Presidente, pode contar com minha total lealdade. (*Trozo simula sair*)

**Llave** Agora é a vez do Ministro de Justiça. (*anunciando desde a porta dos fundos, no papel de Ajudante de Ordens*) O Senhor Ministro de Justiça.

**Acidal** Por que não pode ser outro ministro? O da Educação, por exemplo?

**Llave** Porque os casos de Segurança e Justiça são mais graves, pode conferir.

**Trozo** (*no papel de Ministro de Segurança e Justiça, simula entrar pelos fundos*) Excelentíssimo Senhor Presidente. (*abre uma pasta que traz embaixo do braço*) Ontem, à noite, a polícia descobriu uma conspiração de comunistas e anarquistas no bairro têxtil de Peñalta.

**Presidente** (*apressado*) O milésimo deste ano. E daí? Doutor Collar, eu tenho muito que fazer.

**Ministro de Justiça** Ilustríssimo Senhor, vários indivíduos foram capturados. Tenho disposto a instauração do inquérito correspondente

por delito contra a segurança do Estado. Mas acontece que o fiscal se negou a formular a devida denúncia arguindo que, de acordo com a Constituição e o Código Penal, não há lugar para tal acusação, porque os comunistas e os anarquistas, assim como os democratas e liberais, gozam de igual liberdade de reunião e opinião consagrada pela legislação republicana.

**Presidente** É uma besta esse fiscal! Deve ser substituído imediatamente. Era só isso que tinha para falar comigo?

**Ministro de Justiça** (*consultando a pasta*) Requisitamos um jornaleco dos operários. É esse aqui. ( *lendo*) *A Verdade*. Cheio de matérias subversivas contra o regime e a ordem social.

**Presidente** (*pegando o jornal*) Quem são os jornalistas? ( *lendo*) Salvador Calderon, Vicente... Justino Molle, Pi e Margall, Manuel Arteaga, professor Marañon, L. Vasquez, Carlos Marx. (*Para o Ministro*) Quem são esses caras? O senhor conhece algum deles?

**Ministro de Justiça** Absolutamente ninguém, Ilustríssimo.

**Presidente** Cadeia! Todo mundo na cadeia, doutor Collar.

**Ministro de Justiça** Fizemos isso, Ilustríssimo, lá pelas quatro ou cinco da manhã, a polícia foi procurar nas casas dos que assinam os artigos e não encontrou ninguém. Acreditamos que Salvador Calderon não dormiu em casa. Quase pegamos esse tal Carlos Marx na cozinha da sua casa, mas ele conseguiu fugir.

**Presidente** Senhor Collar, que continuem as buscas de todos! Sejam implacáveis! Fique em contato com o governador. Dou carta branca para tudo que fizerem.

**Ministro de Justiça** ( *indo embora*) Perfeitamente, Ilustríssimo Senhor. Com licença. Boa tarde. (*Trozo simula sair*)

**Presidente** Boa tarde.

**Llave** Seu Mordel, não pode esquecer os latinismos: *modus vivendi, ad libitum, modus operandi...*

**Mordel** *Vox populi, Vox dei, sursum corda, requiescat in pace.*

**Trozo** Especialmente nas suas entrevistas com os grandes pontífices da igreja, com os magistrados ou mesmo discursando para o povo simples.

**Mordel** Ou quando receber as credenciais dos embaixadores de grandes potências.

**Llave** Falemos agora da mudança de papéis entre vocês dois.

**Acidal** Isso mesmo. Como é que vamos fazer? Pode ser um encontro repentino do secretário da presidência comigo, quando estiver sentado na cadeira presidencial?

**Llave** Nada disso! Pra começar, o secretário não suporta o senhor. De jeito nenhum!

**Trozo** Acho que deve ser o ajudante de ordens que ao entrar...

**Llave** Espera aí! Espera aí! Tem que entrar primeiro o secretário, só depois o ajudante de ordens.

**Acidal** Depois, finalmente sentado na cadeira presidencial, marcarei uma série de audiências oficiais e oficiosas.

**Mordel, Trozo e Llave** Concordo... Muito bem... Certo... Porque a gente tem que pensar em todas as possibilidades.

**Acidal** (*para Mordel*) Agora, você é o secretário presidencial, quer dizer, meu secretário.

**Mordel** Está bom. Eu vou ser seu secretário.

**Acidal** Llave vai continuar como ajudante de ordens e o Trozo continuará representando os diferentes personagens das audiências.

**Trozo** Mas, como é que fica o negócio da diferença de roupas entre o senhor e o seu Mordel?

**Llave** Ah! É verdade, como é que fica?

**Acidal** Poxa! Isso é muito simples, só temos que trocar de roupa.

**Mordel e Trozo** Rapaz! É a coisa mais simples do mundo! (*Acidal e Mordel intercambiam paletós, coletes, colarinhos e gravatas*)

**Trozo e Llave** (*ajudando os irmãos*) Simples demais! Muito fácil!

**Mordel** (*para seu Irmão*) Tenho certeza de que você nunca precisará me substituir, mas em todo caso...

**Acidal** Não? Como é que você pode saber?

**Llave e Trozo** Sempre é melhor prevenir, seu Mordel. Em política tudo é possível.

**Acidal** Quando você menos pensar, pode acabar ficando doente ou mesmo pode ter que sair de cena por motivos estratégicos.

**Llave** E até no caso de ser vítima de um atentado, nunca se sabe.

**Acidal** No caso de ter que substituir você. No caso, eu preciso ensaiar o jeito de ficar parecido com você nos mínimos detalhes para que o pessoal, quando me vir na cadeira presidencial, continue acreditando que é você quem está governando.

**Trozo** E que não aconteceu nada. É lógico!

**Llave** Pelo menos no começo. Depois, podem até ficar sabendo que não é o senhor (*para Model*) que está na presidência, seu Acidal.

**Acidal** Mister Tenedy já falou: Na falta de seu Mordel, temos o seu Acidal.

**Trozo** Ele repete isso em todas suas cartas. Depois da gente tomar o poder não podemos largar o osso de jeito nenhum. Não podemos confiar em outro que não seja um dos irmãos.

**Llave** Os gringos não cofiam nem no general Otuna.

**Acidal** Além do mais, seria um absurdo que, em caso de necessidade, ninguém aproveita a extraordinária aparência que há entre a gente.

**Mordel e Trozo** (*acabando com a troca de roupa entre os irmãos*) Pronto! Ficou ótimo!

**Llave** (*para Acidal*) O senhor pode sentar na cadeira presidencial.

**Acidal** (*sentando-se*) Vamos nessa!

**Trozo** (*falando baixinho*) Vamos falar baixo, os serviçais podem ouvir.

**Mordel** (*indo em direção à porta da direita*) Eu, como secretário, não estou aqui, estou em outro lugar. (*para Acidal*) Você pode chamar quando quiser. (*Llave e Trozo, encostados na porta dos fundos, também simulam estar ausentes. Pausa, durante a qual, Acidal aproveita para arrumar suas roupas e assumir um ar solene e majestoso. Depois, simula tocar uma campainha. Mordel, no papel do secretário, simula entrar no escritório presidencial.*)

**Acidal** (*autoritário no papel de Presidente da República nem olha para o secretário*) Senhor secretário, telefone imediatamente para o general Chotango informando que acaba de ser nomeado Ministro do Fomento e que tem que se apresentar nesta mesma noite, depois do jantar, para prestar juramento de acordo com a lei. (*Trozo e Llave acompanham atentamente o efeito produzido em Mordel pela presença de Acidal na Presidência*)

**Mordel** (*surpreso, no papel de secretário*) Quer dizer... Perfeito... Excelentíssimo Senhor... Perfeitamente. (*caminha pensativo e indeciso em direção à porta, para e olha o presidente, fala balbuciante*) Estou querendo dizer... Muito bom...

**Presidente** (*irritado*) Senhor secretário, tenho percebido, já faz um tempo, certo desleixo de sua parte no cumprimento dos seus deveres. O senhor tem que melhorar, caso contrário vou ser obrigado a tomar medidas muito severas.

**Secretário** Excelentíssimo senhor, é uma espécie de tontura. Não é nada demais. Já passou. (*reagindo*) Falar com o general Chotango? É para já, excelentíssimo senhor! (*simula sair*)

**Llave** Estou achando...

**Trozo** (*interrompendo*) Shhh! Poxa! (*o Presidente simula tocar a campainha e Llave simula entrar como ajudante de ordens*)

**Presidente** (*sem olhar para o ajudante*) Tem alguém na sala de espera?

**Ajudante de Ordens** (*Percebendo Acidal melhor que Mordel, no papel de Presidente, fica des-norteadado*) Lá fora, excelentíssimo senhor presidente... Lá fora... Lá fora, está o Núncio Apostólico... E o prefeito de Zulaba...

**Presidente** Que entre o Núncio Apostólico de sua Santidade. (*o ajudante tenta falar alguma coisa, mas acaba abaixando a cabeça e fazendo o gesto para o Núncio entrar. Pausa*)

**Ajudante de Ordens** (*anunciando desde a porta dos fundos*) Sai eminência, o Núncio da sua Santidade.

**Trozo** (*no papel do Núncio, simula entrar*) Excelentíssimo Senhor Presidente da República, é um grande prazer, meus cumprimentos.

**Presidente** (*caminhando ao encontro do Núncio*) Bem-vindo, Monsenhor! É uma satisfação enorme receber o senhor! (*Estreitam as mãos*)

**Núncio** (*atordoado ao reconhecer Acidal no papel de Presidente*) Excelentíssimo... Excelentíssimo... Senhor Presidente... (*Mordel e Llave ficam atentos à cena*)

**Presidente** Por favor, Eminência, tome assento. É por aqui... Monsenhor, faça o favor.

**Núncio** O senhor é muito amável! Incrivelmente amável!

**Presidente** (*sentado frente ao Núncio*) Desde ontem, fiquei me preparando para receber vossa Eminência.

**Núncio** Desde ontem? Muito bem. (*olha em volta, absorto*)

**Presidente** Sua conversa é sempre cheia de luz, é um presente Monsenhor.

**Núncio** Senhor Presidente... Senhor Presidente da República... O prazer inenarrável é todo meu.

**Presidente** Cumprimento Vossa Eminência pelo absoluto restabelecimento da sua saúde. Foi uma pequena gripe sem maiores consequên-

cias, Vossa Santidade?

**Núncio** (*sem conseguir reagir*) Sim, sem maiores consequências... Sim, sem maiores consequências... (*de repente, fica enfático*) Embora meu cargo diplomático esteja totalmente à margem da política interna e das atribuições deste grande país, não posso deixar de jeito nenhum...

**Presidente** (*interrompendo*) Eu também entendo o estupor de Vossa Excelência. Não podia ser de outra forma...

**Núncio** Estou querendo dizer... Que a intenção que me motiva...

**Presidente** Vossa Eminência, deixe apresentar minhas mais sinceras desculpas em nome das instituições republicanas da minha pátria. Suplico humilde e respeitosamente que Vossa Eminência não acredite no vergonhoso caso que estamos tratando...

**Llave** (*desde seu canto*) Não, não, não! Não é desse jeito que...

**Mordel** Shhh! Deixa! Deixa ele continuar!

**Presidente** O vergonhoso caso que estamos tratando, não é nada mais do que um daqueles inevitáveis extravios pelo qual toda república jovem como a nossa acaba, às vezes, experimentando durante o transcorrer da sua turbulenta história.

**Mordel** Muito bem!

**Núncio** Eu também compartilho esse mesmo pensamento. O destino das nações jovens é um constante ir e vir tumultuado, cheio de contradições aparentes, porém sempre carregado de boas intenções, com todo tipo de inquietações, de ideais e paixões.

**Presidente** Monsenhor é extremamente indulgente, isso realmente me amolece.

**Mordel** (*para Llave*) Percebeu? Enfiou o Núncio no bolso.

**Núncio** Uma das obrigações mais importante da Igreja é entender a alma do povo, que acaba sendo a súpula da alma dos indivíduos.

Todo o resto: o momento político e a mudança de governo, fica em segundo plano perante o olhar de nosso sacro ministério. Excelentíssimo, não falemos mais disso. (*Mordel aplaude silenciosamente. Llave, na porta dos fundos, faz o mesmo. O próprio Trozo, fazendo um parêntesis no seu papel de Núncio, aplaude para si mesmo*)

**Acidal** (*acreditando que está sendo aclamado*) Não! Eu não mereço! É Trozo que merece ser aplaudido.

**Trozo** Como assim? Não senhor. É para o senhor! Por ter conseguido que o Núncio aceitasse o fato consumado.

**Acidal** Tudo bem, vamos acabar com isso. Continuando. Fale Eminência.

**Trozo** (*no papel de Núncio*) Excelentíssimo Senhor, eu vinha com a intenção de ser informado pessoalmente.

**Presidente** Monsenhor, esta é sua casa, o senhor sabe disso. Aqui não podemos recusar nada a Vossa Excelência.

**Núncio** Muito obrigado, Excelentíssimo Senhor. O motivo da minha visita é saber qual é a impressão causada ao Supremo Governo por minha proposta relacionada à inclusão da pastoral sobre a ideia de democracia de Sua Santidade, Benedito XV, no texto oficial de História Universal para o Ensino Médio. (*Acidal, sem entender nada do conteúdo da frase fica desorientado e interroga Trozo, Llave e Mordel com o olhar. Seu irmão responde levantando os ombros, gesticulando que ele também não entendeu nada*)

**Llave** (*para Acidal*) Responda que aprova com muito entusiasmo.

**Presidente** (*para o Núncio*) Aprovo com muito entusiasmo, Monsenhor. Com todo meu coração, Monsenhor. Fico lisonjeado, Monsenhor.

**Trozo** Bom, acho que está na hora de ir embora. (*levanta-se para sair, falando como o Núncio*)

Então Excelentíssimo Senhor, não há uma alternativa senão renovar-lhe nosso maior e infinito agradecimento em nome da Igreja e no meu próprio. (*estreitam as mãos*)

**Presidente** (*em pé*) Não seja por isso, Monsenhor. Ao contrário, sou eu quem volta a pedir desculpas pelo fato desastroso que certamente deixou Vossa Excelência na maior desesperança.

**Núncio** Repito que são coisas inelutáveis, porém totalmente compreensíveis para nações recentemente iniciadas nas lutas republicanas.

**Presidente** Monsenhor, pode ficar certo de que meu governo punirá exemplarmente esses comunistas e anarquistas que são os verdadeiros culpados dessa conspiração.

**Núncio** (*surpreso novamente*) Como é? Eu estava achando que...

**Presidente** (*dispensando o Núncio*) Monsenhor, muito boa tarde. Até qualquer momento.

**Núncio** (*sentindo-se banido*) É muito amável... Sumamente amável... (*Trozo simula sair*)

**Llave** Etc. etc. E muito bem.

**Mordel** Você esteve perfeito. Que nem eu. Absolutamente igual.

**Trozo e Llave** Perfeitamente igual. A semelhança com seu irmão é absoluta, e o jeito é o de um verdadeiro presidente.

**Trozo** Na verdade, no início, quando encontrei o senhor no momento que estava me recebendo sentado na cadeira presidencial, pensei que seu Mordel tinha se retirado numa habitação reservada para voltar depois.

**Mordel** Mas, enquanto eu não voltava, o que foi que o senhor pensou?

**Trozo** (*refletindo*) Enquanto o senhor não voltava... Enquanto o senhor...

**Acidal** (*para Trozo*) Vamos, lembre-se.

**Trozo** Na verdade, desde que o senhor avançou para me receber, cumprimentando-me, com aquele tom de voz “Bem-vindo,

Monsenhor!”

**Llave** (*reforçando*) O senhor já estava dominado, ou melhor, estava completamente convencido que tinha perante seus olhos o mesmíssimo Presidente da República.

**Trozo** Isso mesmo! Foi uma surpresa... Uma coisa... Algo que não é fácil explicar.

**Llave** E não é o caso de o senhor ter pensado no seu Mordel ou no seu Acidal, mas em outra coisa... Em outra coisa... Digamos, no Presidente da República.

**Trozo** O senhor falou e disse.

**Acidal** E depois disso? Depois da primeira impressão.

**Mordel** (*para Trozo*) Resumindo, o senhor percebeu mesmo que Acidal era Acidal?

**Trozo** (*pensativo*) Bom... Sim. Acredito que sim. Era sua própria voz, alguns gestos, e as orelhas um tanto...

**Llave** Eu percebi pelo seu rosto que sua impressão era essa.

**Mordel** Eu também achei isso.

**Acidal** Mas, então, não estou entendendo... Falaram primeiro que minha semelhança com meu irmão era total e agora vocês...

**Llave e Trozo** Com certeza, seu Acidal. Isso mesmo.

**Mordel** Acho que acabamos de criar uma confusão.

**Acidal** Se eu pareço eu e não meu irmão, vamos parar por aí. É perda de tempo ensaiar qualquer coisa. Para que ensaiar?

**Llave** Olhe aqui, seu Acidal.

**Trozo** Vou falar para os senhores terem uma ideia exata de tudo. Quando me despedi do seu Acidal, quer dizer, do presidente, eu estava na verdade um pouco embananado e certamente não fazia ideia qual dos dois tinha me recebido no papel de presidente.

**Llave** Mas, ao final, você tinha certeza ou não que fora o Presidente da República quem o rece-

beu?

**Trozo** Sobre isso não tenho dúvida nenhuma.

**Llave** Isso é o mais importante! Eu, como ajudante de ordens, tive a mesma impressão.

**Mordel** E eu como secretário também.

**Llave** Porque o que realmente interessa, seu Acidal, não é que as pessoas achem que o senhor é o seu Mordel, senão que elas achem que o senhor é o Presidente da República. Só isso.

**Acidal** (*pensativo*) Sei lá. Não sei o que falar.

**Trozo** Olha, seu Acidal, eu não sou o Núncio Apostólico. O que falei foi como eu mesmo, como Trozo. Pelo menos é o que eu acho. Agora bem, na hora da audiência, a gente não vai saber o que o Núncio, o verdadeiro Núncio, estará pensando quando se encontrar com o senhor no lugar do seu Mordel na presidência da República.

**Llave** Justamente por isso precisamos ensaiar para ficarmos garantidos.

**Mordel** Vamos em frente. (*para Acidal*) Senta na minha cadeira. Chama. Toca a campainha. (*Acidal senta-se novamente na cadeira presidencial*)

**Llave** Seu Mordel, Trozo, cada um no seu lugar... (*Llave, Mordel e Trozo retiram-se para seus lugares fingindo não estar em cena. Acidal retoma o jeito de chefe de Estado e simula tocar a campainha*)

**Trozo** Agora eu vou entrar como o Chefe da Casa Militar da presidência. (*no papel de coronel Chefe da Casa Militar, simula entrar na sala presidencial*) Excelentíssimo Senhor Presidente, uma passeata de desocupados acabou de chegar na frente do palácio de governo, a multidão está pedindo que o Chefe de Estado apareça no balcão presidencial... (*percebe que Acidal está desnorteadado*) É uma passeata... Um *meeting*!

**Acidal** (*imperativo, retomando o papel de Presidente*) É muita gente?

**Coronel** (*olhando de modo indefinido em volta*)  
Bota... muita... nisso.

**Presidente** Por favor, o senhor faça que o pessoal da Casa Militar compareça, e que fique esperando um momento pelo meu chamado. Comunique também a todos os ministros que agora estejam no palácio para que, por obséquio, compareçam aqui na minha sala, porque quero que me acompanhem nos balcões do palácio.

**Coronel** Excelentíssimo senhor... Acontece que... Tudo bem, entendido.

**Presidente** Faça que alguém fale aos manifestantes que o Chefe de Estado aceita com prazer o convite deles. (*gesto categórico*)

**Coronel** Muito bem, Senhor Presidente da República. (*Trozo simula sair*)

**Mordel** (*falando baixo desde um canto*) E aí, o que você achou, Trozo?

**Trozo** Mais ou menos. Depois eu falo. (*Acidal toca a campainha e Llave, como ajudante de ordens, finge entrar pelos fundos da sala*)

**Presidente** Pode deixar entrar a senhorita De La Flor. (*o ajudante de ordens obedece. Pausa*)

**Ajudante** (*Faz o anúncio desde a porta dos fundos*)  
A Senhorita de la Flor.

**Trozo** (*Entra como a senhorita de la Flor, leva de mãos dadas uma criança de três anos. Llave interpreta o papel da criança*) Muito boa tarde, Excelentíssimo Senhor.

**Presidente** Entre, senhorita de la Flor. Tudo bem com a senhorita? (*Cumprimento de mãos*)

**Senhorita de la Flor** Peço desculpas Excelentíssimo. O Senhor é muito bondoso, Senhor Presidente.

**Presidente** Sente-se, senhorita. Em que posso ajudá-la?

**Senhorita de la Flor** Muito obrigada, Excelentíssimo.

**Presidente** (*fazendo um agrado na criança*) E você? Como você se chama?

**Senhorita de la Flor** (*para a criança*) Cumprimenta o senhor presidente. Fala: Boa tarde, Excelentíssimo Senhor. (*a criança discorda e o Presidente ri*) O que é isso? Não vai cumprimentar? Ele é o Senhor Presidente da República!

**Llave** (*interpretando a criança*) Boa tarde, senhor...

**Presidente** Muito boa tarde, meu amiguinho. Como você se chama?

**Senhorita de la Flor** (*corrigindo a criança*) Tem que falar, Senhor Presidente.

**Criança** Se... sen... senhor...

**Presidente** Não consegue. Ele é muito simpático.

**Senhorita de la Flor** Ele é muito tímido, isso sim, excelentíssimo.

**Criança** Minha avó se chama Tota.

**Presidente** Quantos anos ele tem?

**Senhorita de la Flor** Quase três anos, lhe faltam três meses.

**Presidente** É muito novo ainda. Mas dá pra perceber que é bem esperto.

**Senhorita de la Flor** Foi justamente por causa da criança que decidi solicitar sua atenção, excelentíssimo senhor. O monsenhor arcebispo esqueceu completamente de mim e dessa criança.

**Presidente** Monsenhor Cochar é parente próximo da senhorita?

**Senhorita de la Flor** É precisamente meu primo, excelentíssimo senhor. Por tanto Pepito acaba sendo seu sobrinho em segundo grau.

**Mordel** (*falando baixo*) Não, não, não! De jeito nenhum!

**Acidal** Pode deixar. Depois a gente vê. (*para Trozo em tom presidencial*) Olha que coisa! (*para a criança*) Tão pequenino e já é sobrinho do arcebispo!

**Senhorita de la Flor** Pois é, excelentíssimo senhor. Ele é filho natural de uma criada nossa de Choral que voltou para sua cidade abandonando a criança. Uma mulher de vida fácil. Mas eu fiquei tomando conta do pequeno e até o adotei.

**Presidente** O monsenhor arcebispo conhece a criança?

**Senhorita de la Flor** Justamente, excelentíssimo senhor, a ideia de adotá-lo foi de meu primo. No começo, o próprio monsenhor Cochar tratava a criança como se fosse seu sobrinho.

**Presidente** (*maldoso*) Ah, muito bem! Como se fosse seu sobrinho! E a senhorita como se fosse seu filho! Percebi. E agora?

**Senhorita de la Flor** (*corada*) Agora, excelentíssimo senhor, meus recursos estão minguando e monsenhor Cochar, eu não entendo por que esqueceu da gente, não quer me receber, nem saber nada de nós. Não faço ideia do que está acontecendo com ele, que era tão bom e prestativo com todo mundo.

**Presidente** Monsenhor Cochar sempre foi muito virtuoso! Então, o que é que a senhorita quer que eu faça?

**Mordel** (*falando baixo*) É isso aí.

**Senhorita de la Flor** Excelentíssimo senhor, gostaria de poder contar com seu inestimável apoio perante Monsenhor Cochar para que de alguma forma acabe com esta situação porque ela está ficando cada vez mais difícil e lamentosa.

**Presidente** Bom. Farei o que for preciso. Garanto. Mas ocorre que neste mesmo instante está acontecendo uma manifestação na praça e...

**Senhorita de la Flor** (*dispondo-se a sair*) Eternamente grata, excelentíssimo.

**Presidente** Farei o que for preciso e no momento oportuno será informada do resultado dos meus préstimos.

**Senhorita de la Flor** Fico muito lisonjeada, excelentíssimo! Boa tarde.

**Presidente** Boa tarde, senhorita De La Flor. (*para a criança*) Adeus, amiguinho. Até daqui a pouco.

**Senhorita de la Flor** O senhor sabe, excelentíssimo? Ele é muito inteligente. Nos seus quase três anos ele já sabe o que vai ser quando crescer. É muito esperto!

**Presidente** Fala, Pepito, o que você vai ser quando crescer? Vai... Fala... (*a criança fica aborrecido e não responde*)

**Senhorita de la Flor** Pepito, responde ao senhor Presidente. Fala que o que você quer ser quando crescer. (*a criança dá sinais de angústia e ansiedade*) Fala! O que você quer ser?

**Criança** (*choramingando para a senhorita de la Flor*) Quero fazer xixi...

**Trozo e Mordel** Nossa!

**Llave** A realidade é a realidade! E uma criança é uma criança... Vamos ao que interessa. (*para Trozo*) O que você achou?

**Trozo** O que eu achei do quê?

**Llave** Do seu Acidal na presidência.

**Trozo** Bom, nada mal. Eu, no papel de mulher, entro na sala e vejo um homem que é o presidente que me recebe bem e pergunta no que pode me ajudar.

**Mordel** Certamente, é uma mulher que nunca tinha visto um presidente.

**Llave** Resumindo, não teve nada que o/a deixasse chocado/a?

**Trozo** Coisa nenhuma. E você?

**Llave** Eu..? Também não. Imagina, era uma criança de três anos.

**Acidal** Concluindo, temos que encurtar. Não vou aparecer mais nos balcões do palácio.

**Mordel** Não precisa. É demais.

**Llave** Para acabar, vamos fazer a cena da entrevista com o inimigo. (*consulta o relógio*) É mais de uma da manhã!

**Mordel** Eu faço o presidente?

**Llave** Não, senhor. É a vez do seu Acidal. (*avancando desde a porta dos fundos*) Vou anunciar como ajudante de ordens. (*Acidal continua na sala presidencial. Mordel volta para a porta da direita e Trozo fica esperando ao lado de Llave*)

**Ajudante de Ordens** (*anunciando*) Excelentíssimo Senhor Presidente, acabam de trazer o general Nhatón, aquele que foi preso on-

tem. o senhor tinha ordenado...

**Presidente** Isso mesmo. Que compareça imediatamente. *(Llave simula sair. Pausa)*

**Ajudante de Ordens** *(anunciando)* O senhor Prefeito, Chefe da Polícia.

**Trozo** *(no papel do Prefeito, simula entrar)* Excelentíssimo Senhor Presidente, o general Nhatón está na sala de espera.

**Presidente** Mande entrar. *(pausa)*

**Llave** Uma cadeira vai ser o general Nhatón. *(pega uma cadeira e coloca no centro da sala, bem na frente de Acidal)* Essa aqui! *(olhando para a cadeira vazia)* O velho general Nhatón tem as mãos amarradas nas costas, está sujo, com uniforme de campanha, sem chapéu, e completamente estarecido. A raiva e desgosto do perdedor racham seu semblante, transformando seu olhar em uma labareda selvagem. *(todos olham para a cadeira)*

**Trozo** Enquanto o general Nhatón fica aí, silencioso, uma mistura de curiosidade e espanto instala-se no salão presidencial, que está cheio de grandes personalidades da Nação. Ninguém fala, ninguém se mexe. *(desse jeito, todos encenam o ambiente descrito)*

**Llave** *(falando para a cadeira)* O general Nhatón, frente ao Senhor Presidente, abaixa o olhar. *(para Acidal)* O senhor o encara com raiva. *(Acidal olha a cadeira com raiva)*

**Mordel** Isso! Agora solte os cachorros!

**Presidente** *(para a cadeira, tomado pela raiva)* Seu Miserável! Traidor da Pátria! Qual o motivo para conspirar contra meu governo? Por acaso pretendia retomar a presidência para sujá-la novamente com o sangue do povo inocente e embolsar outros milhões mais ainda? Responda! *(oara o ajudante de ordens)* Solte as mãos dele. *(Llave simula cumprir a ordem. O Presidente tira um revólver do bolso e oferece ao prisioneiro)* Pode pegar meu revólver. *(Coloca a arma na cadeira e apresenta o peito como alvo)* Atire! O senhor queria minha ca-

beça? Muito bem, aqui está, bem na sua mira. Atire! Pode me matar! *(a cadeira/general continua imóvel. Então, o Presidente tira um outro revólver e desafiante aponta para o prisioneiro)* Agora é de homem para homem! Vamos aponte! Atire! Quem ficar de pé, fica com a presidência! *(grande expectativa no salão presidencial)* Um! Dois! Segure bem a arma! Aponte! Como é que é? Cadê sua valentia? *(já que o general/cadeira não se mexe, o Presidente fala com desprezo)* Devolva essa arma, seu covarde! *(recolhe a arma violentamente e ordena)* Amarrem de novo. *(a ordem é executada e o Presidente ruge)* Covarde! *(simula arrancar as insígnias do general)* Não tem merecimento! É um reles soldado! *(simula cuspir nele)* Leva! Leva para o calabouço!

*A porta dos fundos é aberta com brutalidade, entra o general Tequila, acompanhado de vários oficiais e sua tropa. O Tenente Del Millar está entre eles. Os Irmãos Colacho e seus assessores ficam atônitos.*

**General Tequila** *(ordenando e apontando para cada um deles)* O Presidente da República! O Secretário de Estado! O Ajudante de Ordens! O Prefeito Chefe da Polícia! Algemem os quatro! *(a tropa executa a ordem do general e os quatro homens entregam as mãos com mansidão)* Que sejam fuzilados antes do amanhecer!

**Vozes de multidão** *(enquanto o pano cai lentamente)* Abaixo a revolução! Abaixo o imperialismo norte-americano! Viva o Presidente Palurdo!

## Fim da farsa

### Notas

- 1 Literalmente: No país dos infiéis, adição ao título dos bispos católicos designados para cargas puramente nominais em países não cristãos.
- 2 Albert François Lebrun foi um engenheiro de minas e político francês da Aliança Democrática Republicana que serviu como Presidente da França de 1932 a 1940.

